



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA
LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA SOCIAL DA
COMUNICAÇÃO E COGNIÇÃO - LACCOS

Luiza Gutz

**ENVELHECIMENTO E ESPIRITUALIDADE: UM
ESTUDO SOBRE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE IDOSOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, pela acadêmica Luiza Gutz, sob orientação do Prof^o Dr. Brígido Vizeu Camargo, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

FLORIANÓPOLIS
2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Gutz, Luiza

Envelhecimento e espiritualidade: um estudo sobre
representações sociais de idosos / Luiza Gutz ; orientador,
Brigido Vizeu Camargo - Florianópolis, SC, 2013.
182 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa
de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui referências

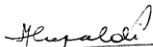
1. Psicologia. 2. Representações sociais. 3.
Envelhecimento. 4. Espiritualidade. I. Vizeu Camargo,
Brigido . II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

Luiza Gutz

***Envelhecimento e espiritualidade: um estudo sobre representações
sociais de idosos***

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 08 de março de 2013.




Dra. Maria Aparecida Crepaldi
(Coordenadora - PPGP/UFSC)



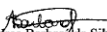
Dr. Brígido Vizeu Camargo
(PPGP - UFSC - Orientador)



Dra. Maria Elisa Caputo Ferreira
(LABESC - UFJF - Examinadora)



Dra. Carmen Leontina O'Connell Moré
(PPGP - UFSC - Examinadora)



Dra. Andrea Barbará da Silva Bousfield
(PPGP - UFSC - Examinadora)

Dr. José Baus
(UFSC - Suplente)

À minha amada companheira Adriana que, com muito amor, paciência e compreensão acompanhou meus passos de dedicação a este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos reduzidos às próximas linhas fazem referência ao apoio que recebi de inúmeras pessoas que, generosamente me auxiliaram a crescer como pessoa e pesquisadora ao longo da construção dessa dissertação.

Agradeço a minha família, pela compreensão nos momentos de afastamento e pelo incentivo constante, no sentido de fazer desse aprendizado um degrau para a vida. Mãe, sua serenidade foi, em muitos momentos, um ninho de aconchego.

A você Adriana, minha amada companheira, agradeço todos os cuidados, paciência e incentivo ao longo do mestrado. Seu violão, muitas vezes, acalmou meu coração agitado e permitiu que eu mantivesse lucidez para concluir esse projeto de vida.

Aos amigos, especialmente aos que estiveram mais envolvidos nessa trajetória, agradeço as palavras de incentivo e o respeito em relação aos momentos que estive ausente ou irritadamente presente. Vocês fazem parte da minha vida: Greice, Tiago, Jane, Yuri, Betila, Rodrigo, Bárbara, Marcos, Poli, André, Vania, Marcelo, Mariani, Elise, Henrique, Téio, Janja, Rochele, Ângela, Ana, André, Charles e Lissandra. Agradeço ainda ao amigo Carlos Guilherme Addor (*in memoriam*) com quem vivenciei inúmeras trocas intergeracionais. Agradecimento especial que estendo a você Mirian, amiga de tantas manhãs, tardes e noites de trocas acadêmicas, angústias e descobertas de respostas.

Agradeço a vocês, Eloísa, Vilela, Rozana, Josi, Denise, Celma, Simone, Greice, Adriana, Edeonildo, Mariani, Elisabeth, Amábile, Beatriz, Tânia, Camila, Neusa, Joel, Jaqueline e Annie, que gentilmente me auxiliaram na indicação de participantes para este trabalho.

Agradeço a todos os grandes idosos e idosas que me receberam em suas casas para compartilhar seus pensamentos. Foram momentos de grande aprendizado que me auxiliaram a amadurecer e abrir os olhos para refletir sobre a vida. A todos vocês, que por questão de sigilo, não cabe mencionar os nomes, agradeço a confiança.

Agradeço a toda equipe do LACCOS, em especial a você Daniela, que me ajudou a compreender os programas informáticos, disponibilizando horas e atenção ao longo das análises. Certamente, agradeço a você Larissa, com quem sempre pude contar, desde os primeiros dias de aula no mestrado. Sua disponibilidade em me guiar na elaboração de trabalhos ao longo das disciplinas foi fundamental para eu sentir-me mais segura. Devo algumas cervejas para regar nossos

próximos encontros. Não posso deixar de agradecer a você Annie, que serenamente me orientou em momentos de confusão e compartilhou palavras de fé e esperança. E você Andrea, que sempre manifestou interesse quanto ao meu estado emocional ao longo desses dois anos. Agradeço aos meus colegas de mestrado, assim como aos professores que compartilharam seus saberes e souberam instigar a ampliação do conhecimento científico.

Esse último parágrafo de agradecimento, dedico ao meu estimado orientador, Prof. Dr. Brígido Vizeu Camargo. Sua orientação, desde o momento em que não passei na entrevista de mestrado em 2009, me auxiliou a escolher novos caminhos em busca de conquistar a entrada no programa de pós-graduação em psicologia da UFSC. Ter vivenciado a experiência como aluna especial foi importante para aproximar-me ainda mais da Teoria das Representações Sociais. Depois, em 2011, comemorei junto ao senhor professor, a conquista na segunda tentativa. Suas orientações criteriosas e precisas me ajudaram a manter a objetividade e concluir esta dissertação. A oportunidade de estudar o tema da espiritualidade na velhice foi um presente que possibilitou meu crescimento, tanto como pesquisadora quanto pessoa. Agradeço a você, caro professor, o incentivo e os cuidados durante toda a trajetória do mestrado.

“Velhice é quando se percebe que não existe no futuro nenhum evento portentoso por que esperar, como início da felicidade. Mas isto não será verdadeiro da vida inteira? Por isso, talvez, os jovens devessem aprender com os velhos que é preciso viver cada dia como se fosse o último. A alegria mora muito perto. Basta esticar a mão para colhê-la, sem nenhum esforço. Mas, para isto, seria necessário que os nossos olhos fossem iluminados pela luz do crepúsculo.” Rubem Alves

Gutz, Luiza. (2013). Envelhecimento e espiritualidade: um estudo sobre representações sociais de idosos. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis (SC).

RESUMO

Este estudo teve como objetivo investigar as relações entre a espiritualidade e o enfrentamento de situações de vida na velhice. Participaram do estudo 30 idosos pareados por sexo com idade igual ou superior a 80 anos, residentes na região da Grande Florianópolis –SC. Eles participaram de uma entrevista onde responderam o que pensavam a respeito da vida, da velhice, da espiritualidade e do após a morte, além de questões de caracterização. Os dados de caracterização foram analisados com auxílio do software SPSS e os dados textuais foram analisados através de classificações hierárquicas descendentes (CHDs) e análises de contraste entre as modalidades da variável sexo através do ALCESTE, seguido de análise sequencial das narrativas. Os resultados indicam que o objeto vida apresentou indícios de três representações sociais. A primeira ancorada no tema família foi caracterizada pelas mulheres. As outras duas representações, predominantemente masculinas, estiveram ancoradas nos temas trabalho e espiritualidade respectivamente. O objeto velhice teve indicativo de três representações sociais, uma predominantemente feminina, outra masculina e uma terceira compartilhada por ambos os sexos. A representação social feminina esteve ancorada na ideia de superproteção dos filhos para com os pais idosos. Na segunda representação a velhice foi significada como manutenção do sentir-se útil e na terceira a velhice foi significada como processo natural da vida. O objeto espiritualidade apresentou indícios de duas representações sociais, uma predominantemente feminina ancorada na ideia de religiosidade, proteção divina, e transcendência da matéria e outra masculina ancorada na ideia de conexão com um ser superior, existência de um mundo espiritual, qualidade de pensamento e responsabilidade humana. A análise sequencial das narrativas resultou em duas tipologias. Na tipologia 1 as religiões tiveram uma importante função na explicação dos mistérios da vida e da morte, sendo que a segurança de uma vida após a morte apareceu como forma de aplacar as inseguranças e incertezas que acompanham a proximidade com a finitude na velhice. Na tipologia 2 a espiritualidade foi significada como vontade de viver e sentido de vida, sendo que questões vivenciais,

de atitudes e busca por valores e significados de vida apareceram como facilitadores de aceitação da velhice. A partir da análise dos resultados, pode-se perceber que a espiritualidade apareceu entre os participantes desse estudo como recurso de enfrentamento diante de situações de perdas e mudanças. As orações, como práticas sociais, apareceram como forma de acessar um ser superior que protege e conforta o ser humano diante das situações da vida e da morte. O tema espiritualidade significado como um recurso de enfrentamento esteve direcionado ao favorecimento do processo de aceitação da velhice, fortalecimento da vontade de viver, facilitador de bem estar, saúde, boa convivência familiar e social, lidar com as limitações físicas, com perdas de pessoas próximas e com a proximidade da própria morte na velhice, assim como potencializar a capacidade de enfrentar desafios. A espiritualidade mostrou-se um importante fator na elaboração de sentido de vida e bem estar na velhice, sendo que os idosos que referiram à presença da espiritualidade em suas vidas articularam-na a posturas positivas diante de adversidades.

Palavras-chave: representações sociais, velhice, idosos, espiritualidade.

Gutz, Luiza. (2013). Aging and spirituality: a study on social representations of elders. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis (SC).

ABSTRACT

This study aimed to investigate the conceptions of spirituality, aging and coping with situations of life in older age and their relationships. The study included 30 patients over 80 years old, matched for age and sex, residents in the Greater Florianópolis-SC. Participants were interviewed and they answered questions about life, old age, spirituality and after death, as well as issues of characterization. The characterization data were analyzed with SPSS software and textual data were analyzed by hierarchical classifications descendants (CHDs) and analysis of the contrast between the methods of gender through ALCESTE, followed by sequence analysis of the narratives. The results indicate that the object life showed evidence of three representations. The first, family was anchored on the theme characterized by women. The other two representations, predominantly male, were anchored in themes work and spirituality respectively. The object age was indicative of three representations, a predominantly female, another male and a third shared by both sexes. The social representation of women was rooted in the idea of overprotecting their children to elderly parents. In the second representation, old age was meant as maintaining usefulness and the third was meant to aging as a natural process of life. The object spirituality showed evidence of two representations, a predominantly female anchored in the idea of religion, divine protection, and transcendence of matter and another male anchored in the idea of connection with a higher being, existence of a spiritual world, quality of thought and human responsibility. Sequence analysis of the narratives resulted in two types. In type 1, religions have an important role in explaining the mysteries of life and death, and the security of a life after death appeared as a way to assuage the insecurities and uncertainties that accompany the proximity to the finitude in old age. In type 2, spirituality was meant as a will to live and the meaning of life, and existential issues, attitudes and search for values and meaning of life appeared as facilitators of acceptance of old age. Analysis of the results show that spirituality appeared among the participants in this study as a resource for coping in situations of loss and change. The prayers, as

social practices, appeared as a means of accessing a higher being that protects and comforts in situations of life and death. The theme of spiritual meaning as a coping mechanism was directed to favor the acceptance of the aging process, strengthening the will to live, facilitator of wellness, health, good social and family life, dealing with physical limitations, losses of people close and the proximity of his own death in old age, as well as enhance the ability to face challenges. Spirituality was found to be an important factor in the development of life and sense of well-being in old age, and the elderly who reported the presence of spirituality in their lives-articulated positions on the positive face of adversity.

Keywords: social representations, old age, elderly, spirituality.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Distribuição dos participantes por sexo e idade	62
Tabela 2 Distribuição por sexo e com quem mora	63
Tabela 3 Distribuição dos participantes por sexo e profissão	63
Tabela 4 Número de participantes por sexo em relação à presença ou ausência de doenças crônicas	64
Tabela 5 Distribuição dos participantes por sexo, religião e prática religiosa	65
Tabela 6 Palavras características de homens e mulheres nas representações sociais da vida	69
Tabela 7 Palavras características de homens e mulheres nas representações sociais da velhice	72
Tabela 8 Palavras características de homens e mulheres nas representações sociais da espiritualidade	75

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Dendograma de classes sobre representações sociais da vida	66
Figura 2 Dendograma de classes sobre representações sociais da velhice	70
Figura 3 Dendograma de classes sobre representações sociais da espiritualidade	73
Figura 4 Representação gráfica da tipologia 1	83
Figura 5 Representação gráfica da tipologia 2	84
Figura 6 Elementos narrativos tipologia 1	119
Figura 7 Elementos narrativos tipologia 2	123

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	19
2. OBJETIVOS.....	23
2.1. Objetivo geral.....	23
2.2 Objetivos específicos.....	23
3. MARCO TEÓRICO.....	24
3.1 Envelhecimento humano como processo de desenvolvimento.....	24
3.1.1 As idades do envelhecer.....	24
3.1.2 Envelhecimento no Brasil.....	26
3.1.3 Envelhecimento potencialmente bem-sucedido no processo de viver.....	27
3.2 Processo de otimização seletiva com compensação no envelhecimento.....	28
3.3 Recursos de enfrentamento na velhice.....	29
3.4 Espiritualidade: significado atribuído à vida.....	31
3.4.1 Espiritualidade e religiosidade.....	32
3.5 Religião e seus sistemas de crenças.....	36
3.5.1 Sincretismo religioso no Brasil.....	38
3.5.2 Cristianismo: uma religião monoteísta.....	39
3.6 Espiritualidade como recurso de enfrentamento na velhice.....	40
3.7 A teoria das representações sociais.....	43
3.7.1 Abordagens da teoria das representações sociais.....	44
3.7.2 Universos consensuais e reificados.....	45
3.7.3 Ancoragem e objetivação.....	47
3.8 Representações sociais do envelhecimento.....	50
4. MÉTODO.....	55
4.1 Caracterização da pesquisa.....	55
4.2 Participantes.....	55
4.3 Instrumentos.....	56

4.4	Procedimentos de coleta de dados.....	57
4.5	Análise dos dados.....	59
5.	RESULTADOS.....	62
5.1	Caracterização dos participantes.....	62
5.2	Representações sociais da vida.....	66
5.3	Representações sociais da velhice.....	69
5.4	Representações sociais da espiritualidade.....	73
5.5	Análise sequencial das narrativas.....	76
6.	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	86
6.1	Caracterização dos participantes.....	86
6.2	Representações sociais da vida.....	88
6.2.1	Representações sociais da vida para homens e mulheres.....	94
6.3	Representações sociais da velhice.....	97
6.3.1	Representações sociais da velhice para homens e mulheres.....	106
6.4	Representações sociais da espiritualidade.....	110
6.4.1	Representações sociais da espiritualidade para homens e mulheres.....	115
6.5	Análise sequencial das narrativas.....	118
6.5.1	Tipologia 1.....	118
6.5.2	Tipologia 2.....	122
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	127
8.	REFERÊNCIAS.....	137
9.	ANEXOS.....	153
9.1	Anexo 1 – Termo de consentimento livre e esclarecido...153	
9.2	Anexo 2 – Parecer do Comitê de Ética em pesquisa.....154	
10.	APÊNDICES.....	155
10.1	Apêndice 1 Instrumento.....	155
10.2	Apêndice 2 Transição entre os temas e elementos narrativos.....	157
10.3	Apêndice 3 Variáveis de caracterização dos participantes.....	175

1. INTRODUÇÃO

A longevidade impulsiona à reflexão sobre o sentido atribuído a vida e seus múltiplos significados relacionados com as diversas maneiras de envelhecer. A compreensão da velhice atravessou uma mudança gradual, anteriormente vinculada exclusivamente à incapacidade e perdas, passou a ser entendida como uma fase do desenvolvimento humano, constituída de perdas e ganhos. A velhice é caracterizada pela exposição do idoso a acontecimentos da vida, transformações pessoais e sociais, e demanda o uso de recursos biológicos e psicológicos em interação com recursos sociais no enfrentamento, e resolução de desafios de situações da vida.

O Brasil é um país que está envelhecendo. O crescimento da população com 60 anos ou mais, idade para ser considerado idoso no país, é resultado do aumento da longevidade média da população para além dos 70 anos, do declínio da mortalidade em todas as idades, dos cuidados sócio-sanitários e da redução na taxa de natalidade nos últimos anos (Osório, 2007). A população brasileira de idosos crescerá, no período entre 1950 e 2025, aproximadamente 15 vezes contra cinco vezes da população total, constituindo-se na sexta maior população de idosos do mundo, alcançando o número de 32 milhões de pessoas. Quando considerados apenas os com 80 anos ou mais, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) apontam que no ano de 2000 o Brasil somava 1,8 milhão de pessoas e em 2050 esse contingente será de 13,7 milhões. Estas estatísticas indicam a realidade do envelhecimento da população brasileira.

O fato de a velhice ser considerada a última etapa da vida faz com que ocorra um aumento na frequência em pensar a vida e a morte, uma vez que, a partir dos 80 anos o idoso reconhece-se como velho (Borella, 2012). O avanço de idosos com 80 anos ou mais no curso de vida amplia a probabilidade de contato com eventos de perdas e a necessidade da utilização de recursos de enfrentamento para vivenciá-los. Eles vivenciam mudanças físicas, fisiológicas, de papéis sociais e a proximidade com a morte. Fatores que podem conduzir a sentimentos negativos, de abandono, inutilidade, de falta de autonomia e de controle sobre si e seu meio.

Para lidar com as adversidades na velhice, o modelo multidimensional de envelhecimento bem-sucedido proposto por Baltes e Baltes (1990) considera a relação entre perdas e ganhos no processo de envelhecimento, contemplando a exploração das capacidades adaptativas e de reserva nessa etapa da vida. Caracteriza-se ainda pela

habilidade do idoso em lidar com uma variedade de demandas vinculadas a perdas e mudanças como o declínio da saúde física, mudanças psicológicas e sociais como eventos de perdas, afastamento do mercado de trabalho, alteração de papéis sociais, perda de amigos e pessoas da família e a proximidade com a própria morte.

No decorrer do processo de envelhecimento são utilizados recursos cognitivos, emocionais e sociais para enfrentar situações inusitadas, originados do sistema de crenças e valores socialmente construídos e compartilhados. A espiritualidade pode ser contemplada na velhice como um dos recursos de enfrentamento para situações adversas, constituindo-se de aspectos emocionais e motivacionais na busca de um significado para a vida. Baker e Nussbaum (1997) avaliaram retrospectivamente as dimensões espirituais e religiosas de um grupo de idosos entre 68 e 100 anos. Os dados mostraram que eles se percebiam mais espiritualizados e tendo uma conexão emocional mais forte com sua espiritualidade naquele momento do que quando tinham 45 anos. Os autores argumentam que essa constatação pode corroborar a noção de que o aumento da espiritualidade é um fenômeno natural do processo de desenvolvimento e envelhecimento.

A noção de espiritualidade diferencia-se da religião. As religiões possuem um código de ética que rege o comportamento e dita os valores morais. Contempla a relação entre o homem e o poder sobre-humano no qual ele acredita ou do qual se sente dependente. Desempenha um papel significativo na vida social e política de todas as partes do globo, sustentada pela irmandade entre seus seguidores. Espiritualidade não significa crença no Deus judaico-cristão-islâmico e não se restringe a ela, e crença em Deus não constitui espiritualidade (Solomon, 2003).

A espiritualidade remete a uma questão universal relacionada ao significado e ao propósito da vida. Ela é uma reflexão sobre o significado da existência. Originada do latim *spiritus*, significa sopro, em referência ao sopro da vida (Sommerhalder & Goldstein, 2006). A espiritualidade é um fenômeno humano, parte essencial da existência humana. A espiritualidade requer não só sentimento como também pensamento, e pensamento requer conceitos. Funciona como um recurso interno do indivíduo, que pode ser acionado pelo contato com a natureza, com as artes, com a experiência de doação de si ou com o engajamento em causas que visam ao bem coletivo (Moberg & Brusek, 1978).

Uma das variáveis importantes para o enfrentamento das perdas decorrentes do envelhecimento diz respeito ao entendimento que as

pessoas têm dessa etapa da vida. Qual o conjunto de valores e crenças que constituem os significados atribuídos a vida e a velhice? O saber popular, os conhecimentos elaborados e compartilhados socialmente, ou seja, as representações sociais influenciam a concepção de velhice no contexto social e as práticas sociais dos próprios idosos e do seu entorno. A teoria das representações sociais (Moscovici, 2010) permite compreender de que posição o indivíduo fala, qual o conjunto de significados, valores e crenças que atribui à espiritualidade e qual o papel que ela ocupa diante de situações de vida. A importância da investigação da representação social de idosos sobre a velhice e a espiritualidade justifica-se pelo impacto que suas significações têm sobre si e sobre suas ações no mundo.

A teoria das representações sociais fundamenta a presente investigação, por permitir a compreensão do senso comum como uma forma específica de conhecimento do mundo, na qual os grupos constroem e compartilham um conjunto de conhecimentos, conceitos e explicações sobre determinado fato ou tema, durante conversações interpessoais que estabelecem no cotidiano. Estudar os idosos com idade igual ou superior a 80 anos torna-se cada vez mais importante para aprimorar as políticas públicas de saúde em prol da contribuição para o aumento da expectativa de vida, bem estar na velhice e ampliação das intervenções em saúde. A presente dissertação de mestrado faz parte da área 3 – saúde e desenvolvimento psicológico do Programa de Pós Graduação de Psicologia (PPGP) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Está inserida na linha de pesquisa: representações sociais do envelhecimento, relações intergeracionais, atenção e cuidado com a saúde do Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição (LACCOS). Almeja contribuir para o favorecimento da reflexão e discussão científica sobre a importância de considerar o fenômeno da espiritualidade como uma dimensão da existência humana pertencente à constituição do bem estar em prol da saúde.

A importância da presente pesquisa reside também na contribuição às pesquisas sobre representações sociais da velhice, integrando o objeto de representação espiritualidade. A investigação torna-se relevante ainda no sentido de favorecer o acesso ao entendimento dos idosos sobre vida, velhice e espiritualidade, uma vez que, a partir dos 80 anos o idoso vivencia e reconhece sua imersão completa na velhice (Borella, 2012). Estudar representações sociais possibilita acessar a maneira pela qual os seres humanos tentam captar e compreender as coisas que o circundam e resolver os conflitos que envolvem sua existência social. Elas possibilitam verificar quem sabe e

de onde sabe; o que e como sabe; sobre o que sabe e com que efeitos (Jodelet, 2001).

O estudo das representações sociais foi a via de acesso para descrever os significados, crenças e valores sobre vida, velhice e espiritualidade por parte de idosos com 80 anos ou mais, objetivando caracterizar as representações sociais desses temas e relacionar a função da espiritualidade com os significados atribuídos à vida e sua presença na etapa da velhice. A fim de caracterizar as relações entre espiritualidade e enfrentamento de situações de vida na velhice, buscou-se responder ao problema de pesquisa proposto: qual o papel da espiritualidade na velhice?

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar as relações entre a espiritualidade e o enfrentamento de situações de vida na velhice.

2.2 Objetivos Específicos

Descrever as representações sociais de idosos com idade igual ou superior a 80 anos sobre a vida.

Caracterizar as representações sociais de idosos com idade igual ou superior a 80 anos sobre a velhice.

Caracterizar as representações sociais de idosos com idade igual ou superior a 80 anos sobre espiritualidade.

Verificar se os significados atribuídos a vida estão relacionados com as representações sociais de velhice.

Verificar se os significados sobre espiritualidade estão relacionados com o enfrentamento de situações de vida na velhice.

3. MARCO TEÓRICO

3.1 Envelhecimento humano como processo de desenvolvimento

O envelhecimento é um processo que congrega aspectos biológicos, psicológicos e sociais. Dentro de uma perspectiva biológica a velhice humana gera uma redução da capacidade funcional devido ao curso do tempo, tal como em todos os seres vivos, mas essas limitações não impedem o desenvolvimento de uma vida com bem estar. O ponto principal desta perspectiva no estudo do envelhecimento é conseguir observar o seguimento de alterações morfológicas e funcionais do organismo a medida que o tempo passa (Neri, 2001).

Na perspectiva psicológica o envelhecimento envolve o equilíbrio entre os ganhos (crescimento) e declínios (perdas), atitudes e personalidade. Durante a velhice, o declínio ocorre em maior proporção do que o crescimento, mas ambas ocorrem ao longo do tempo de sobrevivência, existindo a capacidade de reserva ao longo de toda a vida. Um fator presente no curso de vida do envelhecer diz respeito a existência de atitudes diferentes em função da personalidade e a procura pelo bem estar como sentido de destaque para a vida. Na perspectiva social consideram-se os processos de mudanças de atitudes e mentalidades decorrente das relações interpessoais e condições de vida (Neri, 2001).

3.1.1 As idades do envelhecer

O envelhecimento humano pode ainda ser compreendido a partir da composição de diferentes idades: cronológica, biológica, social e psicológica. A idade cronológica refere-se ao número de anos que tem decorrido desde o nascimento da pessoa. Ela por si só não causa o desenvolvimento. Papalia, Olds e Feldman (2006) propõem a classificação por idade de pessoas mais velhas em três grupos: os idosos jovens compreendendo as pessoas entre 65 e 74 anos: ativas, cheias de vida e vigorosas; os idosos velhos, pessoas entre 75 a 84 anos e os idosos mais velhos com 85 anos ou mais. Stuart-Hamilton (2002) propõem as categorias “velhos jovens” entre 60 e 69 anos; “velhos de meia idade” entre 70 e 79 anos; “velhos velhos” entre 80 e 89 anos e “muito velhos” a partir de 90 anos.

A Organização Mundial da saúde (OMS) classifica o envelhecimento em quatro estágios: meia idade (45 a 59 anos); idoso (60 a 74 anos); ancião (75 a 90 anos) e velhice extrema (90 anos em diante). A classificação etária é variável dependendo do autor e da cultura. A expressão “grandes idosos” é utilizada em Portugal como sinônimo de quarta idade, compreendendo a idade de 75 e mais (Santana, 2005). Nas publicações nacionais, a expressão comumente utilizada para idosos com 80 anos ou mais é de “muito idoso”, “idosos mais velhos” ou pessoas com idade igual ou superior a 80 anos, expressão essa utilizada na presente pesquisa.

A idade biológica é definida pelas modificações corporais e mentais que ocorrem ao longo do processo de desenvolvimento. A partir dos 40 anos a estatura do indivíduo diminui (1cm por década), a pele fica mais fina e menos elástica, a visão declina, a audição diminui. Apesar de algumas reduções na quantidade de neurônios (perda de neurônios) as funções mentais permanecem preservadas até o final da vida (Costa & Pereira, 2005).

A idade social faz referência à avaliação do grau de adequação de um indivíduo no desempenho de papéis sociais e aos comportamentos esperados para as pessoas de sua idade, num dado momento da história de cada sociedade (Neri, 2001). Ela é composta por atributos que caracterizam as pessoas e varia de acordo com a cultura, gênero, classe social, o transcorrer das gerações e das condições de vida no processo do envelhecimento. A idade social está relacionada com a cronológica e biológica (Schneider & Irigaray, 2008).

Por sua vez a idade psicológica caracteriza-se pela forma de auto-avaliação do indivíduo (Neri, 2001). Está relacionada com as habilidades adaptativas dos indivíduos para se adequarem às exigências do meio e senso subjetivo de idade. As pessoas se adaptam por meio do uso de características psicológicas, como aprendizagem, memória, inteligência, controle emocional e estratégias de enfrentamento. Os padrões de comportamento adquiridos e mantidos ao longo da vida influenciam na maneira como as pessoas envelhecem.

Diante da complexidade dos critérios que definem o envelhecimento, a OMS instituiu em 1990 o termo envelhecimento ativo. A abordagem do envelhecimento ativo é baseada no reconhecimento dos direitos humanos das pessoas mais velhas e nos princípios de independência, participação, dignidade, assistência e auto-realização estabelecidos pela Organização das Nações Unidas (ONU). Com essa abordagem, o planejamento estratégico deixa de ter um enfoque baseado

exclusivamente nas necessidades biológicas ou de cuidados (que considera as pessoas mais velhas alvos passivos) e passa a ter um enfoque baseado nos direitos dos mais velhos à igualdade de oportunidades e tratamento em todos os aspectos da vida a medida que envelhecem. Apóia a responsabilidade dos mais velhos no exercício de sua participação nos processos políticos e outros aspectos da vida em comunidade.

3.1.2 Envelhecimento no Brasil

O número de pessoas idosas cresce em ritmo mais acelerado do que o número de crianças que nascem. O Brasil vive um momento histórico de revolução na faixa etária, que se caracteriza pela queda acentuada das taxas de mortalidade e de fertilidade. A mortalidade infantil diminuiu de 135 mortes para 20 mortes a cada mil nascidos vivos no período que compreende os anos de 1995 e 2010. Nos últimos 50 anos, a taxa de nascimentos reduziu quase 50%, na década de 1940 a média era de seis filhos por mulher e para 2050 projeções apontam um índice de 2,1 crianças por mulher (PNAD, 2009). A expectativa de vida ao nascer aumentou de 50 para aproximadamente 73 anos no período entre 1995 e 2010, tendo o estado de Santa Catarina a expectativa mais alta do país 73,9 anos (Banco Mundial, 2011).

A faixa etária dos 60 anos ou mais (idade em que as pessoas são consideradas idosas nos países em desenvolvimento) é a que mais cresce em proporção no Brasil; exibindo um dos crescimentos mais acelerados do mundo, resultado do aumento da esperança de vida, do declínio da mortalidade em todas as idades devido ao avanço dos cuidados sócio-sanitários e tecnológicos e do declínio da fecundidade nos últimos anos (Osório, 2007). A população de idosos irá quase triplicar nas próximas quatro décadas, de menos de 20 milhões em 2010 para aproximadamente 50 milhões em 2050. Projeções (OMS, 2002) estimam que a população de idosos no Brasil cresça aproximadamente 15 vezes contra cinco vezes da população total, entre os anos 1950 a 2025, o que colocará o país em termos absolutos com a sexta população de idosos do mundo, constituindo-se de 32 milhões de pessoas com 60 anos ou mais.

Esse crescimento populacional é o mais acelerado do mundo, somente comparável ao do México e Nigéria (Silvestre, Kalache, Ramos & Veras, 1996). Na França, por exemplo, foi necessário mais de um século para que a população com idade igual ou superior a 65 anos aumentasse de 7% para 14% do total, variação demográfica que no

Brasil ocorrerá nos próximos vinte anos (Banco Mundial, 2011). Viver até os 80 anos de idade não é um fato surpreendente, pois o prolongamento da vida ocorre desde as últimas décadas. Dentro do contexto do envelhecimento populacional é a população que mais cresce no mundo (Banco Mundial, 2011). No Brasil essa população passou de 166 mil pessoas em 1940 para 2,6 milhões em 2010, com estimativa de atingir cerca de seis milhões no ano de 2030, sendo a faixa etária de maior crescimento também na população brasileira (IBGE, 2010).

Dados da Organização das Nações Unidas (ONU, 2006) mostram que, entre os mais diversos países em desenvolvimento, o Brasil apresenta o crescimento mais acelerado da faixa etária dos 80 aos 84 anos entre os anos de 2000 a 2005. Do acelerado crescimento do envelhecimento da população brasileira decorre uma série de novas exigências e demandas em termos de políticas públicas e inserção ativa dos idosos na vida social como modificação na seguridade social, assistência de saúde, planejamento urbano, contextos educacionais, mercado de trabalho e inovação para identificar, compreender e atender as necessidades específicas e desafios da população idosa (Camarano, 2004). O crescente envelhecimento populacional no mundo desperta a necessidade de reflexão sobre o sentido do envelhecer e da velhice.

3.1.3 Envelhecimento potencialmente bem-sucedido no processo de viver

A psicologia do envelhecimento deixou de ser uma psicologia do declínio, como identificada nos primeiros 60 anos do século XX, sem, no entanto, desconsiderar a presença de doenças e limitações diversas no decorrer desse processo. Para Teixeira e Neri (2008) envelhecer bem é uma questão de valores particulares que permeiam o curso da vida, incluindo as condições próximas da morte. As mudanças físicas, fisiológicas e de papéis sociais na velhice, podem conduzir a sentimentos negativos, de abandono, inutilidade, de falta de autonomia e de controle sobre si e seu meio.

Para viver uma velhice bem sucedida é necessário que o idoso desenvolva estratégias cognitivas e comportamentais para enfrentar as situações de risco ou condições adversas que acompanham esta fase do desenvolvimento humano, de forma a se adaptar as mudanças, minimizar as perdas, proteger sua identidade e auto estima e preservar seu senso de controle (Khoury & Gunther, 2006). A regulação de perdas na velhice é um recurso relacionado ao momento de vida que envolve o funcionamento em níveis mais baixos, quando a manutenção ou a

recuperação do funcionamento em níveis mais altos não forem mais possíveis (Neri, 2006). Diante dessa constatação, Baltes e Baltes (1990) propuseram o modelo de envelhecimento bem-sucedido baseado em processos de otimização seletiva com compensação, segundo o qual os ganhos e as perdas no decorrer do ciclo de vida, são resultantes da interação entre os recursos da pessoa com os recursos do ambiente, de forma interdependente.

3.2 Processo de otimização seletiva com compensação no envelhecimento

Seleção, otimização e compensação são mecanismos operados pela própria pessoa ou por outrem, por indivíduos ou instituições (Baltes & Baltes 1990). Seleção significa o direcionamento eletivo do desenvolvimento, abrange a escolha dos recursos disponíveis para obtenção satisfatória de metas. Essas metas são redefinidas segundo a repercussão das perdas nas atividades individuais e sociais (Teixeira & Neri, 2008). A otimização é o processo de potencializar os meios selecionados para o percurso. Significa aquisição, aplicação, coordenação e manutenção de recursos internos e externos para alcançar resultados considerados eficientes (Neri, 2006; Teixeira & Neri, 2008). A compensação abarca a adoção de alternativas para manter o funcionamento como a utilização de recursos externos que favoreçam a memória verbal, a orientação espacial, audição e locomoção (Neri, 2006).

Os objetivos da seleção, otimização e compensação são a descrição do desenvolvimento em geral e o estabelecimento da potencialidade dos indivíduos em lidar com oportunidades e restrições nas condições biológicas, psicológicas e sociais. Saber como indivíduos de diferentes idades alocam seus recursos internos e externos em prol do lidar com as perdas por meio de estratégias psicológicas, no sentido de maximizar ganhos e minimizar perdas é o interesse principal da teoria; que pode ser incorporada ao domínio do bem-estar subjetivo (Baltes & Smith 2003). O modelo psicológico de envelhecimento bem-sucedido significa fazer e ser o melhor possível com os recursos que dispõe (Neri, 2006).

Os idosos com idade avançada estão mais propensos a encontrar limites na capacidade funcional, como vulnerabilidade física, cognitiva e socioeconômica, o que desperta a necessidade em pesquisa para discussões no sentido de fortalecer o princípio da dignidade nas

situações de vida e morte das pessoas longevas (Teixeira & Neri, 2008). Embora existam críticas quanto ao envelhecimento bem-sucedido, sugerindo que o termo “bem-sucedido” pressupõe a dicotomia sucesso-fracasso e que a expressão tem efeito, ainda que não intencional, de classificar os idosos como mal-sucedidos (Depp & Jeste, 2006; Kahn, 2002), há de se considerar que a interpretação literal da expressão “bem-sucedido” sugere uma noção simplista entre essas polaridades.

O envelhecimento compreendido como potencialmente bem-sucedido enfatiza as diferentes formas de sentir e avaliar a própria vida, onde a percepção pessoal das possibilidades de adaptação às mudanças decorrentes do envelhecimento e condições associadas é considerada. As representações dos idosos acessadas nessa pesquisa podem contribuir para a compreensão do que, como e com que efeitos eles pensam o envelhecimento. Uma velhice satisfatória é largamente mediada pela subjetividade, e referenciada ao sistema de valores que vigora num período histórico determinado para uma dada unidade sociocultural (Baltes & Baltes, 1990).

Quanto à concepção de valores Allport (1963) a define como uma crença em que o homem se referencia para atuar por preferência, reconhecendo a capacidade de escolha do indivíduo. Kertész, Atalaya, Steconi e Perotto, (2006) concebem os valores como idéias-guia que orientam a tomada de decisões e a atribuição dos recursos pessoais. Os valores são parte integrante da estrutura da personalidade; constituídos de componente emocional em que a pessoa se sinta bem ou mal acerca desse valor e componente motivacional, ou seja, o empenho em conseguir realizá-lo. A qualidade dos valores é algo duradouro. O fenômeno do envelhecimento impulsiona o ser humano a repensar o sistema de valores e os modelos de organização social. Para que ocorra um envelhecimento satisfatório é necessário um equilíbrio das limitações e potencialidades do indivíduo, devido às perdas inevitáveis presentes nesta fase da vida, e depende, conjuntamente, das competências (emocional, cognitiva e comportamental) adaptativas do indivíduo (Neri & Cachione, 1999; Freire, 2000).

3.3 Recursos de enfrentamento no envelhecimento

Uma das variáveis importantes para o enfrentamento (*coping*) das perdas decorrentes do envelhecimento diz respeito às concepções que as pessoas têm desse processo. Assim, recorre-se a Teoria das Representações Sociais (TRS), pois segundo Moscovici (1981) ela permite a compreensão desta forma específica de conhecimento do

mundo, na qual os grupos constroem e compartilham um conjunto de conhecimentos, conceitos e explicações sobre determinado fato ou tema, durante conversações interpessoais que estabelecem no cotidiano.

A palavra inglesa *coping*, sem tradução literal para o português, é traduzida por alguns estudos brasileiros (Paiva, 1998) como enfrentamento. Para Pargament (1997) o coping ou enfrentamento (expressão adotada na presente dissertação) é concebido como o conjunto de estratégias cognitivas e comportamentais utilizadas pelos indivíduos com o objetivo de manejar situações estressantes. As estratégias de enfrentamento pressupõem uma avaliação cognitiva do fenômeno estressante através de esforços cognitivos e comportamentais, em constante mudança, para lidar com mudanças internas e externas através de recursos pessoais (Folkman e Lazarus, 1980). Segundo Pargament (1997), o enfrentamento é uma interação entre história pessoal, os fatores sociais e os processos psicológicos. Ele identifica dois tipos de enfrentamento, um teria como resultado a manutenção dos parâmetros fundamentais da existência e o outro a transformação da existência. O enfrentamento pode ser classificado ainda, de acordo com sua função: a) como estratégias focadas na emoção ou na cognição (dirigidas à modificação do indivíduo por meio da regulação do desgaste emocional provocado pelo ambiente) ou estratégias focadas no problema (dirigida à ação do indivíduo sobre o meio visando modificar o ambiente) (Folkman e Lazarus, 1980). O elemento comum dos enfrentamentos é o papel ativo que o indivíduo desempenha nesse processo, possibilitando a busca de um sentido para a vida.

De acordo com Fortes e Neri (2004), eventos inesperados relacionados à saúde, que ocorrem com mais frequência na velhice, exigem do idoso grande esforço adaptativo que requer mobilização da personalidade individual no sentido da utilização de recursos de enfrentamento para lidar com eventos não desejados. Segundo Neri e Yassuda (2004) a velhice é a última etapa do ciclo vital, caracterizada por declínio de funções biológicas, resiliência, plasticidade e aumento da dependência dos recursos da cultura. As autoras pontuam que os idosos tendem a acionar intensamente recursos emocionais e cognitivos em prol da adaptação das demandas exigidas ao longo do processo de envelhecimento. Como adaptação entende-se, segundo Silva e Varela (1999), maximizar as possibilidades individuais reorganizando a vida frente às limitações percebidas, ajustando-se às diversas situações individualmente ou com a ajuda de outros. É um processo contínuo de atualização das potencialidades pessoais e de aprender a viver com as limitações explorando e utilizando ao máximo seus recursos disponíveis.

Recursos psicológicos como o otimismo, o controle pessoal e o senso de significado também são importantes como reservas que permitem às pessoas enfrentar mais efetivamente os eventos críticos da vida. Para Salovey, Rothman, Detweiler e Steward (2000), as experiências emocionais positivas aumentam a disponibilidade de recursos psicológicos, uma vez que pessoas com estados emocionais positivos acreditam ser menos vulneráveis, enfrentam mais efetivamente os eventos estressantes e apresentam maior disponibilidade de contatos interpessoais e mais soluções criativas.

No contexto de sentido existencial a espiritualidade pode ser reconhecida como um recurso que contribui para o bem estar na velhice (Smomenhalder & Goldstein, 2006). O enfrentamento religioso/espiritual está associado à saúde e à qualidade de vida. A espiritualidade e o envolvimento em religiões organizadas podem proporcionar aumento do senso de propósito e significado da vida, que são associados à maior capacidade do ser humano em responder de forma positiva às demandas da vida cotidiana (Lawler & Younger, 2002). Klubler-Ross (2002), em observações e intervenções com pacientes terminais, entre os quais idosos com idade igual ou superior a 80 anos, verificou a importância da fé nos derradeiros momentos de vida. A atribuição de significado à existência como recurso de enfrentamento diante de situações do cotidiano remete a definição de espiritualidade proposta por Sommerhalder e Goldstein (2006) ao considerá-la uma questão universal relacionada ao significado e propósito da vida, e ainda, à busca humana por valores transcendentais. Para as autoras a espiritualidade é considerada uma reflexão sobre o significado da vida.

3.4 Espiritualidade: significado atribuído à vida

Definições de espiritualidade são ao mesmo tempo vagas e complexas; existem inúmeras definições propostas nos domínios da enfermagem, serviço social, psicologia, terapia ocupacional e educação religiosa. Ainda que não exista consenso na literatura científica em relação ao conceito de espiritualidade; os autores Mattis (2000) e McSherry e Cash (2004) chamam a atenção ao fato de que a maioria dos trabalhos que contemplam a questão da espiritualidade reflete as expectativas dos pesquisadores em vez das opiniões dos participantes da pesquisa.

Das definições atribuídas à espiritualidade, Rousseau (2003) a apresenta como a capacidade de ter fé, amar e perdoar, adorar, ver para

além das circunstâncias e de transcender o sofrimento. Solomon (2003), filósofo norte-americano, apresenta a compreensão de espiritualidade como “nada menos que o amor bem pensado à vida” (p.25). Frankl (2008) ao narrar sua vivência num campo de concentração na Alemanha durante a II Guerra Mundial afirma que viver tendo um sentido na vida, buscando significado e propósito para a existência possibilitou suportar as pressões e manter-se vivo junto a inúmeros prisioneiros, mesmo diante das adversidades mais atroz. O autor, criador da logoterapia, focaliza os mais profundos problemas humanos e compreende que aqueles que tem *por que* viver podem suportar quase qualquer *como* viver.

Segundo Frankl (2008), há quatro fatores que podem levar uma pessoa a encontrar um sentido para a vida: a valorização do que é importante para a pessoa; as escolhas pessoais; responsabilidade por condutas e ações e dar sentido às coisas que acontecem na experiência do cotidiano. Encontrar significado para a vida envolve o equilíbrio entre perdas e ganhos, significar atitudes e eventos do dia-a-dia e ter um propósito na vida. Para o autor, ter um sentido para a vida significa ter um propósito e esforçar-se para atingir os objetivos almejados.

Diante da busca pelo entendimento sobre o tema espiritualidade Moberg e Brusek (1978) propuseram a existência de duas dimensões da espiritualidade. A “dimensão horizontal” que se estende através das experiências comuns do dia-a-dia, visando o bem estar social e a “dimensão vertical” considerada aquela que busca alcançar Deus, um poder superior, um grande outro. Segundo Chiu, Emblen, Van Hofwegen, Sawatzky e Meyerhoof (2004) a espiritualidade pode ser compreendida como constituída de quatro componentes: realidade existencial ou significado e forma de estar na vida; transcendência; conexão e integridade; e presença de uma força unificadora ou energia: o “sagrado”, que aparece tanto como um forte elemento na definição de espiritualidade quanto de religiosidade. Segundo Novaes (2004), embora a palavra espiritualidade tenha vários sentidos é possível significá-la como estar ou existir no mundo.

3.4.1 Espiritualidade e religiosidade

No sentido de investigar a percepção sobre espiritualidade e religiosidade, Gall, Malette e Guirguis-Younger (2011) propuseram a exploração dos pontos de vista de 234 participantes, identificados em relação à nacionalidade e cultura. O estudo foi composto de 43 franco-canadenses, 32 anglo-canadenses, 131 norte-americanos, 14 europeus

(incluindo Reino Unido) e 14 participantes de outros países (Ásia, Austrália, Nova Zelândia, África e Israel), através de dados coletados via site de internet pelo período de três meses.

Os participantes foram solicitados a indicar o seu grau de religiosidade e espiritualidade separadamente em uma escala *Likert* de cinco pontos variantes entre nada a muito religioso ou espiritual. Metade dos participantes alegou que a religião não era nada importante ou pouco importante em suas vidas diárias, sendo que os europeus apresentaram menor religiosidade; em contraste 69% da amostra afirmaram que a espiritualidade era importante ou muito importante em suas vidas diárias, sendo que os franco-canadenses e anglo-canadenses apresentaram mais alto nível de espiritualidade. Foram convidados ainda a expressar seu sentimento sobre si em relação a ser espiritual mas não religioso, religioso mas não espiritual ou não espiritual nem religioso. A maioria dos franco-canadenses, anglo-canadenses e norte-americanos relatou ser espirituais e religiosos, enquanto que a maioria dos europeus e outros relataram ser espirituais, mas não religiosos (Gall, et al., 2011).

Os participantes foram convidados ainda a indicar a frequência de participação em cultos religiosos e orações pessoais. O resultado apontou que 48% da amostra não frequenta ou raramente frequenta serviços religiosos, sendo que os europeus são menos propensos a participar. Quanto as orações pessoais, 67 % da amostra total declarou orar uma vez por dia, sendo que os franco-canadenses e anglo-canadenses oram com mais frequência (Gall, et al., 2011).

Quanto às questões qualitativas, os participantes foram convidados a escrever o significado dos termos espiritualidade e religiosidade com suas próprias palavras. Do termo espiritualidade foram extraídos sete temas. Tema 1: *self core* representando a essência ou natureza existencial de um indivíduo onde a espiritualidade aparece como um elemento central do mais profundo de si mesmo. Tema 2: perspectiva de vida em que a espiritualidade fornece uma estrutura para compreensão e aproximação diária da vida através de um conjunto de crenças pessoais. Tema 3: relacionamento com Deus ou uma energia superior representada pela crença em um poder divino ou superior que existe além da existência mundana. Tema 4: conexão com o mistério em que os participantes não identificaram um ser específico, Deus ou poder superior, e sim a espiritualidade em termos de misticismo. Tema 5: conexão com o mundo representado pela crença em uma conexão universal, com a natureza, outros seres humanos e divindade. Tema 6: religião representado pela tradicional crença e prática religiosa. Tema 7: espiritualidade definida como sem sentido, representada como um termo

vago, indefinido ou conceito negativo (Gall, et al., 2011).

Com exceção de um pequeno número de europeus, os participantes responderam a espiritualidade como um termo altamente significativo. Todos os grupos, exceto os europeus colocaram alguma ênfase sobre a importância de uma conexão com Deus ou poder maior como sendo uma componente chave da espiritualidade. Todos os grupos falaram sobre a espiritualidade como estando associada ao eu e ao próprio modo de estar na vida (Gall, et al., 2011).

Dos significados atribuídos ao termo religiosidade resultaram seis temas. Tema 1: religião associada a filiação religiosa o pública, adesão a crenças religiosas, doutrina e dogma e participação em práticas religiosas. Tema 2: a crença em Deus ou em um poder superior, onde a religiosidade é vista como uma crença em um poder superior, como Deus, Alá e Buda. Tema 3: perspectiva de vida representada por prescrições morais e éticas para guiar escolhas de vida dos indivíduos. Tema 4: rumo a espiritualidade em que a religiosidade é simplesmente uma manifestação da própria fé ou espiritualidade. Tema 5: religiosidade como tendo um impacto negativo sobre os indivíduos, descrita por critérios como cegueira, ganância, falsidade, idiotice e desperdício de tempo. Tema 6: valor extrínseco representada como algo externo, fora do indivíduo, algo mais social do que pessoal. Todos os grupos enfatizaram que a religiosidade foi antes de tudo definida em relação aos conceitos de religião organizada, crenças religiosas e práticas religiosas (Gall, et al., 2011) .

A pesquisa apresenta que diferenças nas definições de espiritualidade e da religiosidade variam entre grupos de cultura similar. De maneira ampla a espiritualidade foi vista como parte integrante da própria identidade e como experiência pessoal relacionada ao transcendente, tradicionalmente definida como Deus ou um poder supremo. Em contraste, a religiosidade foi considerada um instrumento externo através do qual os indivíduos podem acessar a espiritualidade e a relação com o divino (Gall, et al., 2011) .

O estudo investigou ainda a função da espiritualidade dentro do contexto de vida de um indivíduo através de duas questões abertas: a) descrever (caso se aplique) um evento da vida onde a espiritualidade (como definida pelo participante) ajudou a lidar com alguma situação e b) descrever um evento de sua vida (caso de aplique) em que a espiritualidade (como definida pelo participante) interferiu de maneira negativa ou prejudicou sua capacidade em lidar com a situação, especificando como ocorreu essa interferência para ambas as situações.

Em resposta as funções da espiritualidade os participantes

referiram sua utilização para lidar com uma variedade de eventos estressantes (como a morte de um ente querido) e com as demandas da vida cotidiana. A espiritualidade apareceu como um recurso de enfrentamento ao dar sentido existencial e emocional, apoio e gerar emoções e atitudes positivas perante a vida. Em relação à espiritualidade significada como obstáculo, a grande maioria dos participantes não relatou eventos ou deixaram a pergunta sem resposta. Dos que relataram a espiritualidade como fonte de dificuldade, a luta espiritual e a dúvida apareceram como um evento estressante. A definição de espiritualidade incluiu uma dimensão de conexão com o mundo externo ou uma interconexão universal, fato que não emergiu tão claramente na definição de religiosidade. O estudo conclui enfatizando a necessidade crescente de reconhecer a importância da espiritualidade e religiosidade nas tendências políticas, econômicas e científicas nos tempos atuais (Gall, et al., 2011).

No sentido de relacionar espiritualidade e religiosidade com bem estar, Tovar-Murray (2011) examinou como um conjunto de variáveis que media religião e espiritualidade relaciona-se com um conjunto de variáveis que media os aspectos de bem-estar. Os dados foram retirados do General Social Survey (GSS, 2008), pesquisa bial realizada nos Estados Unidos pelo Centro Nacional de Pesquisa de Opinião da Universidade de Chicago. Religiosidade e espiritualidade foram medidas através da avaliação dos participantes da pesquisa de opinião em relação ao seu envolvimento e relacionamento com o invisível, constituindo-se de 12 itens: preferências religiosas, auto-religiosidade, religião como ajuda a encontrar felicidade e paz interior, participação em atividades religiosas, oração, confiança na existencia de Deus, crença no céu, vida com significado, personalidade, ser uma pessoa espiritual, acreditar em nirvana. Bem estar foi avaliado através de três itens do GSS (2008) que mediu felicidade geral, satisfação conjugal e saúde física.

Os resultados do estudo fornecem suporte para a hipótese de que os comportamentos religiosos e as crenças espirituais estariam positivamente relacionadas com a felicidade, a satisfação conjugal e saúde. Dos dados analisados, os indivíduos que participam ativamente nas atividades religiosas, bem como aqueles que referiram ser uma pessoa religiosa tendem a relatar um aumento da felicidade geral e saúde física. O estudo descobriu também que os indivíduos que encontram significado em Deus e participam de atividades religiosas em encontros sociais tendem a ter um aumento em sua felicidade geral. Os resultados indicam que certos comportamentos e crenças religiosas e espirituais

estão diretamente relacionadas com a felicidade geral e saúde física, uma vez que desestimulam o engajamento em comportamentos pouco saudáveis.

Na busca pela diferenciação entre espiritualidade e religiosidade Gaarder, Hellern e Notaker (2005) apresentam a religião como tendo um papel significativo na vida social e política de todas as partes do globo, possui um código de ética que rege o comportamento e dita os valores morais. Para os autores religião significa a relação entre o homem e o poder sobre-humano no qual ele acredita ou do qual se sente dependente. Essa relação se expressa em emoções especiais (confiança, medo), conceitos (crença) e ações (culto e ética). Originada do latim, *religare*, significa restabelecer a ligação com Deus e os homens. Religião é um sistema organizado de crenças, práticas, rituais e símbolos destinados a facilitar a proximidade do indivíduo com o sagrado ou transcendente (Koenig, McCullough & Larson, 2001).

3.5 Religiões e seus sistemas de crenças

Dentro do que se define como religião podem-se encontrar muitas crenças e filosofias diferentes. Há registros de várias formas de religião durante toda a história da humanidade. Entre as várias tentativas de explicar como surgiram as religiões, uma delas é que o homem começou a ver as coisas a seu redor como animadas. Ele acreditava que os animais, as plantas, os rios, montanhas, o sol, a lua e as estrelas continham espíritos que clamavam por apaziguamento, crença esta que foi chamada de animismo. O desenvolvimento religioso acompanhou o avanço cultural e tecnológico da humanidade, passando da crença em diversos deuses (politeísmo) para a crença num só deus (monoteísmo). Atualmente, as religiões monoteístas são dominantes no mundo: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo que juntas agregam mais da metade dos seres humanos e quase a totalidade do mundo ocidental. Além destas, o Zoroastrismo, a Fé Bahá'í, o Espiritismo e Bnei Noah são religiões monoteístas (Gaarder, Hellern, Notaker, 1989).

As ciências da religião tentam dividir as religiões em três categorias que coincidem com três tipos distintos de sociedade. Uma primeira categoria envolve as religiões primais, cuja característica marcante é a crença numa miríade de forças, deuses e espíritos que controlam a vida cotidiana. A comunidade religiosa não se separa da vida social, e o sacerdócio normalmente é sinônimo de liderança política da tribo. As religiões primais são ainda encontradas em culturas ágrafas,

entre os povos tribais da África, Ásia, América do Norte e do Sul e Polinésia (Gaarder, et al., 1989).

As religiões nacionais, segunda categoria de religiões, adotam uma série de deuses organizados em um sistema de hierarquia e funções especializadas com sacerdócio permanente e deveres rituais realizados em templos construídos para esse fim. Incluem religiões históricas (germânica, grega, egípcia e assírio-babilônica) que não são mais praticadas, o que resta são vestígios como no xintoísmo japonês. As religiões mundiais, terceira e última categoria, são também conhecidas como universais e pretendem ter uma validade para todas as pessoas do mundo. Sua principal característica é o monoteísmo, a crença em um único deus. Tais religiões foram criadas por profetas como Moisés, Buda, Lao-Tse, Jesus, Maomé (Gaarder, et al., 1989). Os limites entre os três tipos de religião são fluidos, as religiões nacionais muitas vezes constituem evoluções que acompanharam o desenvolvimento geral da sociedade, como a transição de uma sociedade tribal para um estado nacional. É relevante considerar que determinadas religiões chamadas de mundiais emergiram de religiões nacionais como um manifesto contra determinados aspectos de seu culto e de suas concepções religiosas.

As diversas religiões do mundo são de fato muito diferentes entre si, porém, é possível identificar uma característica em comum entre elas: o fato de que toda religião possui um sistema de crenças no sobrenatural, geralmente envolvendo divindades, deuses e demônios. As religiões costumam também possuir relatos sobre a origem do universo, da terra e do homem, e o que acontece após a morte (Pierucci, 2005). Desde a sua criação, a religião tem abordado assuntos de suma importância para a humanidade, as questões de vida, sofrimento e morte.

As religiões visam retratar a vida como um dom sagrado para ser apreciado e utilizado com sabedoria. Existem inúmeras injunções religiosas de como viver a vida bem, bem como avisos sobre a falha ao fazê-lo. Uma das características mais atraentes da fé é a promessa de ajudar os seres humanos a compreender e lidar com a dor e a perspectiva de fim da vida. As pessoas querem saber como evitar, melhorar, e, finalmente, aceitar o sofrimento e a morte. Ao longo da história, os seres humanos, individualmente e coletivamente, têm pedido à forças sobrenaturais para intervir em seu nome quando confrontados com situações de adversidade (Cummings et al., 2010).

Numa tentativa de classificar as religiões mundiais em orientais e ocidentais considera-se o judaísmo, o islã e o cristianismo como ocidentais enquanto o hinduísmo, o budismo e o taoísmo como religiões

orientais. As religiões orientais apresentam uma visão cíclica da história em que a história se repete num ciclo eterno e o mundo dura de eternidade em eternidade (Pierucci, 2005). As religiões ocidentais apresentam uma visão linear da história, aonde há um começo e um fim, ou seja, o mundo foi criado num certo ponto e um dia irá terminar. Deus é considerado o criador, único e todo poderoso. Quanto à salvação, é deus quem redime o ser humano do pecado, julga e dá punição. Existe a noção de vida após a morte, céu e inferno (Gaarder, et al., 1989). O conceito de deus é a presença do divino em tudo, manifestando-se em muitas divindades (politeísmo) ou como uma força impessoal que permeia tudo e a todos (panteísmo).

3.5.1 Sincretismo religioso no Brasil

No Brasil, embora a religião seja diversificada e caracterizada pelo sincretismo (fusão de concepções religiosas diferentes), a população brasileira é majoritariamente cristã (87%), sendo sua maior parte católica (64,4%) (Pierucci, 2005). De acordo com o censo demográfico realizado em Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (2010), o Brasil apresenta a seguinte composição religiosa: 64,6% dos brasileiros (cerca de 123 milhões) declaram-se católicos; 22,2% (cerca de 42,3 milhões) declaram-se protestantes (evangélicos tradicionais, pentecostais e neopentecostais); 8,0% (cerca de 15,3 milhões) declaram-se arreligiosos: ateus, agnósticos, ou deístas; 2,0% (cerca de 3,8 milhões) declaram-se espíritas; 0,7% (1,4 milhão) declaram-se testemunhas de Jeová; 0,5% (1 milhão) declaram-se mórmons; 0,3% (588 mil) declaram-se seguidores do Candomblé, Tambor-de-mina e Umbanda; 1,6% (3,1 milhões) declaram-se seguidores de outras religiões, tais como: islâmicos, judeus, esotérios, entre outras.

Desde o século XVI o cristianismo tem sido a principal religião no Brasil, predominando a igreja católica apostólica Romana. Desde a invasão colonizadora em 1500 até o final do século XIX, o Brasil experimentou o catolicismo romano como religião oficial até a Constituição Republicana de 1891, que instituiu a separação entre as religiões e o estado, o chamado Estado Laico, no qual o governo instituído não pode favorecer, nem interditar as atividades das religiões. Além disso, não pode impor uma religião específica aos seus cidadãos, nem discriminá-los em razão de não seguirem a religião majoritária (Gaarder, et al., 1989).

3.5.2 Cristianismo: uma religião monoteísta

O cristianismo é uma religião monoteísta fundamentada na vida e nos ensinamento de Jesus de Nazaré, cuja crença fundamental está relacionada a ideia de que Deus sustenta o mundo. Os cristãos acreditam que Jesus Cristo é o Filho de Deus que se tornou homem e o Salvador da humanidade, morrendo pelos pecados do mundo. A salvação é um dos conceitos espirituais mais importantes no cristianismo, junto com a divindade de Jesus Cristo e a definição do Reino de Deus. A ideia de salvação se baseia em que existe um estado de não-salvação, do qual o indivíduo (ou a humanidade) necessita ser redimido. Para a maioria dos cristãos, este julgamento divino é decorrente da culpa humana herdada do pecado original de Adão e Eva (Gaarder, et al., 1989).

A religião cristã tem três vertentes principais: o Catolicismo, a Ortodoxia Oriental (separada do catolicismo em 1054) e o protestantismo (que surgiu durante a Reforma Protestante do século XVI), que dividem-se em grupos menores chamados de denominações. As visões sobre o que acontece após a morte dentro do Cristianismo variam entre as denominações. A Igreja Católica considera a existência do céu, para onde vão os justos, do inferno, para onde vão os pecadores que não se arrependeram, e do purgatório, que é um estágio de purificação para os pecadores que morreram em estado de Graça. Algumas igrejas protestantes, consideram a existência apenas do céu e do inferno. Dentro do Protestantismo, a maior parte das denominações acredita que os mortos serão ressuscitados no Juízo Final, quando então serão julgados, sendo que os pecadores serão definitivamente mortos e os justos viverão junto a Cristo na imortalidade. Outras denominações do Cristianismo, como a denominação esotérica, são reencarnacionistas e ponderam que nenhum homem é totalmente bom nem totalmente mau, e após a morte sofrerão as consequências do bem e do mal que tenham praticado em vida, atingindo a perfeição com as sucessivas encarnações (Gaarder, et al., 1989).

Para Sommerhalder e Goldstein (2006) as crenças religiosas podem propiciar tanto significado de existência como sentimentos negativos. Crenças religiosas resultando em sentimentos negativos foram identificadas no estudo realizado por Pargament (2001) em que houve relação entre sofrimento religioso (pensamentos de que Deus o abandonou, questionamentos do amor de Deus) e aumento de mortalidade. Os sentimentos mais comuns envolviam descontentamento espiritual, pensamento de que Deus está punindo e questionamento dos poderes de Deus.

No sentido dos aspectos positivos, autores como Koenig (1994); Ellison e Fan (2008); Pargament (1997) apresentam que os índices de religiosidade e espiritualidade são associados com resultados positivos sobre felicidade e bem-estar. Indivíduos que estão mais comprometidos com sua fé religiosa e convicções espirituais são mais felizes, saudáveis e tem mais recursos de enfrentamento à sua disposição do que aqueles para quem a religião e a espiritualidade são menos importantes. E ainda afirmam que indivíduos religiosos e espiritualizados tendem a relatar níveis mais elevados de controle de percepção interna do que seus pares não religiosos.

3.6 Espiritualidade como recurso de enfrentamento na velhice

Desde o ano de 2000 houve um aumento no uso do conceito da espiritualidade entre os pesquisadores da área da saúde, incluindo os psicólogos (Pargament, 2001). No entanto, ainda há poucas pesquisas mundiais envolvendo saúde e espiritualidade em populações exclusivamente idosas. Dentro dessa perspectiva uma revisão de literatura sobre o idoso e sua espiritualidade (Lucchetti, Lucchetti, Bassi, Nasri & Nacif, 2011) objetivou investigar qual o impacto da espiritualidade em diferentes aspectos do envelhecimento. Foram incluídos 48 artigos divididos nas seguintes temáticas: envelhecimento bem-sucedido, bem estar, qualidade de vida, doenças crônico-degenerativas, doenças neuro-psiquiátricas, funcionalidade, mortalidade e impacto no fim da vida. A pesquisa foi realizada nas bases de dados Pubmed/Medline, LILACS e Scielo, nos idiomas inglês e português, no período de 1966 a 2009, tendo como palavras-chave: *aged*/idoso e *spirituality*/espiritualidade. Os resultados e discussão pontuam para o impacto das crenças pessoais influenciando o envelhecimento bem-sucedido; a resiliência foi associada ao envelhecimento bem-sucedido (Rosa, 2007), e o achado de que os idosos cujas crenças pessoais davam maior significado as suas vidas tinham até dez vezes mais chance de cursar com o envelhecimento bem-sucedido (Moraes & Souza, 2005).

Ao pensar no processo do envelhecer em seu aspecto multidimensional, Sommerhalder e Goldstein (2006) reconhecem a importância de uma base emocional e motivacional na busca de um significado para a vida e propõem que a religiosidade e a espiritualidade são recursos de enfrentamento para situações adversas. O que significa dizer que as pessoas utilizam recursos cognitivos, emocionais e sociais proporcionados pela crença para enfrentar situações inusitadas. Assim, uma compreensão das dimensões da espiritualidade pode proporcionar

uma imagem mais completa da dinâmica do envelhecimento bem-sucedido.

O estudo de Moraes e Souza (2005) investigou os fatores associados ao envelhecimento bem-sucedido em 400 idosos de Porto Alegre no estado do Rio Grande do Sul. Identificaram a correlação de quatro variáveis com o fenômeno do envelhecimento bem-sucedido: relações familiares e de amizade, saúde e bem-estar percebido, capacidade funcional e suporte psicossocial. A percepção dos entrevistados de que as crenças pessoais proporcionam significado para a vida e a percepção do status de saúde em diferentes graus foram identificados como fatores de influência para o envelhecer bem. Os idosos que indicaram o status de saúde como muito bom ou bom tiveram a probabilidade 5,12 vezes mais alta de serem classificados como bem-sucedidos, enquanto os participantes que afirmaram que crenças pessoais dão sentido à vida tiveram essa probabilidade 10,41 vezes mais alta.

No contexto de significado de existência um estudo realizado por Duarte e Wanderely (2011) com 30 pacientes idosos internados em uma enfermaria geriátrica com doenças diversas, utilizou a escala de religiosidade DUREL (Duke Religious Index) para avaliar o índice de religiosidade desses pacientes. Foram avaliadas três dimensões da religiosidade: a dimensão pública (participação em encontros religiosos), não pública (atividades religiosas que podem ser realizadas na privacidade do lar, como orações) e religiosidade intrínseca (avalia o quanto a religião pode motivar ou influenciar nos comportamentos e decisões de forma geral na vida do sujeito). Todos os participantes da pesquisa declararam possuir alguma religião: 73% denominaram-se católicos, 17% evangélicos, 7% espíritas e 3% outras religiões.

Os resultados concluíram que a maioria dos pacientes referiu sentir a presença de Deus em suas vidas e sua forma de viver ser regida pelas crenças religiosas. Da mesma forma, foi atribuída importância às práticas religiosas privadas, uma vez que, quando questionados em relação a frequência da religiosidade pública, apenas 20% dos pacientes referiu frequentar tais encontros uma ou duas vezes por semana. Enquanto 90% da amostra realizam atividades religiosas individuais ao menos uma vez ao dia. O estudo conclui que a importância da religião na vida destas pessoas não pode ser mensurada pelo quanto se frequenta uma igreja, e sim, pelo significado atribuído pelos mesmos às práticas religiosas individuais (Duarte et al., 2011).

O fato de a velhice ser considerada a última etapa da vida faz com que ocorra um aumento na frequência sobre o pensar na morte,

sobretudo, a respeito do que vem depois dela. A questão da finitude na velhice torna-se mais próxima e até real (Cavalcante, 2007). Negreiros (2003) verificou em sua prática clínica com idosos que a espiritualidade constituiu-se em fator de suporte para enfrentar desafios, frustrações e sofrimentos, além de melhorar consideravelmente a saúde e a qualidade de vida. Investigações preliminares para verificação da representação social do termo espiritualidade entre estudantes universitários, idosos e adultos de várias camadas sociais, identificaram como categorias principais, a espiritualidade ligada ao sobrenatural; antítese entre mente, intelecto, raciocínio e pensamento; indicando presença de fé, esperança, confiança em contraste com descrença, dúvidas e desesperança; expressão de um sentido ético com conteúdos de afetos, sentimentos, ideais, virtudes e valores; significando interiorização com vida interna, essência e profundidade e designando transcendência a objetivos materiais e individuais. A investigação preliminar teve como pergunta-estímulo: “O que é espiritualidade para você?”

Conforme Sommerhalder e Goldstein (2006) há evidências de que a espiritualidade contribui para a o bem-estar na velhice. Numa revisão das pesquisas sobre bem-estar espiritual entre pessoas idosas, Blazer (1991), identifica uma série de dimensões que constituem o bem-estar: a independência de pensamento, a autotranscendência, a compreensão do significado do envelhecimento, a aceitação da vida como um todo e preparação para a morte. Freire (2000) verificou como variáveis presentes para o bem estar na velhice as redes de apoio, a auto-aceitação, os propósitos de vida e a crença religiosa. Goldstein (1993) pontua que não há um consenso quanto à questão de o envelhecimento levar a uma maior espiritualidade. No entanto, em um estudo sobre espiritualidade e satisfação de vida, Goldstein e Neri (1993) relataram que 70% dos informantes afirmaram ter percebido um aumento da espiritualidade com a idade. Destes, 78,6% viam esse aumento como reflexo de seu crescimento pessoal, 14,5% decorrente de algum acontecimento marcante em suas vidas e 6,8% mencionou mudança de religião como o motivo principal.

Ao citar estresse e enfrentamento, Sommerhalder e Goldstein (2006) referem que estudos vinculados a essas temáticas tendem a reforçar a visão de que o envelhecimento pode levar a um desenvolvimento espiritual. Pontuam ainda, que em uma revisão de literatura, Koenig (1994) concluiu que as pessoas mais idosas tendem a buscar o suporte religioso para o enfrentamento de situações difíceis com mais frequência do que as mais jovens. Segundo Fortes (2005) o enfrentamento do tipo religioso é utilizado mais por mulheres do que

por homens, entre os idosos mais velhos, pelas viúvas, por pessoas com menor nível educacional, e por idosos com menor status socioeconômico. As mulheres utilizam mais frequentemente recursos como a oração, a fé e a confiança em Deus ou num ser superior. Os homens por sua vez, inibem mais as emoções diante de situações estressantes.

Segundo Sommerhalder e Goldstein (2006), o conjunto de crenças de uma pessoa, sua prática religiosa e sua maneira de ver a divindade, seja como um poder superior, vingativo, impingindo castigos pelas falhas humanas ou como um deus que valoriza a vida humana e está ao seu lado nas dificuldades, podem funcionar como recursos adaptativos e levar a comportamentos saudáveis ou não. Questões existenciais como “por que estamos aqui?”, “para onde vamos?” ou “quem sou eu?” não possuem respostas precisas e definidas. Compreender quais são e como são construídos os significados sobre a espiritualidade e o envelhecimento que circulam no cotidiano de idosos com idade igual ou superior a 80 anos, é possível através da Teoria das Representações Sociais (TRS), que possibilita o acesso a compreensão de fenômenos do cotidiano, elaborados e compartilhados no senso comum.

3.7 A Teoria das Representações Sociais

A teoria das representações sociais (TRS) surgiu na Europa, em 1961, elaborada por Serge Moscovici, a partir da publicação de *Psychanalyse: son image et son public*, onde introduziu o conceito de representação social num estudo das maneiras como a psicanálise penetrou o pensamento popular na França. O interesse de Moscovici voltava-se para a compreensão de como é apropriada, transformada e utilizada pelo homem comum uma teoria científica e como se constrói um mundo significativo (Vala, 2006).

Opondo-se a psicologia social norte americana cuja tradição psicológica dominante debruçava-se sobre a natureza individual ao focar no âmbito interpessoal e de autoconsciência, a TRS se alicerça na psicologia social europeia. De posicionamento menos individualista tem como pólo de orientação a influência social, os processos intergrupos e a inserção de explicações causais num contexto social amplo, centrado nos grupos e na sociedade (Jesuino, 2006).

Dentro da perspectiva da psicologia social europeia, o papel de Émile Durkheim é significativo ao introduzir a noção de consciência coletiva e representações coletivas (Jesuino, 2007). O conceito de

representação social da psicologia social é herança de Durkheim, ainda que abordada de um ângulo diferente da sociologia. Para essa, as representações eram vistas como intervenientes na sociedade, sem considerar a estrutura ou dinâmica interna das mesmas, despreocupando-se a respeito da formação e função dessas representações. A psicologia social, ao contrário, direciona o interesse para a estrutura e a dinâmica das representações (Moscovici, 2010).

A reflexão iniciada por Durkheim foi prosseguida por Serge Moscovici que propôs que as representações sociais deveriam ser consideradas como um fenômeno ligado a uma forma especial de aquisição e comunicação de conhecimento. Uma forma que cria realidades e senso comum, e não mais como um conceito em que elas são homogêneas e vividas por todos os membros de um grupo da mesma forma como proposto pela sociologia (Moscovici, 2010). A substituição do coletivo de Durkheim pelo social de Moscovici enfatiza essa diferença.

Para Moscovici (1978) uma representação social é uma preparação para a ação, na medida em que reconstitui os elementos do meio ambiente em que o comportamento deve ter lugar, integrando-o numa rede de relações vinculada ao objeto, fornecendo as noções, teorias e fundos de observação que tornam essas relações estáveis e eficazes. As representações sociais circulam e se cristalizam através de uma fala, um gesto em nosso cotidiano, sendo que a maioria das relações sociais estabelecidas está impregnada delas.

Como forma móvel e circulatória, constituída de plasticidade, Jodelet (2001) define a representação social como um saber prático importante na vida cotidiana, por guiar o modo de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade diária, no modo de interpretar esses aspectos e tomar decisões posicionando-se diante delas. A representação social é uma fala sobre a coisa, é sempre a representação de alguma coisa, um objeto; serve para agir sobre o mundo e os outros: o sujeito como construtor do conhecimento; simboliza (substitui) e interpreta (significa) o objeto e o sujeito psicológico (processos cognitivos) e integra processos de pertença e participação social, grupal. Não há representação sem objeto a ser representado e toda representação implica em alguém que representa (Sá, 1996), assim como não há dualidades entre o sujeito que representa e o objeto representado (Jodelet, 2001).

3.7.1 Abordagens da Teoria das Representações Sociais

A teoria das representações sociais apresenta três abordagens diferentes e complementares: a abordagem dimensional, a dinâmica e a estrutural. Desenvolvida por Moscovici (1978) a abordagem dimensional prioriza o conteúdo e considera três dimensões de uma representação social: informação, atitude e campo representacional. A dimensão informação considera a quantidade e qualidade de conhecimento que o sujeito/grupo tem sobre o objeto; a atitude diz respeito à preparação para ação cuja orientação pode ser favorável ou desfavorável para com o objeto; e a dimensão campo representacional organiza esses conhecimentos e atitudes sob a forma de teorias.

A abordagem dinâmica, proposta por Jodelet (2001) embora considere as dimensões das representações sociais, busca o modo como elas são construídas na tentativa de explicar como as representações interferem na vida cotidiana das pessoas. Para a autora as representações sociais devem ser estudadas através da articulação entre elementos afetivos, mentais e sociais, agregando a cognição, linguagem e comunicação.

Na abordagem estrutural toda representação social é dividida em elementos centrais e periféricos. O núcleo central determina o significado da representação, a organização interna e a estabilidade. O sistema periférico é menos limitante, flexível e menos resistente a mudanças (Abric, 2003).

Cada abordagem avalia o processo de construção das representações sociais a partir de enfoques para compreender o pensamento social. A análise dimensional possibilita a indagação de o porquê produzir representações sociais ao enfatizar sua função na contribuição dos processos de formação de condutas e de orientação das comunicações sociais. Dimensão essa que permite abarcar o campo da representação social na totalidade das expressões, imagens, ideias e valores presentes no discurso sobre o objeto e adotada para estudar as representações sociais da velhice e da espiritualidade na presente dissertação de mestrado. A elaboração teórica apresentada por Moscovici (1978) focaliza os processos responsáveis pela formação das representações sociais e seu sistema cognitivo, permitindo relacionar interações sociais, processos simbólicos e condutas (Alves-Mazzotti, 2008).

3.7.2 Universos consensuais e reificados

Para a TRS existem diferentes formas de conhecer e se comunicar, formas que são móveis e guiadas por objetivos diferentes.

Identifica dois universos dos quais nascem às representações sociais: o consensual e o reificado (Moscovici, 1981).

No universo consensual, a sociedade se vê como um grupo feito de indivíduos que são de igual valor. Desta perspectiva, cada indivíduo tem a possibilidade de falar em nome do grupo e é livre para se comportar como um "amador" responsável ou um observador curioso e pensar em voz alta. Esse universo estimula e dá forma a nossa consciência coletiva, explicando coisas e eventos de tal forma que sejam acessíveis a cada um de nós e relevantes aos nossos interesses imediatos (Moscovici 2010).

As representações nascem nos lugares comuns do cotidiano das pessoas, como ruas, bares, clubes, cinema, através da linguagem, da comunicação, tornando acessível a explicação de coisas e eventos de interesse imediato e compartilhado pelo grupo. O universo consensual é aquele no qual cada indivíduo procura sentir-se confortável, aceito, reconhecido e protegido das discordâncias (Brito, 2010). A teoria do senso comum manifesta-se por meio do fenômeno das representações sociais.

Os universos consensuais são locais onde todos querem sentir-se em casa, a salvo de qualquer risco, atrito ou conflito. Tudo que é dito ou feito ali, apenas confirma as crenças e as interpretações adquiridas, corrobora, mais do que contradiz, a tradição. Espera-se que sempre aconteçam, sempre de novo, as mesmas situações, gestos, ideias (Moscovici, 2010, p. 54).

No universo reificado a sociedade é concebida com diferentes papéis e categorias. Seus ocupantes não estão igualmente intitulados a representá-la e falar em seu nome. O grau de participação é determinado exclusivamente pelo nível de qualificação. As várias ciências podem impor sua autoridade no pensamento e experiência de cada indivíduo e decidir verdades (Moscovici, 2010). A ciência é o modo de conhecimento que corresponde ao universo reificado. Parte-se da dúvida para explicar alguma coisa. Torna-se o familiar em desconhecido. Parte-se de premissas para chegar à conclusão.

O processo de representar resulta em teorias do senso comum ligadas a inserções específicas dentro de grupos sociais (Doise, 2001). Tem como função explicar aspectos relevantes da realidade, definir a identidade grupal, orientar práticas sociais e justificar ações e tomadas

de posição após sua realização (Abric, 2003). Compreender as formas e as funções com que o senso comum apropria-se do conhecimento científico e elabora representações sociais é um dos objetivos da Teoria das Representações Sociais (Veloz, Schulze & Camargo, 1999).

3.7.3 Ancoragem e Objetivação

Segundo Moscovici (2010) transformar palavras, ideias ou seres não familiares, em palavras usuais e atuais não é uma tarefa fácil. Para que a familiarização seja possível, é necessário colocar em funcionamento os dois mecanismos de um processo de pensamento baseado na memória e em conclusões passadas que geram as representações sociais: a ancoragem e a objetivação. Os mecanismos de ancoragem e objetivação transformam o não familiar em familiar, primeiro transferindo a própria esfera particular do indivíduo, onde há capacidade de comparar e interpretar (o não familiar); e depois, reproduzindo-o entre as coisas que são vistas e tocadas para controlar.

A ancoragem transfere o desconhecido para o esquema de referência existente nos indivíduos (sistema de conhecimentos anteriores), onde é possível compará-lo e interpretá-lo a partir de conhecimentos já existentes (Veloz, Schulze & Camargo, 1999). Ainda que exista alguma discrepância em relação a relatividade da avaliação realizada, há fixação na transferência do conhecimento anterior para a novidade, a fim de garantir um mínimo de coerência entre o desconhecido e o conhecido (Moscovici, 2010). O mecanismo da ancoragem visa firmar idéias estranhas, reduzi-las a categorias e a imagens comuns, colocá-las em um contexto familiar (Moscovici, 2010). Como sinônimo de referência, ancorar é classificar e dar nome a alguma coisa. Classificar e dar nomes tem como principal objetivo facilitar a interpretação de características, a compreensão de intenções e motivos subjacentes às ações das pessoas na realidade e formar opiniões (Moscovici, 2010).

Classificar algo (ou alguém) significa o confinamento a um conjunto de comportamentos e regras que estipulam o que é, ou não é, permitido, em relação a todos os indivíduos pertencentes a essa classe (Moscovici, 2010). A mídia televisiva ao classificar o envelhecimento como “melhor idade”; gera expectativas e exigências sociais que orientam o idoso e a sociedade a desconsiderar as limitações desse processo de desenvolvimento, tanto quanto a enquadrar o envelhecimento ativo na exigência de produtividade e do consumo comercial. Moscovici (2010) esclarece que ao classificar uma pessoa,

esta será reduzida a um conjunto de limites linguísticos, espaciais e comportamentais e a certos hábitos. Se a pessoa acessar essa classificação, levará consigo a interferência daquele que classifica a ponto de influenciá-la.

“Categorizar alguém ou alguma coisa significa escolher um dos paradigmas estocados em nossa memória e estabelecer uma relação positiva ou negativa com ele” (Moscovici, 2010, p. 63). O que está em jogo em todas as classificações de coisas não familiares é a necessidade de defini-las como conformes, ou divergentes da norma. Nomear é revestido de uma importância especial: significa ser retirado do anonimato, incluir em um complexo de palavras específicas, possibilitando a localização, de fato, na matriz de identidade de uma cultura (Moscovici, 2010). O significado é conferido a algo que estava destituído de sentido no universo consensual.

A objetivação visa transformar algo abstrato em algo quase concreto, transferir o que está na mente em algo que exista no mundo físico. A domesticação do que é incomum para uma geração torna-se familiar e óbvio para a seguinte, resultado da objetivação. Objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma ideia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem (Moscovici, 2010). Comparar é representar, enchendo o que está naturalmente vazio, com substância. Moscovici (2010) exemplifica esse processo quando cita a comparação de Deus com um pai; tornando o que era invisível em algo visível em nossas mentes. Prossegue dizendo que nem todas as palavras, que constituem um estoque de vocábulos, podem ser ligadas a imagens, seja porque não existem imagens suficientes facilmente acessíveis, ou porque as imagens que são lembradas são tabus. As imagens que foram selecionadas, devido a sua capacidade de ser representadas, se misturaram e são integradas num padrão de núcleo figurativo, num complexo de imagens que reproduzem visivelmente um complexo de ideias. De todas as palavras que representam um assunto as frações que melhor as descrevem por imagens, constituem o núcleo figurativo (Veloz, Nascimento-Schulze & Camargo, 1999).

Como um processo por meio do qual um conceito ou noção abstrata torna-se concreta através de imagens ou ideias, a objetivação envolve três momentos: construção seletiva, esquematização e naturalização (Vala, 2006). Na construção seletiva as representações exprimem e servem interesses e valores grupais. Informações, crenças e ideias sobre o objeto da representação são selecionados e descontextualizados, implicando que apenas uma parte da informação disponível sobre o objeto seja útil, formando um todo coerente para o

grupo (Vala, 2006). A esquematização corresponde a organização dos elementos da representação, constituindo um padrão de organização da informação de relações estruturadas, permitindo a materialização do conceito ou palavra (Vala, 2006). Na naturalização os conceitos retidos e as respectivas relações se constituem como categorias naturais adquirindo materialidade, tornando o símbolo real (Moscovici, 1978). O abstrato torna-se concreto através de sua expressão em imagens e metáforas, e cada palavra corresponde um objeto, e cada imagem tem sua contrapartida na realidade (Vala, 2006).

Moscovici (2010) desenvolveu uma psicologia do conhecimento que pressupõe a representação social como um fenômeno que caracteriza uma forma de conhecer o mundo, em que os grupos compartilham e constroem conceitos, explicações e conhecimento sobre determinado objeto social, por meio de comunicações interindividuais realizadas no cotidiano.

“As representações sociais circulam nos discursos, são trazidas pelas palavras e veiculadas em mensagens e imagens midiáticas” (Jodelet, 2001, p.17). Tem como funções: o saber, que permite explicar a realidade (função cognitiva); a função identitária que favorece e protege a identidade do grupo; a de orientação para guiar comportamentos e práticas sociais, e a função ideológica que justifica tomada de posições e comportamentos.

O ato de representar possui como característica ser a representação de um objeto; ter caráter de imagem e conter a possibilidade de trocar a percepção pelo concreto; possuir caráter simbólico e significante; ter caráter construtivo; autônomo e criativo (Jodelet, 2001).

Segundo Jodelet (2001)

Sempre há necessidade de estarmos informados sobre o mundo a nossa volta. Além de nos ajustar a ele, precisamos saber como nos comportar, dominá-lo física ou intelectualmente, identificar e resolver os problemas que se apresentam: por isso que criamos representações. Frente a esse mundo de objetos, pessoas, acontecimentos ou ideias, não somos (apenas) automatismos, nem estamos isolados num vazio social: partilhamos esse mundo com os outros, que nos servem de apoio, às vezes de forma convergente, outras pelo conflito, para compreendê-lo, administrá-lo ou enfrentá-lo (p.17).

As representações sociais são importantes na vida cotidiana ao guiar o modo de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade diária, o modo de interpretar esses aspectos, tomar decisões e, eventualmente, posicionar-se frente a eles de forma defensiva. Contextualizada a Teoria das Representações Sociais, segue a apresentação de estudos sobre representações sociais do envelhecimento, cujo tema é um dos objetos de estudo dessa dissertação.

3.8 Representações sociais do envelhecimento

A idade cronológica para ser considerado idoso foi estabelecida em 1982 pela Organização das Nações Unidas (ONU) durante a Primeira Assembléia Mundial das Nações Unidas sobre Envelhecimento. A ONU estabelece a idade de 65 anos para países desenvolvidos e 60 anos para países em desenvolvimento. O critério utilizado para o estabelecimento cronológico do ser idoso considerou a expectativa de vida ao nascer e a qualidade de vida propiciada pelas nações aos seus cidadãos. O conceito de idoso é difícil e às vezes impossível de ser precisamente definido. Isso porque não só a idade cronológica, mas a capacidade funcional decorrente de processos biológicos, psicológicos e sociológicos e aspectos culturais deve ser levada em conta (Simson, Neri & Cachioni, 2006), como anteriormente apresentado.

Durante o século XX, por mais de 50 anos, a gerontologia considerou o envelhecimento com a antítese do desenvolvimento. Respaldados pela geriatria, muitos praticantes e pesquisadores consideraram a velhice como sinônimo de doença. Mesmo a gerontologia social estabeleceu-se com base no princípio de que a velhice é um problema a ser resolvido. As novas concepções originadas nas disciplinas biológicas, psicológicas e sociais, que hoje compõem o campo da gerontologia significaram mudança de paradigma perante o envelhecimento. Instauraram novas interpretações e novos métodos para seu estudo, os quais contrariam visões lineares e unidimensionais sobre o significado do tempo e das mudanças evolutivas. Segundo Neri (2001), a representação em relação à velhice atravessa uma mudança gradual, anteriormente vinculada exclusivamente à incapacidade e perdas, passa a ser entendida como uma fase do desenvolvimento humano, constituída de perdas e ganhos. O envelhecimento pode ser representado de modo diferente para indivíduos e coortes que vivem em

contextos históricos e sociais distintos como apresentado nos estudos a seguir.

Veloz, Nascimento-Schulze e Camargo (1999) analisaram as representações sociais sobre velhice, idoso e envelhecimento enquanto processo. Foram entrevistadas 37 pessoas na cidade de Florianópolis SC. Vinte delas consideradas idosas (60 anos ou mais) e 17 quase idosas (entre 52 e 59 anos). Pertenciam a três grupos diferentes, professores da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC aposentados; participantes do Núcleo de Estudo da Terceira Idade da UFSC – NETI e moradores de um centro para idosos. Três perguntas foram propostas: O que significa a palavra “idoso” para o (a) senhor (a)? O que é envelhecimento segundo seu entendimento? O que representa a palavra velhice para o (a) senhor (a)? O programa ALCESTE foi utilizado para o tratamento analítico dos dados. O estudo encontrou três tipos de representações sobre o envelhecimento: uma representação doméstica e feminina, onde a perda de laços familiares é central; outra tipicamente masculina apoiada na noção de atividade e perda do ritmo de trabalho e uma terceira representação mais utilitarista que apresenta o envelhecimento como desgaste da máquina humana.

Nesta perspectiva, o estudo de Magnabosco-Martins, Camargo e Biasus (2009), transversal e comparativo, objetivou descrever as representações sociais do idoso e da velhice em três grupos (adolescentes, adultos e idosos). Utilizou a técnica de entrevista semi-dirigida e empregou uma análise lexográfica e da classificação hierárquica descendente dos textos através do software ALCESTE. Os resultados foram descritos em duas partes: análise do *corpus* “idoso” e do *corpus* “velhice”. Com relação ao primeiro destacaram-se os seguintes aspectos: idéias de que ser velho tem certa independência da idade (é algo do espírito); a importância dos laços familiares; a contraposição entre idoso ativo e acomodado e a importância da aposentadoria para garantia de necessidades básicas nesta faixa etária. Para o *corpus* “velhice”, a compreensão da velhice como resultado do desempenho como pais, no trabalho e a importância atual da religião, a idéia da velhice como fase da vida onde predomina a dependência, mas também a experiência e sabedoria e um conceito de velhice como estado de espírito, associado a perdas. A representação social dos idosos associou à idéia de “idoso” as relações familiares; a noção de atividade que diferencia ser idoso (ativo) e ser velho (passivo), e a ideia de “espírito jovem”. Os adolescentes e adultos vincularam “idoso” as perdas físicas, psicológicas, experiência e sabedoria. Todos os participantes pensaram a velhice como uma etapa estanque na vida e não

um processo. Apareceram alguns elementos relativos às perdas e ganhos deste processo vital, bem como ideias de atividade e autonomia, constituindo o conceito de envelhecimento positivo.

Com relação ao mesmo tema, no estudo a partir de dados coletados via internet no Brasil (Wachelcke, Camargo, Hazan, Soares, Oliveira & Reynaud, 2008), participaram 469 pessoas, usuárias de um site de relacionamentos. Foram convidadas a responder a um questionário com questões de caracterização dos participantes e a escrever 7 a 10 palavras ou expressões sobre envelhecimento. Antes de serem submetidos à análise estatística, os dados sofreram uma pré-análise para remoção de questionários inválidos e em seguida as palavras foram categorizadas tematicamente. Por meio de análises fatoriais de correspondência com o auxílio do programa SPAD, foi identificado um princípio geral opondo perdas e ganhos e também os contrastes entre as diferentes faixas etárias. Os participantes mais próximos da velhice enfatizaram elementos ligados ao cotidiano (aposentadoria, convívio familiar, cuidar da saúde e novas ocupações). Para os mais jovens o envelhecimento foi tratado como uma realidade mais distante. As mulheres representaram o envelhecimento como uma fase ambígua com mais sentimentos positivos. Os homens e participantes com 30 a 45 anos apresentaram uma visão mais pessimista do envelhecimento. Notou-se a mudança do pensamento acerca do envelhecimento com o passar da idade.

Em outro estudo de Lopes e Park (2007) investigaram a representação social de crianças acerca do velho e do envelhecimento. Participaram do estudo 31 crianças (entre 5 e 10 anos), que haviam vivenciado encontros com velhos. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas aliadas a confecção de um desenho (que representasse um ou mais velhos) e brincadeira tematizada (solicitou-se que as crianças “fizessem de conta” que eram velhos). Procedeu-se à análise de dados aliando transcrições e desenhos num único corpo de dados do qual emergiram as categorias temáticas. Os resultados foram estruturados em dois tópicos: porque uma pessoa é velha e como uma pessoa é velha. Com relação ao primeiro tópico, os dados indicaram uma representação diversificada acerca do velho (velhice bem sucedida e ativa, e velhice relacionada à dependência, perdas e improdutividade), resultado da coexistência de imagens acerca do tema. No segundo tópico, o envelhecimento foi representado como um processo relacionado à passagem do tempo, a um ciclo natural da vida.

No contexto de estudos transculturais, Duque (2002) realizou estudo comparativo das representações sociais de quatro papéis

específicos de gênero de mulheres e homens idosos segundo grupos de gerações diferentes na Colômbia e Estados Unidos. Participaram da pesquisa 24 pessoas pareadas por sexo de três gerações: jovens, adultos e idosos. A pesquisa tratou das construções transculturais da velhice através da abordagem estrutural das representações sociais. Os dados foram coletados através da técnica de evocação de palavras. Os resultados mostraram que nos dois grupos os elementos centrais das representações de mãe/pai e companheira/companheiro corresponderam à divisão dos papéis em reprodutivo ou privado relacionado às mulheres e produtivo ou público relacionado aos homens. Os papéis de avó/avô nos dois grupos culturais tiveram como núcleo central aspectos relacionados às representações sociais dos papéis de amiga/amigo. Esse estudo aponta para a importância da consideração de diversas categorias sociais e das diferentes culturas para analisar a diversidade de experiências existentes na velhice. Embora o artigo mencione a análise intergeracional, esse critério não foi contemplado nas discussões e resultados finais. A hipótese de que a diversidade cultural e as categorias sociais interferem na construção de elementos centrais e periféricos das representações sociais sobre papéis de gênero na velhice diferenciando-as foi confirmada.

Lopes (2003) e Carvalho Neto (2000) afirmam que a classificação do processo de envelhecimento em categorias específicas, resulta de fatores históricos, econômicos, sociais, políticos e ideológicos, tanto quanto de aspectos simbólicos e culturais constituídos de valores, crenças e tradições. Esses fatores proporcionam uma variabilidade nas formas de conceber e criar modelos de vida para o envelhecimento.

O estudo das representações sociais sobre o envelhecimento possibilita a identificação de uma variedade de significados atribuídos às “velhices” (Freire, 2000). O fenômeno do envelhecimento, nos estudos acima, pontua a ambiguidade nas representações: perdas e ganhos, produtividade e improdutividade, atividade e inatividade, ciclo natural e estado de espírito, dependência e independência, limitações físicas e sabedoria. As formas de lidar com situações de vida na velhice estão diretamente relacionadas ao entendimento que os idosos têm sobre seu processo de envelhecimento. A exposição dos idosos as mais variadas situações da vida seja de ganhos e declínio, envolve conjuntamente os desafios e transformações decorrentes dessa fase do desenvolvimento. Para lidar com as adversidades resultantes do envelhecer, o idoso faz uso de recursos pessoais e do ambiente.

Os recursos de enfrentamento constituem-se de variáveis

emocionais e motivacionais. As formas como os idosos com 80 anos ou mais compreendem sua existência significando a vida, é uma variável importante para o enfrentamento decorrente das perdas na velhice. A espiritualidade aparece na literatura apresentada, como uma possibilidade de reflexão sobre o significado da existência humana ao atribuir sentido e propósito para a vida. Para responder a pergunta de pesquisa “qual o papel da espiritualidade na velhice?” foi realizada, por meio do estudo das representações sociais, a caracterização da compreensão desses idosos sobre o envelhecimento e sobre a espiritualidade; a verificação se os significados atribuídos à vida estão relacionados às representações sobre o envelhecimento e a verificação da possibilidade de relacionar espiritualidade como um recurso de enfrentamento diante de situações de vida na velhice.

4. MÉTODO

4.1 Caracterização da pesquisa

A presente pesquisa é um estudo de abordagem qualitativa, de natureza exploratória e corte transversal. O delineamento é do tipo estudo de casos em que objetiva explorar tipologias de visões de mundo a partir das particularidades e as diferenças entre os participantes. A pesquisa em questão teve como objetivo explorar o sistema de crenças e valores constituintes das representações sociais sobre vida, velhice e espiritualidade de idosos com idade igual ou superior a 80 anos.

4.2 Participantes

Participaram do estudo, 30 idosos com idade mínima de 80 anos e máxima 102, divididos de forma pareada por sexo, residentes na região da Grande Florianópolis, constituindo uma seleção intencional. O número de participantes foi estabelecido segundo critério de saturação dos dados de Ghiglione e Matalon (1997) que consideram em pesquisas qualitativas a realização de vinte entrevistas como suficientes, sendo que as seguintes terão como função apenas confirmar os dados obtidos com a análise das primeiras. Os autores referem ainda que é raro o surgimento de novas informações após a vigésima ou trigésima entrevista. Foi verificado, de fato, que as 30 entrevistas realizadas foram suficientes; pois, nessa etapa seus conteúdos começaram a repetir-se, caracterizando a saturação dos dados. Os participantes da pesquisa foram acessados por indicação de pessoas do convívio social da pesquisadora através da técnica metodológica bola de neve (*snowball*), em que os entrevistados indicavam outros participantes para serem entrevistados (Becker, 1993). Com vista ao rigor científico, buscou-se parear o número de participantes, levando em consideração as variáveis, sexo, idade e disponibilidade cognitiva para compreensão da entrevista.

Como critérios de exclusão dos participantes foram considerados os agravamentos de saúde que comprometessem a compreensão da entrevista, como doença de Alzheimer e demência. A informação quanto ao interesse do idoso em participar da pesquisa foi coletada durante conversa junto às pessoas que indicaram o mesmo para o presente estudo.

A idade mínima de 80 anos foi estabelecida em função da imersão completa dos idosos na fase da velhice, o que possibilita

examinar melhor suas concepções sobre sua condição e a relação com a espiritualidade. Considerou-se ainda o contexto do envelhecimento populacional mundial, uma vez que a população que mais cresce no mundo é a de pessoas com 80 anos ou mais (Banco Mundial, 2011). No Brasil essa população passou de 166 mil pessoas em 1940 para 2,6 milhões em 2010, com estimativa de atingir cerca de seis milhões no ano de 2030, sendo a faixa etária de maior crescimento também na população brasileira (IBGE, 2010).

4.3 Instrumentos

A coleta de dados foi realizada através de observação indireta com a utilização da entrevista individual em profundidade, semi-diretiva, com o emprego complementar de técnicas de entrevista episódica. Na técnica semi-diretiva o entrevistador indica temas e apenas realiza intervenções para encorajar ou incitar o entrevistado a falar. Esta técnica possibilita realizar uma investigação sem que se conheça antecipadamente o grau de informações dos entrevistados sobre os temas propostos. Deste modo o participante foi convidado a responder de forma exaustiva, com as suas próprias palavras e através do seu próprio conjunto de referências, a quatro questões gerais (os temas) (Ghiglione & Matalon, 1997): vida, velhice, espiritualidade e após a morte.

Durante a entrevista individual em profundidade, cujo objetivo foi acessar a compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações (Bauer & Gaskell, 2002) em relação aos temas propostos por parte dos participantes, foram empregadas pela pesquisadora técnicas clássicas de intervenção para entrevista não-diretiva (Ghiglione & Matalon, 1997). Neste sentido foram empregadas expressões breves de interesse como sinais afirmativos, olhar dirigido a pessoa, inclinação do corpo para frente e verbalizações do tipo: “Sim, entendo, hã, hã”, marcando o interesse da pesquisadora pelo o que foi dito; utilização dos silêncios entre 10 e 15 segundos; técnica do espelho que consistiu na repetição das últimas palavras que o entrevistado mencionou antes do silêncio; reformulações em que o entrevistador fez sínteses parciais do que o entrevistado acabou de dizer; solicitação de informações complementares demonstrando o interesse, mas mantendo a neutralidade; solicitação de informações pontuais somente quando muito necessário e repetição de questões quando o entrevistado pediu ou houve indicação clara de que ele não compreendeu o que foi perguntado.

A realização das entrevistas seguiu a proposição para o entrevistado de quatro questões gerais: “O que o(a) senhor(a) pensa sobre a vida?”, “O que o(a) senhor(a) pensa sobre a velhice?”, “O que o(a) senhor(a) pensa a respeito da espiritualidade?”, “O que o(a) senhor(a) pensa sobre o após a morte?” com a utilização de técnicas da entrevista não-diretiva com a intenção de elencar a maior quantidade de dados possíveis sobre os temas. Na entrevista em profundidade os episódios narrados estiveram vinculados a temporalidade, o que possibilitou a utilização de técnicas de entrevista episódica (Flick, 2004) a fim de incentivar o entrevistado a narrar situações de vida como momentos marcantes e a forma de enfrentamento de situações difíceis; uma vez que o conhecimento episódico se aproxima mais da experiência do entrevistado e assegura que esses acontecimentos sejam contados em sua especificidade.

Foram propostas questões complementares quando o entrevistado não aprofundou suas respostas, como: “Quais foram os momentos importantes da sua vida? Quais momentos agradáveis/desagradáveis foram vividos? Como era a vida na infância? Como era a vida na juventude? Como viveu sua vida de adulto? Como percebe sua vida agora? No decorrer dos anos, precisou de ajuda para resolver problemas? Quais foram os problemas e como procurou resolvê-los? Como costuma enfrentar problemas hoje? Qual o sentido da vida para o senhor(a)?. Cabe ressaltar que os temas norteadores da pesquisa foram vida, velhice, espiritualidade e após a morte. A fim de caracterizar os participantes a pesquisadora solicitou informações pontuais relacionadas a data de nascimento, naturalidade, escolaridade, profissão, estado civil, com quem mora, necessidade de ajuda para realizar quais atividades, em caso de necessidade quem o ajuda, religião, prática religiosa e doenças crônicas.

4.4 Procedimentos de Coleta de Dados

Para atender as normas da Resolução n. 196/196 do Conselho Nacional de Saúde sobre pesquisas envolvendo seres humanos, foram omitidos os nomes dos participantes. Para realização da pesquisa foi solicitado o parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina cuja aprovação, CAAE 0289612.1.0000.121, foi concedida em 14 de maio de 2012 (anexo 1).

O contato inicial com os participantes da pesquisa foi efetivado através de ligação telefônica, momento em que foi realizada a identificação da pesquisadora, a justificativa do contato e a citação do

nome de quem o indicou para a entrevista. Após essa etapa, foram agendados os dias e horários convenientes para os participantes a fim de realizar a entrevista. A realização da entrevista individual ocorreu na residência do idoso com o objetivo de favorecer a acessibilidade no caso da presença de limitações quanto à locomoção e de garantir o mesmo critério metodológico a todos os participantes.

Aos participantes foi solicitada autorização para coleta e utilização dos dados para a pesquisa através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (anexo 2). A entrevista foi iniciada com pedido de autorização para a gravação em áudio, seguido de agradecimento pela participação e alguns comentários iniciais sobre a pesquisa (apêndice 1).

Foi realizado um teste piloto com dois idosos pareados por sexo seguido da análise da narrativa do entrevistado e das intervenções do entrevistador a fim de habilitar a pesquisadora no domínio das técnicas de entrevista. Do primeiro teste piloto resultou a exclusão da primeira entrevista por conta do uso indevido das técnicas clássicas de intervenção por parte da pesquisadora e o aproveitamento da segunda entrevista cujo procedimento de análise foi avaliado como adequado pela equipe de pesquisadores do LACCOS. Posterior a primeira análise, foi realizado um segundo estudo piloto com mais dois idosos pareados por sexo e ambas as entrevistas foram consideradas na análise dos dados por conta do procedimento adequado na coleta.

As entrevistas tiveram uma duração média de 1 hora e 19 minutos (mínima 47 minutos e máxima 2 horas e 18 minutos). A entrevista de menor duração foi realizada com o único participante centenário da pesquisa que falou de forma objetiva em relação aos temas propostos e manifestou cansaço na fala após 40 minutos de conversa. Os cuidados quanto à garantia da realização da entrevista sem interrupções de terceiros foi previamente negociado com os acompanhantes dos idosos (quando presentes), que não manifestaram objeções quanto ao pedido da pesquisadora em realizar a entrevista de forma individual e sigilosa.

Durante a realização de coleta de dados, dois dos 30 participantes solicitaram o desligamento temporário do gravador, um por conta de lembrança do falecimento da esposa que mobilizou emoção e o outro por conta de um “segredo” de vida que não gostaria que fosse revelado. Embora houvesse esses dois pedidos, após a finalização da entrevista nenhum dos entrevistados manifestou a necessidade de acompanhamento psicoterapêutico. Dessa forma foi dispensável a realização de encaminhamento para o Serviço de Atenção Psicológica

da Universidade Federal de Santa Catarina (SAPSI/UFSC) cuja oferta foi realizada para os participantes.

A aproximação da finalização da entrevista foi pontuada pela pesquisadora que se manifestou satisfeita com os dados coletados e promoveu a dessensibilização do participante perguntando sua opinião sobre os temas da pesquisa e se gostaria de falar mais alguma coisa que ainda não havia sido dita, seguida do preenchimento de informações de caracterização dos participantes. Encerrada a entrevista e o preenchimento dos dados pontuais de caracterização, a pesquisadora colocou-se à disposição para conversar a respeito da pesquisa e participar de um momento de descontração a pedido da maior parte dos participantes.

4.5 Análise dos Dados

Inicialmente foi realizada análise dos dados de caracterização dos participantes como idade, estado civil, escolaridade, com que mora, doenças crônicas, religião e prática religiosa, por meio

de análise descritiva estatística com o auxílio do software SPSS (*Statistical Package for the Social Science* – Pacote Estatístico para Ciências Sociais). Para esta análise os participantes foram divididos segundo o sexo, sendo essa a principal variável de comparação.

As entrevistas gravadas foram transcritas e os dados textuais advindos das questões “O que o(a) senhor(a) pensa sobre a vida” “O que o(a) senhor(a) pensa sobre velhice” “O que o(a) senhor(a) pensa sobre espiritualidade” “O que o(a) senhor(a) pensa sobre o após a morte” foram analisadas respectivamente pelo software ALCESTE (Analyse Lexicale par Contextes de Segments de Textes). As 30 entrevistas foram desmembradas em três corpus de análise, o primeiro relacionado aos conteúdos vinculados ao tema vida, o segundo relacionado aos conteúdos relacionados ao tema velhice e o terceiro ao tema espiritualidade. Os conteúdos advindos do tema após a morte foram analisados quanto a sua relação com os três temas propostos. Foram realizadas classificações hierárquicas descendentes (CHDs) e análises de contraste entre as modalidades da variável sexo através do ALCESTE, que permitiu a análise comparativa entre o material textual de mulheres e homens. O objetivo dessas análises foi investigar as semelhanças e diferenças estatísticas das palavras a fim de identificar padrões repetitivos de linguagem, permitindo organizar e classificar os segmentos de textos de acordo com as semelhanças indicando possíveis representações sociais (Camargo, 2005).

As CHDs forneceram uma análise lexicográfica do material textual através de classes lexicais que foram caracterizadas pelo seu vocabulário e pelos segmentos de textos que compartilharam este vocabulário (Moreira, Camargo, Jesuíno & Nóbrega, 2005). Cada *corpus* de análise foi formado por UCIs (Unidades de Contexto Inicial), que correspondem as respostas dos participantes, no caso 30. Após o reconhecimento das UCIs, na análise *standart* o programa seccionou as UCIs em UCEs (Unidades de Contexto Elementar), que constituem o ambiente de enunciação da palavra, dando origem à unidade sobre a qual são feitos os cálculos estatísticos. As UCEs, segundo Camargo (2005) são segmentos de texto, na maior parte das vezes, de três linhas, dimensionadas pelo programa informático em função do tamanho de cada corpus e, em geral, respeitando a pontuação. As linhas de comando, fundamentais para a caracterização dos participantes, que precederam e codificaram cada UCI foram compostas pelas seguintes variáveis: sexo, idade, estado civil, escolaridade, com quem mora, doenças crônicas, religião, prática religiosa e necessidade de ajuda. O vocabulário mais significativo de cada classe foi selecionado com base em dois critérios: frequência superior à média de ocorrências no corpus específico e associação à classe, determinada pelo valor do qui-quadrado (quando o $p \leq 0,05$).

O ALCESTE executa quatro etapas (A,B,C e D: A etapa A consiste na redução das palavras as suas raízes, a elaboração dos dicionários e a segmentação do corpus em unidades de contexto elementares (UCEs). A etapa B a partir de matrizes cruzando formas e das UCEs, e empregando o teste do qui-quadrado de associação das formas e das UCEs, o software organiza e classifica os segmentos de textos (UCEs) de acordo com a semelhança dos membros entre si. Na etapa C obtêm-se resultados que permitem a descrição de cada classe, principalmente pelo seu vocabulário característico (léxico) e pelas variáveis relativas aos participantes da pesquisa. Na etapa D o software fornece outras informações, mas, sobretudo, os segmentos de texto característicos destas classes (indicador da significação destes elementos) (Camargo, 2005).

Considerando o caráter qualitativo da presente pesquisa foi realizada uma análise sequencial das narrativas (Bardin, 2009) aliada a análise de narrativas (Gibbs, 2009). As narrativas são consideradas uma das formas fundamentais em que as pessoas organizam sua compreensão do mundo (Gibbs, 2009). Na literatura é reconhecido o trabalho de Crossley (2000) sobre psicologia da narrativa, cujo foco dessa abordagem de análise é o desenvolvimento de uma compreensão

fenomenológica da consciência humana sobre dado fenômeno. No entanto, nessa dissertação optou-se pelo uso da análise de narrativas proposta por Gibbs (2009), mais especificamente a análise das narrativas quanto a estruturação da transição entre os temas e a identificação de elementos narrativos centrais presentes nas narrações. Essa escolha está justificada no fato da análise de narrativas proposta por Gibbs prestar atenção especial às comparações no discurso (narrativas de homens e mulheres) e ser frequentemente utilizada em pesquisas sociais, assim como possuir manual traduzido para língua portuguesa .

A primeira atividade realizada foi uma leitura flutuante da entrevista de cada participante a fim de conhecer o texto e identificar impressões e orientações sobre ele. As narrativas dos participantes se desenvolveram considerando eventos temporais e com uma sequência causal, ou seja, um evento levando inevitavelmente ao outro. Dessa forma, no segundo passo, buscou-se identificar a forma de construção dessas narrativas quanto à transição (Gibbs, 2009) entre os temas propostos. Após verificação da transição entre os temas seguiu-se para o terceiro passo: identificação e recorte do texto narrado quanto aos significados atribuídos e experiências relacionadas aos temas vida, velhice, espiritualidade e após a morte. No quarto passo, foram selecionados em cada entrevista individualmente os elementos narrativos centrais a cada tema proposto. O quinto passo consistiu em nomear cada entrevista e também a transição entre os temas junto aos elementos narrativos identificados pertencentes aos temas; e isto foi inserido em uma tabela (apêndice 2) a fim de facilitar a identificação das semelhanças nas narrativas dos participantes. No sexto passo, os participantes foram agrupados conforme semelhança na sequência da transição entre os temas e elementos narrativos centrais relativos a velhice e a espiritualidade. O agrupamento resultou na elaboração de duas tipologias de narrativas que objetivou analisar a relação entre espiritualidade e velhice.

5. RESULTADOS

5.1 Caracterização dos participantes

Como já informado, no presente estudo considerou-se um número de 30 participantes com idade igual ou superior a 80 anos pareados por sexo, sendo, portanto, metade dos participantes de cada sexo. A mediana das idades, apresentadas na tabela 1, foi de 83,5 anos (variando de 80 a 102 anos).

TABELA 1 – Distribuição dos participantes por idade e sexo

<i>Idade</i>	<i>Sexo</i>		Total
	Masculino	Feminino	
80	0	1	1
81	4	2	6
82	2	5	7
83	1	0	1
84	2	3	5
85	1	0	1
87	1	0	1
88	1	2	3
89	1	0	1
91	0	2	2
93	1	0	1
102	1	0	1
Total	15	15	30

Verificou-se que 17 participantes são viúvos (4 do sexo masculino e 13 do sexo feminino), 12 casados (respectivamente 10 e 2) e um participante do sexo masculino quando perguntado sobre o estado civil declarou-se namorando. Segundo a tabela 2, mais da metade dos participantes (19) mora com familiares ou com o próprio cônjuge. Os homens que moram com os cônjuges ou sozinhos são mais numerosos do que as mulheres.

TABELA 2 – Distribuição dos participantes por sexo e com quem mora

Sexo	Com quem mora					Total
	Cônjuge	Filhos	Familiares	Empregada	Sozinho	
Masculino	8	1	4	0	2	15
Feminino	2	3	5	1	4	15
Total	10	4	9	1	6	30

Observou-se entre os participantes da pesquisa uma heterogeneidade quanto a escolaridade e profissão exercida antes da aposentadoria. Em relação à escolaridade 15 participantes (8 homens e 7 mulheres) estudaram até o ensino fundamental, 9 (respectivamente 2 e 7) até o ensino médio e 6 apresentaram escolaridade até o ensino superior (respectivamente 5 e 1).

Quanto a profissão exercida antes da aposentadoria, os participantes mencionaram o exercício 11 profissões diferentes como se pode verificar na tabela 3. Entre as mulheres a maioria trabalhava no lar, e entre os homens houve relativo destaque para funcionário público e empresário.

TABELA 3 – Distribuição dos participantes por sexo e profissão

Profissão	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Funcionário público	4	3	7
Do lar	0	9	9
Administrador	1	0	1
Empresário	3	1	4
Pedreiro	1	0	1
Vendedor	1	0	1
Advogado	2	0	2
Médico obstetra	1	0	1
Estofador	1	0	1
Pescador	1	0	1
Professora	0	2	2
Total	15	15	30

Buscou-se levantar se os participantes apresentavam algum

problema de saúde, como se pode verificar na tabela 4. Quanto às doenças crônicas, a maioria dos participantes (26 de um total de 30) reportou sua presença. Os problemas de saúde citados pelos participantes referem-se a cardiopatias, hipertensão, diabetes, acidente vascular cerebral, insuficiência renal, hipotireoidismo, labirintite e dislipidemia. Um homem informou que sofre da doença de Paget que causa alteração na velocidade do metabolismo ósseo causando a destruição progressiva de ossos no organismo (Duarte, Santana, Nóbrega & Azevedo, 2002) e outro relatou a presença da cegueira por conta do seu centenário. Quatro participantes do sexo masculino declararam não ter nenhuma doença crônica.

TABELA 4 – Número de participantes por sexo em relação à presença ou ausência de doenças crônicas.

Doenças Crônicas			
Masculino		Feminino	
Presença	Ausência	Presença	Ausência
11	4	15	0

Em relação à religião, 17 participantes mencionaram pertencer a religião católica, 7 referiram a religião ou doutrina espírita; 3 disseram ser testemunhas de Jeová; 1 denominou-se presbiteriano e 2 se auto declararam sem religião.

Quanto à prática religiosa, 14 referiram apenas à prática privada (orações), 12 à integração das práticas privadas e públicas (frequência em instituições religiosas) e 4 participantes, todos do sexo masculino, afirmaram não ter prática religiosa.

No que tange a relação entre religião, prática religiosa e sexo, como se pode examinar na tabela 5, dos participantes que referiram pertencer a religião católica, 9 deles afirmaram exercer apenas a prática privada, seis mencionaram o exercício das práticas privadas e públicas (todos do sexo feminino) e dois a ausência de prática religiosa (todos do sexo masculino). Quanto à religião espírita, cinco participantes citaram a prática privada, dois indicaram a prática privada e pública e nenhum dos participantes apresentou-se sem prática religiosa.

TABELA 5 – Distribuição de participantes por sexo, religião e prática religiosa

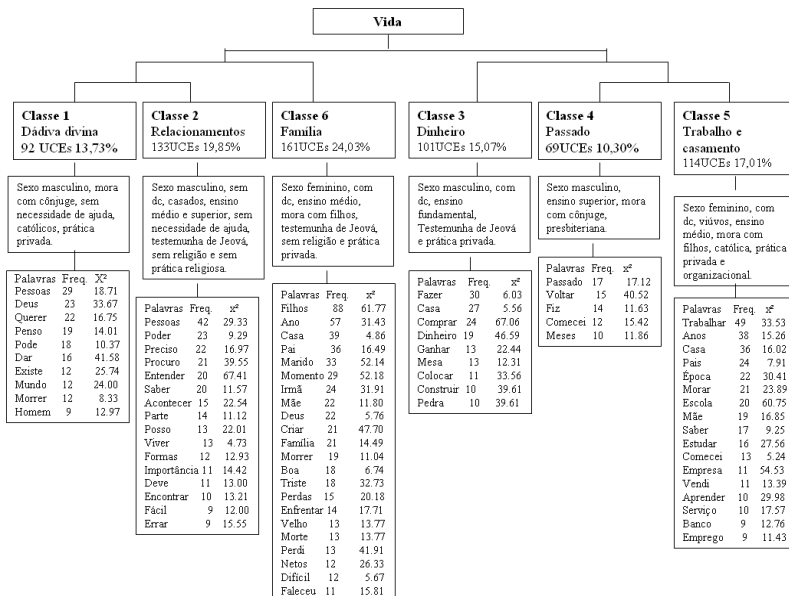
Religião	<i>Prática Religiosa</i>						Total	
	Privada		Privada e Pública		Sem prática			
	M	F	M	F	M	F	M	F
Católica	6	3	0	6	2	0	8	9
Espírita	1	4	2	0	0	0	3	4
Test. de Jeová	0	0	1	2	0	0	1	2
Presbiteriana	1	0	0	0	0	0	1	0
Sem religião	0	0	0	0	2	0	2	0
Total	8	7	3	8	4	0	15	15

5.2 Representações Sociais da Vida

O *corpus* analisado corresponde à parte da pesquisa que buscou investigar o que os participantes pensavam a respeito da vida. Ele é composto de 30 Unidades de Contexto Inicial (UCIs) que corresponde às trinta respostas dos participantes sobre o tema. O corpus foi dividido em 1020 Unidades de Contexto Elementar (UCEs) que continham 919 palavras analisáveis (indicadoras de sentido), com frequência média igual ou superior a nove reduzidas às suas raízes, sendo que estas ocorreram 18.227 vezes. A Classificação Hierárquica Descendente (CHD) levou em conta 670 UCEs, ou seja, 65,69% do total de UCEs, organizadas em seis classes.

Conforme a figura 1 observa-se o nome da classe, o número de UCEs que a compõe, seguida de uma descrição da classe e das palavras de maior associação com a mesma em função de dois critérios simultâneos: a) critério lexicográfico indicando a frequência média por forma distinta e b) coeficiente de associação qui-quadrado $\geq 3,84$, uma vez que o grau de liberdade é igual a 1.

Figura 1 – Dendograma de classes sobre representação social da vida de pessoas com 80 anos ou mais residentes na Grande Florianópolis-SC (n=30).



Conforme o dendograma o corpus teve uma primeira partição em dois sub-corpus. De um lado estão as classes 1,2 e 6 em oposição as classes 3, 4 e 5. Uma segunda partição separou no primeiro sub-corpus a classe 6 das classes 1 e 2. Uma terceira partição dividiu a classe 1 da classe 2. Uma quarta partição no segundo sub-corpus contrapôs à classe 3 das classes 4 e 5. Uma quinta partição dividiu a classe 4 da classe 5. As classes apresentadas a seguir seguem a ordem das classes que apresentaram o maior número de UCEs.

A classe 6 em oposição as classes 1 e 2, apresenta a maior parte de UCEs do corpus (24,03% das UCEs classificadas). Foi compartilhada principalmente pelos participantes do sexo feminino, sem doenças crônicas, viúvas, escolaridade ensino médio, participantes que moram com filhos e empregada, pertencentes às religiões Testemunha de Jeová e sem religião e prática religiosa privada. Os elementos associados a esta classe se referem à vida vinculada à importância da convivência familiar, a importância do nascimento e desenvolvimento dos filhos e netos e a morte como momento marcante ao longo da vida, enfrentada com ajuda da família.

A classe 2 está próxima da classe 1 e foi constituída de 19,85% das UCEs classificadas, representando a segunda maior classe do corpus. Ela foi compartilhada principalmente por participantes do sexo masculino, com doenças crônicas, casados, ensino fundamental e médio, participantes que não necessitam de ajuda para atividades da vida diária e religião espírita. As palavras associadas a esta classe demonstram a importância do relacionamento entre pessoas como forma de aprendizado para compreender e respeitar diferentes formas de viver.

A classe 1 envolveu 13,73% das UCEs classificadas. A análise das variáveis descritivas permite caracterizá-la como uma classe produzida predominantemente pelos participantes do sexo masculino, que moram sozinhos, necessitam de ajuda, cujas religiões referidas é a católica e prática religiosa privada. A maior parte dos conteúdos desta classe agrupou-se ao redor de elementos que relacionam a vida à crença da existência de Deus como criador e governante do mundo.

A classe 5, no segundo sub-corpus está próxima da classe 4 e é a terceira classe em número de UCEs do corpus, representando 17,01% das UCEs classificadas. Ela é compartilhada principalmente por participantes do sexo feminino, com doenças crônicas, moram com filhos, ensino médio, sem necessidade de ajuda para atividades da vida diária, religião católica e prática religiosa pública, com idade entre 91 e 100 anos. A partir das UCEs e das palavras associadas a essa classe a vida é significada pela necessidade de abdicção do trabalho formal em

prol do casamento e criação dos filhos, pelo trabalho doméstico e dificuldade em cuidar da família.

A classe 4 está próxima da classe 5 e foi constituída de 10,30% das UCEs classificadas, representando a menor classe do corpus. Ela foi compartilhada principalmente por participantes do sexo masculino, ensino superior, que moram com cônjuges e referiram a pertencer à religião presbiteriana. As palavras associadas a esta classe relacionam a vida à lembrança de acontecimentos do passado como começo da vida, marcada pelo enfrentamento de diferentes situações como perda da saúde, trabalho, relacionamentos amorosos e perdas de pessoas próximas.

A classe 3 no segundo sub-corpus está em oposição às classes 4 e 5 que estão mais aproximadas, como pode ser verificado na figura 1. Ela é a quarta classe em número de UCEs (15,07% das UCEs classificadas) e as variáveis descritivas indicam que essa é uma classe caracterizada pelos participantes do sexo masculino, com doenças crônicas, escolaridade até ensino fundamental, que necessitam de ajuda, pertencentes à religião Testemunha de Jeová, cuja prática religiosa referida é privada. As palavras associadas a esta classe estão associadas à ideia central da importância do dinheiro como favorecedor da aquisição de recursos básicos para a existência, como moradia e alimentação.

No corpus vida foi realizada uma análise por contraste entre modalidades da variável sexo com o intuito de demonstrar de modo comparativo as ideias dos homens e das mulheres a respeito do tema, a fim de favorecer a compreensão das diferenças identificadas no corpus. As respostas referentes ao tema “vida” corresponderam a 30 UCIs, que após a divisão feita pelo programa ALCESTE originaram 1020 UCEs. Destas 552 (54,12%) referem-se às respostas dos homens e 45,88% (468UCEs) às respostas das mulheres. Na tabela 6 apresentam-se as palavras mais características dos homens e das mulheres de acordo com a frequência e qui-quadrado.

TABELA 6 – Palavras características e homens e mulheres

Homens			Mulheres		
Palavras	Frequência	χ^2	Palavras	Frequência	χ^2
<i>Trabalhar</i>	131	7.76	<i>Casa</i>	107	11.30
<i>Existe</i>	35	16.80	<i>Filhos</i>	83	36.08
<i>Parte</i>	33	8.08	<i>Marido</i>	77	98.24
<i>Ganhar</i>	32	8.59	<i>Filhas</i>	73	22.93
<i>Posso</i>	30	6.25	<i>Mãe</i>	56	16.96
<i>Hora</i>	26	7.08	<i>Deus</i>	54	6.12
<i>Esposa</i>	24	15.67	<i>Imãos</i>	38	13.77
<i>Dificuldades</i>	18	4.32	<i>Deixar</i>	34	8.39
<i>Firma</i>	17	7.84	<i>Ir</i>	32	4.73
<i>Ponte</i>	15	8.10	<i>Crianças</i>	26	9.20
<i>Solteiro</i>	14	4.13	<i>Morte</i>	23	5.74
<i>Comer</i>	14	4.13	<i>Perdas</i>	20	4.47
<i>Tio</i>	13	11.16	<i>Mente</i>	19	7.95
<i>Condição</i>	13	8.58	<i>Doente</i>	18	7.04
<i>Trazer</i>	13	6.50	<i>Contar</i>	18	4.83
<i>Rio</i>	12	4.11	<i>Emprego</i>	18	3.93
<i>Padre</i>	11	9.43	<i>Infância</i>	17	10.62
<i>Cafê</i>	11	9.43	<i>Netas</i>	17	7.45
<i>Sacrifícios</i>	11	6.89	<i>Tive</i>	17	5.05
<i>Pão</i>	10	8.56	<i>Teve</i>	17	4.09
<i>Experiências</i>	10	8.56	<i>Caminhar</i>	16	11.45
<i>Semanas</i>	10	6.06	<i>Banco</i>	16	7.93
<i>Aposentado</i>	10	4.17	<i>Sozinha</i>	15	15.00
<i>Banana</i>	10	4.17	<i>Netos</i>	14	4.78
<i>Chefe</i>	10	4.17	<i>Perdi</i>	13	12.61
<i>Durar</i>	10	4.17	<i>Festas</i>	13	10.20
<i>Ensinar</i>	10	4.17	<i>Faleceu</i>	13	3.96

Através da análise por contraste foi possível identificar que os homens falaram a respeito da importância do trabalho e do sacrifício financeiro com a falta de dinheiro para garantir a alimentação. Enquanto que as mulheres falaram da importância da família, principalmente da criação e convívio como os filhos e netos, e das dificuldades enfrentadas no cuidado doméstico e familiar.

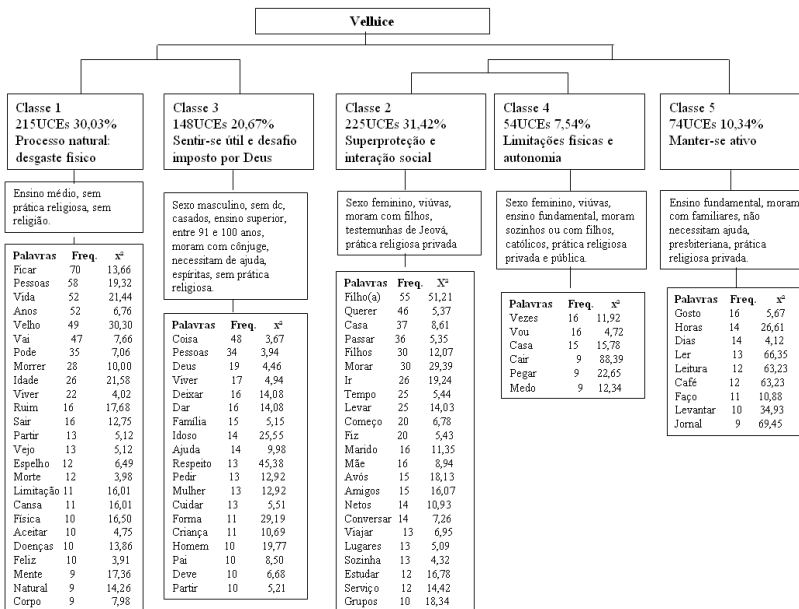
5.3 Representações Sociais da Velhice

O *corpus* analisado corresponde a parte da pesquisa que buscou investigar o que os participantes pensavam a respeito da velhice. Ele é composto de 30 Unidades de Contexto Inicial (UCIs) que corresponde às trinta respostas dos participantes sobre o tema. O corpus foi dividido em 1060 Unidades de Contexto Elementar (UCEs) que continham 901 palavras analisáveis (indicadoras de sentido) e reduzidas às suas raízes, com frequência média igual ou superior a nove, sendo que estas ocorreram 19.472 vezes. A Classificação Hierárquica Descendente (CHD) levou em conta 716 UCEs, ou seja, 67,55% do total de UCEs, organizadas em cinco classes, conforme a figura 2.

Observa-se na mencionada figura o nome da classe, o número

de UCE que a compõe, seguida de uma descrição da classe e das palavras de maior associação com a mesma em função de dois critérios simultâneos: a) critério lexicográfico indicando a frequência média por forma distinta e b) coeficiente de associação qui-quadrado $\geq 3,84$, uma vez que o grau de liberdade é igual a 1.

Figura 2 – Dendograma de classes sobre representação social da velhice de pessoas com 80 anos ou mais residentes na Grande Florianópolis-SC (n=30).



Conforme o dendograma o corpus teve uma primeira partição em dois sub-corpus. De um lado estão as classes 1 e 3 em oposição as classes 2, 4 e 5. Uma segunda partição separou no primeiro sub-corpus a classe 1 da classe 3. Uma terceira partição no segundo sub-corpus contrapôs às classes 2 e 4 da classe 5. Uma quarta partição dividiu a classe 2 da classe 4. As classes apresentadas a seguir seguem a ordem das classes que apresentaram o maior número de UCEs.

A classe 2 no segundo sub-corpus apresenta a maior parte de UCEs do corpus (31,42% das UCEs classificadas) e está próxima da classe 4. Ela foi compartilhada principalmente por participantes do sexo feminino, viúvas, que moram com filhos, da religião Testemunha de

Jeová, cuja prática religiosa referida foi a privada. A partir das UCEs e das palavras associadas a esta classe, a velhice aparece vinculada ao convívio com os filhos e cuidado desses com os pais que, por vezes, aproxima-se da superproteção e a participação em grupos de convivência aparece como um recurso facilitador da interação social.

A classe 4 no segundo sub-corpus é a menor em número de UCEs (7,54% das UCEs classificadas) e aparece complementando a classe 2 quanto ao seu conteúdo. As variáveis descritivas indicam que esta é uma classe caracterizada por participantes do sexo feminino, viúvas, com ensino fundamental, que moram sozinhas ou com filhos, religião católica, prática religiosa privada e pública. As palavras associadas a esta classe estão associadas às ideias centrais da importância da autonomia no exercício de atividades do cotidiano que envolve cuidados com a saúde e lazer e as dificuldades enfrentadas em decorrência das limitações físicas resultantes de adoecimento.

A classe 5 contraposta às classes 2 e 4, representa 10,34% das UCEs classificadas. Ela é compartilhada principalmente por participantes com ensino fundamental, que moram com familiares, que não necessitam de ajuda para atividades da vida diária, religião presbiteriana e prática religiosa privada. Os elementos associados a esta classe se referem à importância de manter-se ativo nas atividades da vida diária e não tornar-se um incômodo para a família.

A classe 1 envolveu a segunda maior parte de UCEs do corpus (30,03% das UCEs classificadas). A análise das variáveis descritivas permite caracterizá-la como uma classe produzida predominantemente por participantes com ensino médio, sem religião e sem prática religiosa. A maior parte dos conteúdos desta classe agrupou-se ao redor de elementos que se referem à velhice como um processo natural relacionada ao desgaste físico do corpo como a dificuldade de locomoção e o cansaço. É possível verificar pelas UCEs selecionadas uma preocupação com a beleza, sendo que os cuidados com a aparência física estão mais presentes entre as mulheres entrevistadas.

A classe 3 está próxima da classe 1 e foi constituída de 20,67% das UCEs classificadas e é compartilhada principalmente por participantes do sexo masculino, sem doenças crônicas, casados, com ensino superior, na faixa etária entre 91 e 100 anos, que moram com cônjuge, necessitam de algum tipo de ajuda para atividades da vida diária, religião espírita e sem prática religiosa. As palavras associadas a esta classe demonstram elementos relacionados à contribuição social para sentir-se útil na velhice e atribuição da velhice à um desafio imposto por Deus

No corpus velhice foi realizada ainda uma análise por contraste entre modalidades da variável sexo com o intuito de explorar de modo comparativo as ideias dos homens e das mulheres a respeito do tema, a fim de favorecer à compreensão das diferenças identificadas no corpus. As respostas referentes ao tema velhice corresponderam a 30 UCIs, que após a divisão feita pelo programa ALCESTE originaram 1060 UCEs. Destas 530 UCEs (50%) referem-se às respostas dos homens e 50% às respostas das mulheres. Na tabela 7 apresentam-se as palavras mais características dos homens e das mulheres de acordo com a frequência e qui-quadrado.

TABELA 7 – Palavras características e homens e mulheres

Homens			Mulheres		
Palavras	Frequência	χ^2	Palavras	Frequência	χ^2
Vai	90	4.33	Ficar	135	4.85
Vida	88	4.42	Vou	24	17.65
Trabalhar	60	10.11	Filhos	85	23.49
Mulher	37	25.39	Gosto	77	8.22
Acaba	32	8.38	Casa	75	11.19
Existe	28	16.55	Penso	67	17.59
Saúde	28	4.10	Sei	53	9.97
Lado	26	12.89	Falar	47	12.67
Parte	26	11.29	Ir	43	13.08
Idosos	23	6.32	Marido	38	33.67
Pai	22	9.39	Fiz	37	6.11
Homem	18	9.10	Digo	37	4.04
Vontades	18	3.94	Sozinha	35	33.24
Condições	17	9.99	Figura	28	5.71
Fez	17	5.38	Importante	27	10.67
Respeito	16	13.45	Duas	23	4.38
Serviço	16	4.64	Esperar	22	7.98
Grande	15	6.48	Viajar	22	4.64
Mão	15	3.94	Netas	21	4.94
Pesado	14	5.65	Netos	19	6.92
Ganhos	14	4.34	Teve	19	4.60
Ruas	14	4.34	Amigas	18	6.14
Natural	14	7.23	Contar	18	4.96
Alimentação	13	6.35	Avós	17	5.38
Aposentado	13	6.35	Faleceu	13	10.42
Prazer	13	4.84	Banho	13	4.84
Realidade	11	8.43	Tricô	12	12.14
Humano	11	8.43	Carne	12	5.48
Bons	11	6.31	Telefonar	11	6.31
Maneiras	11	6.31	Escutar	11	6.31
Mente	11	6.31	Acidente	11	4.63
Sozinho	11	6.31	Companhia	11	4.63
Velhos	11	4.63	Quase	10	7.44
Publicação	10	7.44			

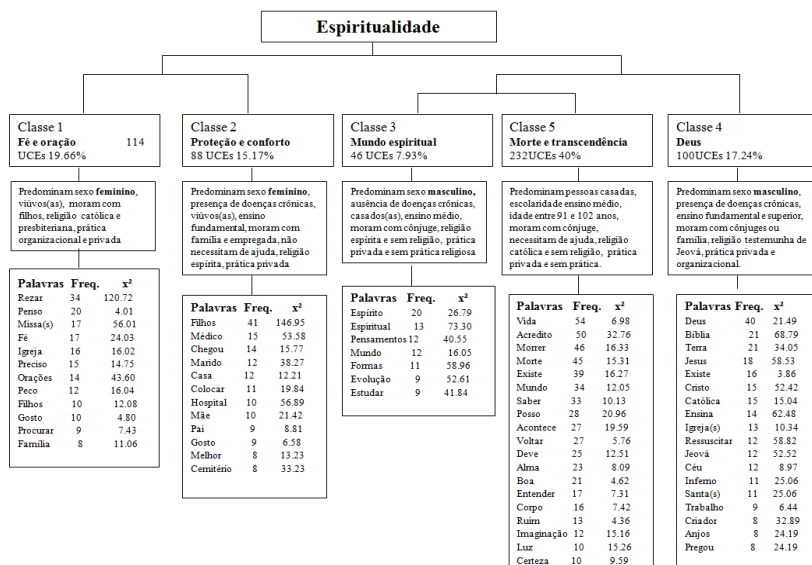
Em resposta a pergunta “o que pensa sobre velhice” os homens falaram a respeito da importância do trabalho ao longo do desenvolvimento e sobre a diminuição da capacidade de trabalho na

velhice. As mulheres referiram à importância da prática de atividades físicas para manter a qualidade de vida na velhice; a importância do convívio com os filhos e a interação social como forma de não ficar pensando na velhice. As mulheres vinculam ainda a velhice ao maior contato com a morte de pessoas próximas ou familiares

5.4 Representações Sociais da espiritualidade

O *corpus* analisado através do ALCESTE buscou investigar o que os participantes pensavam a respeito da espiritualidade. Ele é composto de 30 Unidades de Contexto Inicial (UCIs) que corresponde às trinta respostas dos participantes sobre o tema. O corpus foi dividido em 806 Unidades de Contexto Elementar (UCEs) que continham 702 palavras analisáveis (indicadoras de sentido), com frequência média igual ou superior a oito, já que estas ocorreram 14.156 vezes. A Classificação Hierárquica Descendente (CHD) levou em conta 580 UCEs, ou seja, 71,96% do total, gerando cinco classes, conforme a figura 3.

FIGURA 3 – Dendograma de classes sobre representação social da espiritualidade de pessoas com 80 anos ou mais residentes na Grande Florianópolis/SC/2012 (n=30).



Conforme o dendograma o corpus teve uma primeira partição em dois sub-corpus. De um lado estão as classes 1 e 2 em oposição as classes 3,5 e 4. Uma segunda partição separou no primeiro sub-corpus a classe 1 classe a 2. Uma terceira partição no segundo sub-corpus contrapôs a classe 4 às classes 3 e 5. Uma quarta partição dividiu a classe 3 e a classe 5. As classes apresentadas a seguir seguem a ordem das classes que apresentaram o maior número de UCEs.

A classe 5 envolve a maior parte das UCEs (40%) classificadas, estando próxima da classe 3. Ela é compartilhada por participantes de ambos os sexos, principalmente casados, com ensino médio, com idade entre 91 e 102 anos, que moram com cônjuge, necessitam de ajuda para atividades da vida diária, religião católica e sem religião, cujas práticas religiosas referidas foram a privada e sem prática. As UCEs e as palavras associadas a esta classe estão organizados em torno das ideias de conexão com poder divino, morte, transcendência da matéria, impacto no fim da vida e parte integrante da vida que resulta em consequência também no após a morte.

A classe 3 em oposição as classes 1 e 2, que envolve a menor parte das UCEs do corpus (7,93%) está próxima da classe 5 complementando-a. Foi compartilhada principalmente pelos participantes do sexo masculino, sem doenças crônicas, casados, escolaridade ensino médio, participantes que moram com cônjuges, pertencentes às religiões espírita e sem religião e prática privada e sem prática religiosa. A espiritualidade foi significada como evolução espiritual e pertencer ao mundo dos espíritos.

A classe 4 em oposição às classes 3 e 5, é a terceira classe em número de UCEs (17,24% das UCEs classificadas) e as variáveis descritivas indicam que esta é uma classe caracterizada pelos participantes do sexo masculino, com doenças crônicas, escolaridade até ensino fundamental e superior, que moram com cônjuges e familiares, pertencentes a religião Testemunha de Jeová, cuja prática religiosa referida é privada e pública. As palavras associadas a esta classe estão associadas à ideia central da existência de Deus.

No primeiro sub-corpus a classe 1 envolveu a segunda maior parte de UCEs do corpus (19,66% das UCEs classificadas). A análise das variáveis descritivas permite caracterizá-la como uma classe produzida predominantemente pelos participantes do sexo feminino, viúvas, que moram com filhos, cujas religiões referidas são a católica e a presbiteriana e prática religiosa pública e privada. A maior parte dos conteúdos desta classe agrupou-se ao redor de elementos que se referem à importância das orações, a frequência em missas e igrejas e a presença

da fé religiosa.

A classe 2 próxima da classe 1 foi constituída de 15,17% das UCEs classificadas e é compartilhada principalmente por participantes do sexo feminino, com doenças crônicas, viúvos, ensino fundamental, que moram com familiares e empregada, participantes que não necessitam de ajuda para atividades da vida diária, da religião espírita e prática religiosa privada. As palavras associadas a esta classe demonstram a importância atribuída à espiritualidade como forma de proteção na vida e conforto diante de situações de adoecimento.

Ainda no corpus espiritualidade foi realizada uma análise por contraste entre modalidades da variável sexo com o intuito de demonstrar de modo comparativo as ideias dos homens e das mulheres a respeito do tema, a fim de favorecer a compreensão das diferenças identificadas no corpus. As respostas referentes ao tema espiritualidade corresponderam a 30 UCIs, que após a divisão feita pelo programa ALCESTE originaram 806 UCEs. Neste corpus os homens falaram mais do que as mulheres, uma vez que 52,85% das UCEs referem-se às respostas dos homens e 47,15% às respostas das mulheres. Na tabela 8 apresentam-se as palavras mais características dos homens e das mulheres de acordo com a frequência e qui-quadrado.

TABELA 8 – Palavras características e homens e mulheres

Homens			Mulheres		
Palavras	Frequência	χ^2	Palavras	Frequência	χ^2
<i>Existe</i>	60	11.05	<i>Filhos (as)</i>	46	6.03
<i>Mundo</i>	53	7.90	<i>Volta</i>	39	17.31
<i>Religião</i>	42	11.85	<i>Rezar</i>	32	15.00
<i>Pensamento(s)</i>	37	18.22	<i>Chegar</i>	32	6.90
<i>Entender</i>	29	8.81	<i>Lugar</i>	31	9.04
<i>Criou</i>	22	28	<i>Fé</i>	28	12.67
<i>Enzima</i>	18	11.36	<i>Gosto</i>	22	5.26
<i>Chamado</i>	17	6.83	<i>Médico</i>	20	11.18
<i>Nascer</i>	17	6.83	<i>Hora</i>	20	3.90
<i>Mente</i>	15	10.96	<i>Marido</i>	17	11.79
<i>Condição</i>	14	12.71	<i>Missa</i>	15	5.10
<i>País (es)</i>	14	10.05	<i>Inferno</i>	13	4.65
<i>Palavra(s)</i>	14	4.59	<i>Triste</i>	12	13.66
<i>Plantar</i>	13	11.79	<i>Anjo(s)</i>	11	7.44
<i>Respeito</i>	13	7.01	<i>Hospital</i>	11	9.69
<i>Qualidade(s)</i>	10	9.03	<i>Cirurgia(s)</i>	11	9.69
<i>Colhe</i>	10	9.03	<i>Preparada</i>	11	4.21
<i>Interessante</i>	10	6.48	<i>Tranquila</i>	10	8.57

Através da análise por contraste foi possível identificar que os homens falaram a respeito da existência de um ser superior que transcende a existência mundana, a importância dos ensinamentos do cristianismo indiferente das religiões à qualidade de pensamento e a responsabilidade humana diante de suas escolhas. Por sua vez as mulheres, falaram da importância da fé cultivada através das orações em prol da proteção divina, ideia de transcendência da matéria e após a morte.

5.5 Análise sequencial das narrativas

A análise sequencial das narrativas corresponde a parte da pesquisa que buscou identificar as sequências das transições entre os temas vida, velhice, espiritualidade e após a morte (Bardin, 2009). Os elementos narrativos (Gibbs, 2009) atribuídos aos temas nas 30 narrações podem ser verificados no apêndice 2, cujo foco das discussões dos resultados está na vinculação do tema espiritualidade ao tema velhice. A seguir apresentam-se os participantes conforme ordem cronológica da realização das entrevistas, as variáveis “sexo e idade”, seguidas de um nome da entrevista, e da transição entre os temas indicando seus principais conteúdos.

O primeiro participante (sexo masculino, 83 anos) cuja entrevista foi nomeada de “O facilitador da existência”, organizou os quatro temas vida, velhice, espiritualidade e após a morte iniciando com o tema vida (focalizada nos papéis sociais de pai, avô e trabalhador) articulado ao tema velhice (Sobretudo pensada nas suas perdas como física e nas doenças), retornando ao tema vida, vinculando-o ao tema espiritualidade (associado a ideia de igreja e ao valores humanos de solidariedade) e associado esta ao tema do após a morte (pensada como sono eterno).

O segundo participante (sexo masculino, 82 anos), “O avô com mil e uma utilidades”, organizou sua narrativa iniciando com o tema vida (focalizada nos papéis sociais de avô e trabalhador e perda de pessoas próximas) articulado à espiritualidade (associada a conformismo da existência de Deus e descrença quanto a dogmas religiosos), seguindo pelo tema velhice (que aparece vinculada a limitações físicas, proximidade com a morte e convivência social), retornando ao tema vida, novamente retomando a velhice relacionando-a com espiritualidade, articulando-a ao tema vida seguida pelo após a morte (marcada pela dúvida e desinteresse pelo tema) relacionada à velhice e finalizada com vida.

O terceiro participante (sexo feminino, 81 anos), “A idosa solitária”, organizou sua narrativa iniciando pela vida (pensada com dádiva divina e importância da família) articulada com a velhice (entendida como proximidade com a morte, solidão e necessidade de companhia) seguida do após a morte (que aparece como lugar de beleza e descanso) e espiritualidade (definida como fé, religião e preparação para morte). Retomou a velhice articulando-a com a vida e espiritualidade, novamente retomou o tema velhice seguido de vida, espiritualidade e velhice. Resgatou o tema espiritualidade articulando-o ao tema vida, transitando para a velhice seguida do após a morte e finalizando com espiritualidade.

O quarto participante (sexo masculino, 84 anos), “O idoso otimista”, iniciou sua narrativa com o tema vida (compreendida como processo de desenvolvimento e aprendizado), articulou com o tema espiritualidade (definida como responsabilidade humana e proteção divina) e após a morte (pensada como a existência de outras vidas), retomou o tema vida articulando à velhice (focada no desgaste natural do corpo, etapa da vida e vigilância dos filhos), vida e espiritualidade. Retornou ao tema vida relacionando-o ao após a morte, espiritualidade e velhice. Da velhice retornou ao tema vida seguida da espiritualidade, resgatando novamente o tema velhice vinculando-o à vida.

O quinto participante (sexo feminino, 82 anos), “Do campo à capital”, construiu sua narrativa iniciando com vida (focada na família e pensamento positivo) articulada à velhice (definida como desgaste natural do corpo, saúde e doença e autonomia) seguida pela espiritualidade (associada à fé, religião e após a morte) e após a morte (que aparece como um lugar de punição e perdão divino). Retomou o tema velhice vinculando-o à vida e espiritualidade.

O sexto participante (sexo masculino, 81 anos), “O contemplador da natureza”, organizou sua narrativa iniciando com espiritualidade (definida como evolução tecnológica e desinteresse pelo tema) seguida pelo tema vida (associado ao trabalho, família e natureza) passando para o após a morte (pensada como fim da vida), seguindo para a velhice (associada ao desgaste natural do corpo, proximidade com a morte e manter-se ativo) e retornando à vida articulando com o tema espiritualidade e velhice. No tema velhice articula o tema vida, retorna à velhice vinculando-a com espiritualidade. Segue com vida, retoma mais uma vez o tema velhice vinculando o após a morte à vida e retornando ao após a morte.

O sétimo participante (sexo feminino, 81 anos), “A octogenária decidida”, começou sua narrativa com o tema vida (definida como

momentos familiares de alegria e de perda, e como algo referente a autoestima) seguindo pela espiritualidade (entendida como ligada a religião e a fé) e velhice (pensada como algo que muda a posição diante da vida, traz coisas negativas e positivas). Ao falar de velhice articula o tema espiritualidade e após a morte (que aparece como um lugar de punição e de perdão), retornando à velhice vinculando-a novamente à espiritualidade e após a morte. Insere o tema vida articulado com velhice, após a morte, vida e finaliza com velhice.

O oitavo participante (sexo feminino, 82 anos), “A professorinha”, organizou sua narrativa iniciando com vida (centralizada na importância da família e trabalho como aspectos positivos e adoecimento e morte como aspectos negativos), articulou com velhice (entendida como mudança gradual que envolve perdas (adoecimento), e ganhos (disponibilidade de tempo), espiritualidade (pensada como fé, parte da vida e preparação para a morte) e após a morte (entendida como julgamento divino e continuação da vida). Retomou o tema espiritualidade vinculando-o à velhice.

O nono participante (sexo feminino, 82 anos), “A construtora do próprio caminho”, iniciou sua narrativa com espiritualidade (focalizada na religião e solidariedade) articulada ao após a morte (entendida como finalidade imaterial e lugar de reencontro) seguida pela vida (associada à família e escolhas) e velhice (compreendida como mudança gradativa, saúde e doença e experiência de vida). Retornou ao tema vida vinculado à velhice seguida pela espiritualidade e após a morte e encerrando sua narrativa com a velhice.

O décimo participante (sexo masculino, 81 anos), “O velho aventureiro”, iniciou sua narrativa com o tema vida (definida como momentos e imprevisibilidade, trabalho e pensamento positivo) seguido do tema velhice (entendia como parte da vida e desgaste natural do corpo). No tema velhice vinculou o tema espiritualidade (pensada como solidariedade) e após a morte (significada como fim da vida) retornando à velhice, seguindo pela vida, retomando a velhice, retomando mais uma vez a vida e finalizando com velhice.

O décimo primeiro participante (sexo feminino, 82 anos), “Emoção à flor da pele”, construiu sua narrativa iniciando com vida (focalizada no convívio social, família e pensamento positivo), seguido pela velhice (relacionada a limitações físicas e adoecimento e a importância de manter-se ativo) vinculada à espiritualidade (pensada como fé, proteção divina e ligada a religião) e após a morte (entendida como um lugar de tranquilidade e vida eterna). Retornou à velhice vinculando-a a vida e espiritualidade. Da espiritualidade direciona sua

fala para vida seguida do após a morte e espiritualidade, finalizando com o tema vida.

O décimo segundo participante (sexo feminino, 91 anos), “A artesã de cabelos brancos”, organizou sua narrativa começando pela vida (focalizada na família e aprendizado com as vivências) vinculando-a a velhice (compreendida como processo natural da vida, necessidade de adaptação e autonomia) seguida pela espiritualidade (associada a reencarnações e preparação para a morte) e após a morte (pensada como evolução espiritual e vida pura). Retornou à vida articulando velhice com após a morte e espiritualidade. Mais uma vez retomou o tema vida relacionando-o à espiritualidade, esta à velhice e finalizou a narrativa com espiritualidade.

O décimo terceiro participante (sexo masculino, 93 anos), “O saudoso apaixonado”, organizou sua narrativa iniciando com o tema vida (associada à família, trabalho e proteção divina), articulando com o tema velhice (entendida como desgaste natural do corpo e processo gradual) seguido da espiritualidade (focalizada na fé, doutrina espírita e solidariedade). Retomou a vida vinculando espiritualidade e após a morte (pensada como outras vidas e reencontro). Prossegue com espiritualidade articulada com velhice seguida pela vida e finalizada pela espiritualidade.

O décimo quarto participante (sexo feminino, 88 anos), “A religiosa”, introduziu sua narrativa com o tema vida (compreendida como dádiva divina) vinculando-a a espiritualidade (focalizada na religião e preparação para a morte) e após a morte (que aparece como um lugar, o paraíso). Retornou ao tema espiritualidade articulando o tema velhice (associada a desgaste natural do corpo e a importância de manter-se ativa e conviver socialmente) seguido pela espiritualidade e finalizando sua narrativa com velhice.

O décimo quinto participante (sexo feminino, 82 anos), “A idosa da pracinha”, iniciou sua narrativa com vida (associada a momentos familiares de conflitos e a importância da saúde) articulando-a com velhice (relacionada a vigilância dos filhos e cuidados com a aparência), seguida de espiritualidade (marcada pela fé em Deus) e após a morte (entendido como reencarnação) e finalizando com vida.

O décimo sexto participante (sexo masculino, 102 anos), “O centenário esperançoso”, organizou sua narrativa iniciando com vida (focalizada na família e satisfação profissional) articulada à velhice (associada a limitações físicas, gratidão e aceitação), esta à espiritualidade (pensada como noção de certo e errado) seguida do após a morte (definida como lugar de punição e perdão). Retorna ao tema

espiritualidade seguindo pela vida articulada com a velhice, retomando o tema vida e finalizando com velhice.

O décimo sétimo participante (sexo feminino, 80 anos), “A idosa politizada”, iniciou sua narrativa articulando o tema vida (entendida como etapas, família, profissão e política) ao tema velhice (associada a cuidados com a saúde e importância do convívio social), retomou o tema vida vinculando ao tema espiritualidade (focalizada na fé, religião e amor à pátria) e após a morte (pensada como outro lado e justiça divina). Finalizou a narrativa com o tema espiritualidade.

O décimo oitavo participante (sexo masculino, 81 anos), “O idoso encantador”, organizou sua narrativa iniciando com o tema vida (definida como responsabilidade, família e trabalho) articulado ao tema velhice (entendida como processo gradual marcada por perdas (limitações físicas e mortes) e ganhos como experiência de vida) seguido pelo tema espiritualidade (pensada como noção de certo e errado e solidariedade) vinculado ao após a morte (entendido como continuação da vida). Retomou o tema espiritualidade vinculando-o à velhice seguida pela vida e após a morte.

O décimo nono participante (sexo masculino, 88 anos), “O justiceiro social”, iniciou a narrativa com vida (focalizada na família, educação e proteção divina) articulando com espiritualidade (entendida como justiça social, reencarnação e preparação para a morte) e após a morte (pensada como outro plano e evolução espiritual). Retomou o tema espiritualidade vinculando-o ao tema velhice (associada ao desgaste natural do corpo, processo e autonomia) seguido pelo tema vida e finalizando a narrativa com velhice.

O vigésimo participante (sexo feminino, 84 anos), “A filósofa contemplativa”, iniciou sua narrativa com o tema vida (entendida como liberdade de escolhas, gratidão e natureza) vinculando-o ao após a morte (pensada como estágio de evolução e determinação divina) e espiritualidade (associada a fé, justiça divina e pensamento positivo). Retornou à vida articulando espiritualidade com velhice e vida e encerrando a narrativa com velhice.

O vigésimo primeiro participante (sexo feminino, 91 anos), “A solidária”, organizou sua narrativa iniciando com espiritualidade (associada a noção de certo e errado, fé e solidariedade) articulada à velhice (marcada por limitações físicas, autonomia, aceitação e vigilância dos filhos) e vida (definida como dádiva divina e marcada pelo pensamento positivo). Retornou ao tema espiritualidade vinculando após a morte (pensado como outro lado, continuação da vida). Retomando espiritualidade articula com o tema vida seguido de velhice,

novamente vida vinculada à espiritualidade e encerra a narrativa com velhice.

O vigésimo segundo participante (sexo feminino, 84 anos), “A idosa do canarinho amarelo”, iniciou sua narrativa com vida (associada à família e casamento) seguida de velhice (definida como parte da vida, mudança na aparência e manutenção da personalidade) e espiritualidade (focalizada na fé em Deus). Retomou o tema velhice vinculando-o ao após a morte (pensado como outro lado e reencarnação) seguida pela vida e encerra a narrativa com o tema velhice.

O vigésimo terceiro participante (sexo masculino, 82 anos), “O pregador da bíblia”, organizou sua narrativa iniciando com o tema “vida” (ligada às dificuldades, pobreza e honestidade) articulado com espiritualidade (definida como religião e solidariedade) e após a morte (pensado como ressurreição e governo celestial). Retomou o tema espiritualidade vinculado ao após a morte, retornando mais uma vez à espiritualidade agora articulando ao tema velhice (associado à saúde e doença, cuidados e adaptação) ao encerrar a narrativa.

O vigésimo quarto participante (sexo masculino, 85 anos), “O médico poeta”, organizou sua narrativa articulando o tema vida (associada à família, satisfação profissional e religião) ao tema espiritualidade (definida como pensamento positivo, fé e religião) seguido pelo tema após a morte (pensado como lado divino e Deus) vinculado à velhice, encerrando com este tema sua narrativa.

O vigésimo quinto participante (sexo feminino, 84 anos), “Batizada e renovada”, iniciou sua narrativa com o tema vida (definida como fé, família, trabalho e proteção divina) articulando com espiritualidade (associada à religião, solidariedade e preparação para a morte) e após a morte (pensado como novo mundo e perfeição). Retomou o tema espiritualidade vinculado velhice aos temas após a morte e novamente espiritualidade. Encerra sua narrativa com velhice.

O vigésimo sexto narrador (sexo masculino, 87 anos), “O estofador de conversas”, introduziu sua narrativa com o tema vida (focalizada na família, trabalho e coragem) articulando ao tema velhice (associada a limitações físicas, vulnerabilidade, proximidade com a morte e tempo livre), espiritualidade (definida como viver o presente e proteção divina) e após a morte (pensada como fim da vida). Retornou ao tema vida vinculando-o à velhice ao encerrar a narrativa.

O vigésimo sétimo participante (sexo feminino, 84 anos), “A enlutada esperançosa”, organizou sua narrativa iniciando com vida (associada a perdas familiares e adoecimento) seguida de velhice (definida como perdas (desgaste do corpo e vigilância dos filhos) e

ganhos como maior experiência de vida e fazer o que gosta), espiritualidade (pensada como religião e proteção divina) e após a morte (significada como incógnita). Retornou ao tema espiritualidade vinculando-o à velhice e vida. Vinculou vida com velhice e esta com após a morte e espiritualidade, finalizando assim sua narrativa.

O vigésimo oitavo participante (sexo masculino, 84 anos), “O advogado emocionado”, iniciou sua narrativa com o tema vida (definida como existência, convivência social e familiar e satisfação profissional) articulando ao tema velhice (entendida como pertencente à vida e focalizada no manter-se ativo) seguido pela espiritualidade (pensada como pensamento positivo e convivência social). Retomou o tema velhice vinculando à espiritualidade e esta ao após a morte (entendido como fim da existência).

O vigésimo nono participante (sexo masculino, 81 anos), “O pescador que comeu o pão que o diabo amassou”, organizou sua narrativa articulando o tema vida (focalizada na injustiça social) com o tema velhice (associada a desgaste natural do corpo e vontade de viver). Retomou o tema velhice vinculando ao tema espiritualidade (pensada como solidariedade e Deus) que seguiu relacionado ao após a morte (significada como fim da existência). Ao finalizar a narrativa retomou o tema espiritualidade vinculando com velhice.

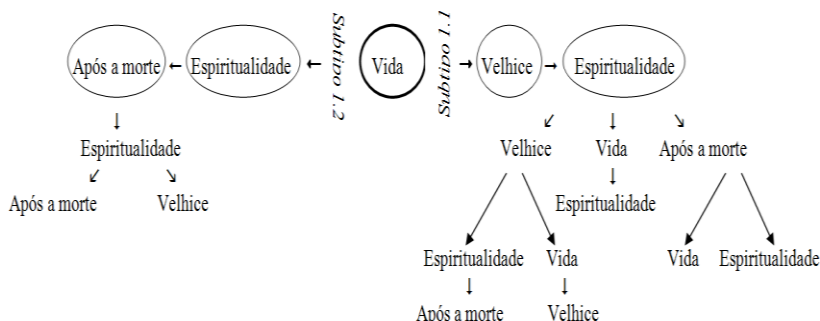
O trigésimo participante (sexo masculino, 89 anos), “O velho trabalhador”, iniciou a narrativa articulando o tema vida (focalizando no trabalho, família e convivência social) com velhice (definida como parte da vida, saúde e doença e manter-se ativo). Retomou o tema velhice vinculando ao tema espiritualidade (entendida como honestidade, solidariedade e julgamento divino na terra) seguida do após a morte (pensada como fim da existência). Retorna a vinculação entre espiritualidade e velhice articulando-a ao tema vida seguida da espiritualidade que é como encerra sua narrativa.

Conforme a análise sequencial dos temas e identificação dos elementos narrativos foi possível identificar duas tipologias das narrações compartilhadas entre os participantes, cuja representação gráfica pode ser observada nas figuras 4 e 5. As tipologias identificadas foram elaboradas a partir do tema inicial referido pelos narradores seguida dos temas subsequentes semelhantes entre as narrações e das semelhanças de conteúdo (elementos narrativos centrais) referidos pelos participantes inseridos em cada tipologia.

A tipologia 1, mais comum, foi constituída de 18 narradores, e caracterizada predominantemente pelo sexo feminino. Os participantes 3 (A idosa solitária), 4 (O idoso otimista), 5 (Do campo à capital), 8 (A

professorinha), 12 (A artesã de cabelos brancos), 13 (O saudoso apaixonado), 14 (A religiosa), 15 (A idosa da pracinha), 16 (O centenário esperançoso), 19 (O justiceiro social), 20 (A filósofa contemplativa), 22 (A idosa do canarinho amarelo), 23 (O pregador da bíblia), 24 (O médico poeta), 25 (Batizada e Renovada), 26 (O estofador de conversas), 27 (A enlutada esperançosa) e participante 28 (O advogado emocionado) foram classificados na tipologia 1.

Figura 4 – Representação gráfica tipologia 1



A tipologia 1 pôde ser dividida em dois subtipos, do lado direito da representação gráfica, no subtipo 1.1 observa-se que as narrativas (de 11 participantes) foram organizadas iniciando pelo tema vida articulado ao tema velhice seguindo pelo tema espiritualidade e desdobrado nos temas velhice, vida e após a morte. O tema velhice desdobrou-se ainda em espiritualidade seguido de após a morte para alguns participantes e vida seguida de velhice para outros. O tema vida desdobrou-se em espiritualidade. O tema após a morte desdobrou-se em vida para alguns participantes e em espiritualidade para outros.

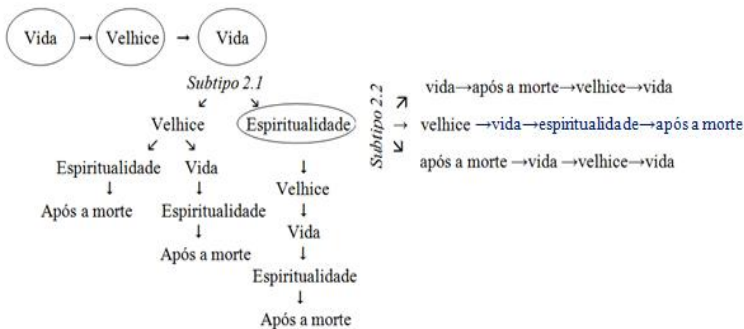
Do lado esquerdo da representação gráfica, observa-se o subtipo 1.2 (constituído de 7 participantes) cujas narrativas foram organizadas iniciando pelo tema vida articulado ao tema espiritualidade que se relacionou com após a morte. O tema após a morte desdobrou-se em espiritualidade seguido de após a morte para alguns participantes e de velhice para outros.

Na tipologia 1, o tema espiritualidade aparece articulado ao tema velhice como forma de proteção divina e conforto espiritual que facilita a aceitação da proximidade com a morte na velhice, sendo utilizada como recurso de enfrentamento na preparação para a morte. O

tema do após a morte apresenta-se vinculado à espiritualidade sendo significado como continuação da vida.

A tipologia 2, dividida em dois subtipos, foi constituída de 12 participantes, e caracterizada predominantemente pelo sexo masculino. Os participantes 1 (O facilitador da existência), 2 (Avô com mil e uma utilidades), 6 (O contemplador da natureza), 7 (A octogenária decidida), 9 (A construtora do próprio caminho), 10 (O velho aventureiro), 11 (Emoção à flor da pele), 17 (A idosa politizada), 18 (O idoso encantador), 21 (A solidária), 29 (O pescador que comeu o pão que o diabo amassou) e 30 (O velho trabalhador) compuseram a tipologia 2.

Figura 5 – Representação gráfica tipologia 2



Dos participantes selecionados, 9 (subtipo 2.1) organizaram sua narrativa iniciando pelo tema vida articulando-o ao tema velhice retomando o tema vida que desdobrou-se nos temas velhice e espiritualidade. Do tema velhice seguiram para espiritualidade e após a morte de um lado e para os temas vida, espiritualidade e após a morte de outro. Do tema espiritualidade seguiram para velhice, seguido de vida, espiritualidade e após a morte.

No subtipo 2.2, três participantes iniciaram a narrativa com o tema espiritualidade que se desdobrou para os temas vida, velhice e após a morte. O tema vida foi seguido de após a morte, velhice e vida. Do tema após a morte seguiu-se vida, velhice e vida. Na tipologia 2, a espiritualidade aparece articulada ao tema velhice como forma de exercer práticas sociais de solidariedade, promoção de bem estar ao próximo e como recurso facilitador na aceitação das limitações na saúde

durante a velhice. Entre os participantes inseridos na tipologia 2, seis deles (1,2,6,10,29 e 30) não relacionaram o tema após a morte a espiritualidade, sendo que os demais mencionaram a continuação da vida como pertencente a espiritualidade.

6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A estrutura da discussão dos resultados está construída da seguinte forma: caracterização dos participantes, representações sociais da vida, representações sociais da velhice, representações sociais da espiritualidade, discussão das narrativas e as tipologias das narrações de maior representatividade compartilhada entre os participantes, elaboradas a partir do tema inicial referido seguida dos temas subsequentes entre as narrações e das semelhanças entre os elementos narrativos referidos pelos participantes.

6.1 Caracterização dos participantes

O pareamento dos participantes e o controle da variável idade foi uma preocupação durante a coleta de dados. A variável “sexo” foi controlada com facilidade, de modo que foram integrados 15 participantes idosos e 15 idosas. A variável idade foi igualmente de fácil controle, uma vez que, as pessoas que indicaram os participantes estavam informadas quanto ao critério de idade, 80 anos ou mais.

Verificou-se que quanto à variável estado civil, a maior parte das idosas (13) referiu o estado de viuvez e a maior parte dos homens (10) referiu ser casado. De acordo com Telles (2003) o estado conjugal entre idosos e idosas é distinto, sendo que no Brasil apenas 12% dos homens idosos estão viúvos e 6,2% estão divorciados, e o número de viúvos vem decrescendo com o recasamento. Por outro lado, o número de viúvas vem aumentando e já é 3,4 vezes maior do que o de viúvos. Assim como a população idosa nacional, entre os participantes da presente dissertação, houve predomínio de idosos casados e idosas viúvas. Ainda de acordo com Telles (2003), Camarano (2003) e Salgado (2002) o alto número de idosos com 80 anos ou mais casados, aliado a grande proporção de idosas viúvas na mesma faixa etária pode indicar a maior longevidade da mulher e a tendência de recasamento entre os homens. Como o estado conjugal não foi controlado, durante a entrevista não se obteve informação quanto ao fato de ter ou não ocorrido recasamento entre os homens entrevistados, assim não foi possível observar nessa dissertação, a presença de recasamento que justifique o fato de 10 dos 15 homens entrevistados estarem casados em comparação com a viuvez referida por 13 das 15 mulheres entrevistadas.

Quando perguntado aos participantes com quem moram, mais da metade (19) disse morar com familiares e/ou com o próprio cônjuge. Este achado corrobora o estudo de Ayama, Rodrigues, Silva e Feriancia

(2009) com 20 octogenários de ambos os sexos sobre qualidade de vida e independência, em que 14 participantes referiram morar com família.

Em relação à escolaridade dos participantes, metade (15) cursou até o ensino fundamental, fato justificado pelos mesmos pela dificuldade de acesso a educação por conta da distância geográfica entre moradia e instituição de ensino e pela necessidade de enfrentar o mercado de trabalho para auxiliar no sustento da família. Entre as ocupações exercidas antes da aposentadoria que se destacaram entre os participantes, estiveram o funcionalismo público para os homens e atividades do lar para as mulheres.

Foi importante identificar se os participantes apresentavam algum problema de saúde, na medida em que sua presença pode ser considerada um fator de perda na velhice, uma vez que algumas doenças crônicas são limitadoras de atividades. A presença de doenças crônicas pode resultar em desconforto físico resultante dos seus próprios efeitos, de efeitos colaterais do tratamento, desconforto pelo custo (em termos de tempo e dinheiro) na busca de tratamento e necessidade de enfrentamento dos obstáculos de acesso ao sistema público de saúde. Problemas de saúde podem ser entendidos como uma ameaça para o bem estar; e muitas pessoas se voltam para a fé quando está doente, como orar pela cura, buscar orientação nas decisões de saúde e buscar força emocional (Cummings & Pargament, 2010). Em estudo realizado por Ai, Wink, Tice, Bolling e Shearer (2009) com pacientes cardíacos, os autores identificaram que os que referiram rezar antes da cirurgia de marcapasso tiveram menos propensão a complicações do pós-operatório. Entre os participantes entrevistados nessa dissertação de mestrado, a grande maioria referiu a presença de doenças crônicas e associou a prática religiosa privada à crença em Deus como forma de auxílio para a compreensão e aceitação da doença e força facilitadora para os cuidados pessoais com o corpo.

Em relação à religião, 28 participantes referiram pertencer a alguma denominação religiosa, sendo que desses, a maioria referiu a religião católica. Dado que corrobora com o fato dessa religião ser majoritária na população brasileira (Pierucci, 2005). Quanto à prática religiosa, apenas 4 participantes (todos do sexo masculino) referiram não exercer nenhum dos seus tipos. Para os demais, a prática privada foi a de maior prevalência, principalmente entre os idosos mais velhos, o que pode ser parcialmente atribuído ao fato deles terem a autonomia mais restringida, o que impede deslocamentos para prática religiosa de natureza pública. Mas a presença deste tipo de prática, mesmo em circunstância privada, pode também indicar uma maior consciência da

proximidade com a finitude. De acordo com Duarte e Wanderely (2011) a importância da religião na vida das pessoas não pode ser mensurada pelo quanto se frequenta uma igreja, e sim, pelo significado atribuído pelos mesmos às práticas religiosas privadas. Na presente dissertação verificou-se influência tanto da religião quanto das práticas religiosas nas representações sociais da espiritualidade, como será discutido no capítulo: Representações sociais da espiritualidade.

As variáveis de caracterização dos participantes pode ser verificada no apêndice 3 da presente dissertação.

6.2 Representações sociais da vida

O primeiro corpus de análise correspondeu às respostas dos participantes sobre eventos de vida, experiências vivenciadas, formas de enfrentamento de situações, sentidos e percepções sobre a vida em resposta a pergunta: o que pensam sobre a vida. Conforme o dendograma da figura 1, este corpus originou 6 classes, através das quais se podem identificar as representações sociais da vida.

Classe 6 – Família

A classe 6 apresenta a maior parte de UCEs do corpus vinculando a vida à importância da convivência familiar, nascimento e desenvolvimento dos filhos e netos e a morte como momento marcante ao longo da vida, enfrentada com ajuda da família, como anteriormente descrito na descrição dos resultados. As UCEs que seguem expressam essa visão:

“Os momentos marcantes foram o nascimento dos filhos, o sucesso nos estudos, que todos eles são formados e tem curso superior, todos os meus netos também tem curso superior. Depois foi o casamento deles, o nascimento dos netos, e agora por último de um bisneto, e estou feliz. Os momentos felizes giram em torno da família principalmente” (UCE 571, sexo feminino 80 anos).

“Foi um momento muito triste da minha vida. Eu perdi o meu pai, mas ele já tinha oitenta anos, estava doente, eu chorei, senti falta, mas foi diferente de perder um netinho com dois anos de idade, um menino lindo” (UCE 232, sexo feminino, 81 anos).

O lugar de centralidade conferido à família na representação

social da vida foi atribuído predominantemente pelas participantes do sexo feminino e viúvas. A viuvez é o estado conjugal predominante entre as idosas entrevistadas, o que pode ser compreendido tanto pela longevidade das mulheres como pelas normas sociais e culturais, que levam os homens a se casarem com mulheres mais jovens do que eles e também, construir um novo casamento no caso de estado de viuvez. Tal constatação corrobora o estudo de Camarano (2003) em que identifica que o novo casamento para viúvos idosos é mais frequente do que para viúvas.

A importância dada à família esteve presente em estudos de Martins (2002) e de Santos e Belo (2000) relacionados ao envelhecimento, onde constataram que as boas relações familiares ao longo da vida tendem a perdurar durante a velhice.

Na visão dos participantes dessa classe, a vida ao longo do tempo girou em torno da família, principalmente na criação e educação dos filhos, sendo que na velhice, esse cuidado é estendido no auxílio dos filhos no cuidado com netos e bisnetos. O lugar de cuidadora ocupada pelas idosas entrevistadas remete ao contexto histórico em que elas nasceram e foram educadas. O espaço privado, doméstico, vivenciado pelas mulheres até meados do século XX, concedia a valorização da função materna cuja prática social voltava-se para a transmissão de cultura, regras morais e sociais dentro de seus lares (Mestre, 2004). A representação sobre as mulheres do século XIX, que perdurou durante o início do século XX, estava ancorada na ideia de natureza feminina, voltada para o estereótipo de “moça de boa família”, sendo que qualquer tentativa de transformar tal representação era vista com a imagem de uma “mãe desnaturada” (Rocha-Coutinho, 1994).

Classe 2 - Relacionamentos

A classe 2 representando a segunda maior classe do corpus. A vida é significada como um momento de aprender com os erros e corrigir injustiças, assim como a possibilidade do exercício do papel social de avô. As UCEs que seguem demonstram essa visão:

“Eu entendo que para que aconteçam as mudanças na vida eu preciso nascer num lugar adequado onde estão as pessoas que tem mais a ver com a minha vida, aonde eu terei as afinidades e as rivalidades” (UCE 129, sexo masculino, 84 anos).

“Eu não vou ter muito do que falar sobre a vida, mas entendo

que é importante você procurar ser uma pessoa correta, um pai mais correto ainda, avô correto e cumpridor dos seus deveres, tanto civis como militares” (UCE 46, sexo masculino, 82 anos).

A classe 2 é característica predominantemente de participantes do sexo masculino e pertencentes a religião espírita. A importância atribuída à vida como uma oportunidade de aprendizado no convívio social e ligação afetiva, na visão dos participantes dessa classe, remete ao cunho filosófico-religioso da doutrina espírita que está voltada para o aperfeiçoamento moral do homem. Estudos e revisões de literatura de Goldstein (2000), Goldstein e Neri (2000) e Goldstein e Sommerhalder (2002) apontam que há vários indicadores de que crença e fé ocupam um lugar mais central na vida dos idosos do que em qualquer etapa anterior de suas vidas, sendo que o engajamento em buscar um sentido para a vida aumenta com o passar dos anos.

O exercício do papel social de avô vinculado ao cuidado dos netos como uma ação significativa para o sentido de vida aparece como elemento da representação social da vida para os participantes dessa classe. Em estudo realizado por Oliveira (1999) com avós e netos de classes populares residentes no interior do estado de São Paulo, verificou-se que ambas as gerações influenciam-se e educam-se mutuamente, resultando num sentimento de esperança, por parte dos idosos, proporcionado pelos desafios de tomar conta dos netos, como sentido para a própria existência. A relação que os avós estabelecem com os netos pode ser vista como uma oportunidade, pela “utilidade” que lhe é atribuída, de expressão da expectativa de ser alguém determinante para o desenvolvimento e ocupar uma posição importante na vida dos netos.

Classe 1 – Dádiva divina

Na classe 1 a vida é significada como bênção e dádiva de Deus, aliada a importância de agradecer e contemplar a natureza, o pensamento positivo, a ideia de que querer é poder quando há fé em Deus, o exercício da honestidade e a necessidade de ajudar o próximo.

“Tem que acreditar nas coisas, porque tem gente que não acredita nem em Deus, eu não vi, mas sei que tem que existir um ser todo poderoso. Deus fez o homem e a mulher, tem que ser muito inteligente para fazer isso” (UCE 1018, sexo masculino, 89 anos).

“Porque se tu acreditares, tu faz milagres com a força do pensamento, pode acreditar, chega a curar. Isso é fé, é onde às vezes eu fico meio assim, porque existe esse câncer, só quem pode fazer isso é Deus. Na minha ignorância, eu sou muito ignorante perto do ser todo poderoso, alguma coisa que digo pode ser pecado, mas é sem querer” (UCE 997, sexo masculino, 89 anos).

Na visão dos participantes dessa classe, a vida está relacionada à crença de ser ela uma oferta de Deus. A busca pelo sagrado, transcendente, seja Deus, o divino ou força superior é caracterizada por Koenig, George e Peterson (1998) como constituinte da espiritualidade como uma busca pessoal, sendo que o relacionamento com uma divindade é uma característica importante no desenvolvimento da identidade espiritual na vida adulta (Gall, et al., 2011; Kiesling, Sorell, Montgomery & Colwell, 2006). A ideia da vida vinculada ao sobrenatural presente na classe 1, em oposição ao natural e diretamente observável, também esteve presente no estudo de Negreiros (2003) ao entrevistar estudantes universitários, adultos e idosos de diferentes camadas sociais a respeito do tema espiritualidade. Quanto às representações sociais da espiritualidade na presente dissertação, entre as principais categorias a espiritualidade ligada ao sobrenatural foi significada pela crença em doutrinas religiosas, divindade e poder superior como regentes da vida.

Classe 5 – Trabalho e casamento

Na classe 5, terceira classe em número de UCEs do corpus, a vida é significada pela necessidade de abdicação do trabalho formal em prol do casamento e da criação dos filhos, pelo trabalho doméstico e dificuldade em cuidar da família, como já apresentado na descrição dos resultados e cujas UCEs abaixo demonstram essa visão.

“Naquela época eu já era avançada por trabalhar no banco. Só que quando eu casei e tive o primeiro bebe meu marido me tirou do trabalho. Ele achou que eu deveria ficar em casa, porque naquela época a gente não levava os filhos para a creche, a gente é que tinha que criar” (UCE 240, sexo feminino, 81 anos).

“Ele queria que eu cuidasse dos filhos, e não era fácil, mesmo com empregada, tudo foi muito difícil, meus filhos estudando em colégio, só meu marido trabalhando. Na época a gente fazia tudo em

casa, costurava, não comprava-se tudo pronto como hoje em dia” (UCE 358, sexo feminino, 82 anos).

Na classe 5 predominaram participantes do sexo feminino que compararam as atividades domésticas realizadas na época da sua juventude com o contexto atual. As mulheres respondentes dessa pesquisa tiveram na sua educação a influência dos costumes do século XIX cujo papel da mulher voltava-se para o ser mãe, esposa e dona de casa, costumes que continuaram presentes nas primeiras décadas do século XX. Essa norma social estava direcionada para a formação e educação dos filhos por parte das mulheres. Naquele momento da formação da sociedade brasileira, a mulher exercia as atividades domésticas e cumpria suas obrigações de tornar-se esposa e mãe exemplar, condutora da formação dos futuros cidadãos e cidadãs e submissa ao homem (Oliveira, 2009). Esse conjunto de crenças e valores ancorou a representação da mulher cuja existência esteve moldada pelas possibilidades apresentadas e pode ser percebida na visão das participantes dessa classe.

Em pesquisa realizada por Yazaki, Melo e Ramos (1991) com 15 idosos da cidade de São Paulo sobre arranjo familiar e casamento, verificou-se entre os resultados que o casamento demarcou mudanças na vida tanto das mulheres como dos homens. Os idosos que no momento em que se casaram apresentavam idade mais avançada tiveram como objetivo de vida a educação dos filhos e a compra da casa própria.

Classe 4 – Passado

A classe 4 representando a menor classe do corpus faz referência a vida a partir de lembranças de situações do passado vinculadas a necessidade do enfrentamento de situações de vida, como perda da saúde, a importância do trabalho, a vivência de relacionamentos amorosos e a perda de pessoas próximas.

“Eu trabalhava muito com os padres por causa do meu patrão, então eu me aperfeiçoei nas torres de igrejas e assim trabalhei em doze torres. O trabalho foi muito importante para mim, eu fui mestre, o prédio maior que eu fiz foi o Banco Nacional do Comércio, desmanchei o que tinha, e trabalhei das estacas até em cima. Entreguei a chave na mão do gerente geral. Assim eu comecei a vida” (UCE 526, sexo masculino, 102 anos).

“O comandante fez uma proposta para mim: levar o corpo desse meu amigo para ser enterrado na nossa cidade, em troca, eu não precisaria mais voltar para o exército. Assim eu fiz, era inverno e em uma camionete com motorista chegamos a uma cidade chamada Espumoso, que tinha uma barca para passar, e o rio estava sete metros acima do nível, o negócio estava muito ruim” (UCE 600, sexo masculino, 81 anos).

A memória aparece nessa classe como um meio para evocar o tempo que se viveu, o passado, principalmente relacionado ao trabalho. De acordo com Bosi (1995) a memória é o meio pelo qual são evocadas experiências de um tempo social, porque o ato de lembrar produz convenções sociais associadas a um determinado grupo. A estruturação social do tempo que acompanha as transições pelas quais os indivíduos passam ao longo da vida, desde o nascimento, infância, vida adulta e velhice; remetem para uma determinada identidade social (Hockey & James, 2003), que na visão dos participantes dessa classe está vinculada principalmente ao exercício profissional.

Classe 3 – Dinheiro

Na classe 3, quarta classe em número de UCEs as palavras associadas estão atreladas à ideia central da importância do dinheiro como variável de acesso para suprir necessidades básicas como alimentação e moradia. As UCEs que seguem expressam essa ideia:

“Nessa época eu comprei um terreno que estava sendo dividido, era o pior terreno que tinha e custava quinze mil. Eu ganhava 900 cruzeiros por mês, aí levantei o colchão, tinha onze notas de mil cruzeiros, tal de barão, uma nota vermelha com a figura do barão do Rio Branco” (UCE 881, sexo masculino, 87 anos).

“Não havia estrada para chegar ao farol, ia-se a pé ou a cavalo para comprar peixe, depois trazíamos os peixes até a lagoa Santa Marta, colocávamos na canoa para seguir viagem até Tubarão. Nós trabalhávamos de canoa a remo, porque naquele tempo não tinha motor. A gente trabalhava, lutava e não tinha ajuda de ninguém, nem de governo, de prefeitura, de ninguém” (UCE 346, sexo masculino, 81 anos).

A visão dos participantes da classe 3, onde predominaram o

sexo masculino, está centralizada na necessidade de prover condições materiais para a sobrevivência. Os respondentes relacionam a dificuldade no exercício profissional vivenciado, ao longo dos anos, com a falta de ajuda experienciada na vida adulta.

O modelo de família que se baseia nos papéis de homem como provedor e mulher como dona de casa em tempo integral declinou significativamente somente a partir da segunda metade do século XX (Castells, 1999). A partir de esse olhar, caberia aos homens a vinculação com o emprego remunerado e a provisão da família, o que foi verificado nessa classe.

6.2.1 Representações sociais da vida para homens e mulheres

Em resposta a pergunta: “O que o senhor pensa sobre a vida”, foi possível identificar através da análise por contraste que os homens falaram a respeito da importância do trabalho e do sacrifício financeiro com a falta de dinheiro para garantir a alimentação. Além disso, referiram a importância da fé, da honestidade e do pensamento positivo para lidar com as adversidades da vida. As UCEs que seguem demonstram essa visão:

“Trabalhei onze anos ali, aguentei onze anos o sacrifício trabalhando de manhã até a noite. Carregava pedra e grama o dia todo, a comida era um pirão de água com um peixe assado, o café era um pão seco, porque eu não tinha dinheiro para comprar margarina, eu ganhava trinta mil réis por semana” (UCE 956, sexo masculino, 81 anos).

“Movemos um monte de terra se tivermos pensamento positivo. Eu só trabalhei na minha vida e não arrependo-me. Quanto mais honesto o ser humano é, melhor para ele, terá mais felicidade” (UCE 1000, sexo masculino, 89 anos).

Por sua vez, as mulheres falaram da importância da família, principalmente da criação e convívio como os filhos e netos, e das dificuldades enfrentadas no cuidado doméstico e familiar. Ao falar de dificuldades, pontuam a mudança na contemporaneidade quanto ao trabalho doméstico ser atribuído também como uma responsabilidade do sexo masculino, a possibilidade do trabalho formal por parte das mulheres e a necessidade de conformar-se com as perdas diante da vida. As UCEs que seguem ilustram as ideias apresentadas:

“As mulheres hoje estão muito bem de vida. Antes a mulher tinha que aguentar, como eu aguentei, porque eu não tinha emprego, não tinha nada. Hoje as mulheres têm um bom emprego, carro, muitas não aturam os maridos, pedem para eles ajudar a lavar a louça. Até minha neta briga com o marido dela para ele ajudar em casa” (UCE 502, sexo feminino, 82 anos).

“Hoje eu me conformei, sinto saudades, quem não sente, foi um casamento muito feliz, cinquenta anos de casamento, tivemos quatro filhos, todos bem, muitos netos, e eu estou alcançando os bisnetos, coisa que meu marido não alcançou” (UCE 218, sexo feminino, 81 anos).

Ao longo da análise dos dados, na partição das classes houve predominância do sexo feminino relacionada às classes 6 e 5 em oposição a uma predominância do sexo masculino nas classes 1, 2, 3 e 4. A análise por contraste permitiu identificar as diferenças nos conhecimentos compartilhados entre homens e mulheres. Dessa forma, foram identificadas três representações sociais, duas relacionadas ao sexo masculino e uma ao feminino.

A representação social das idosas com 80 anos ou mais sobre a vida está ancorada no tema família: 1) a importância da convivência familiar, 2) nascimento, educação e desenvolvimento dos filhos e netos, 3) trabalho doméstico e 4) abdicação do trabalho formal após o casamento em prol da criação dos filhos. O discurso social das primeiras décadas do século XX, no qual as participantes da presente pesquisa tomaram parte, atribuía ao gênero feminino a “natural” tendência a doar-se pelos outros (Rocha-Coutinho, 1994). Essa ideia aparece na representação social da vida para a maior parte das mulheres entrevistadas, o que favorece a compreensão de que tal conhecimento foi perpetuado durante as gerações.

Em pesquisa realizada por Bassit (2002) sobre histórias de vida de mulheres com idade entre 62 e 77 anos, residentes na cidade de São Paulo, o exercício de cuidar da família ainda aparece como papel principal exercido pelas mulheres. Estudos brasileiros com famílias de nível socioeconômico médio nos quais a mulher é a principal responsável pelo sustento financeiro mostram que ela é responsável quase que totalmente pelas tarefas domésticas (Wagner, Predebon, Mosmann & Vereza, 2005). A presente pesquisa corrobora estes achados.

As representações sociais dos idosos, com 80 anos ou mais, sobre a vida, estão ancoradas em dois temas: 1) trabalho: a importância

do mesmo para garantir o sustento familiar, o dinheiro como meio para a aquisição de recursos básicos para a existência e o exercício do papel social de avô como provedor dos recursos financeiros necessários para sobrevivência dos netos e; 2) espiritualidade: a vida como um momento de aprendizado, marcada pela honestidade, dádiva divina e pensamento positivo diante de adversidades. Assim, dentro dos temas apresentados foram identificadas duas representações sociais sobre a vida por parte dos homens, uma vinculada ao trabalho e outra à espiritualidade.

A representação social da vida ancorada no trabalho está relacionada ao significado de oferecer a si e aos familiares condições materiais de sobrevivência mais ou menos satisfatórias. Este resultado pode ser explicado pelo estudo de Araújo e Scalon (2005) que discutem o quanto o status público do indivíduo tende a ser conferido também por seu lugar de consumidor, onde trabalhar significa, além de uma satisfação com a atividade exercida cotidianamente, prover recursos materiais de sobrevivência. Cabe mencionar que o ingresso massivo da mulher no mercado de trabalho, com exceção do trabalho nas fábricas durante a Revolução Industrial, teve início apenas na metade do século XX. O período pós-guerra legitimou o ingresso da mulher no mercado de trabalho, possibilitando a geração de renda e a tomada de decisão frente a sua vida, o que de certa forma minimizou a responsabilidade masculina quanto ao papel de provedor somente a partir desse período histórico (Alttiman & Costa, 2009).

A representação social da vida ancorada na ideia de dádiva divina, atribuída pelos participantes da pesquisa, está vinculada à experiência que ultrapassa e transcende os fenômenos físicos do ser humano. Este achado vai de encontro a ideia de Koenig (1994), George e Peterson (1998), que se referem à espiritualidade como uma busca pessoal pelo sagrado ou transcendente, seja Deus, o divino ou uma força superior. Como também tem relação com a concepção de Gall, Malette e Guirguis-Younger (2011) que consideram a conexão com Deus ou poder maior como uma componente chave da espiritualidade, estando associada ao eu e ao próprio modo de estar na vida.

A representação social das idosas sobre vida está ancorada na família, pela responsabilidade na criação dos filhos e do trabalho doméstico; enquanto que, as representações sociais dos idosos entrevistados está ancorada no trabalho como forma de sustento familiar e na espiritualidade como significado atribuído a vida. De acordo com Skitemore e Ahmad (2003) na atualidade o trabalho e a família são os dois aspectos mais importantes da vida do indivíduo. Verificou-se ainda que, a vida é significada a partir da rememoração das experiências

vividas ao longo do desenvolvimento, cujos momentos de transição definidos como marcantes giram em torno do trabalho, constituição familiar: casamento, nascimentos dos filhos e netos e experiências que envolvem momentos de perdas por morte. Para Matos (2004) os velhos, depois de viverem sua vida, ao relembrar o passado, estão reconstruindo a matéria de que foi feita a sua vida.

Ao considerar as funções das representações sociais (Nascimento-Schulze & Camargo, 2000) é possível constatar que as ideias e pensamentos dos participantes sobre a vida possibilitam vincular a família, o trabalho e a espiritualidade como alicerces da existência. Os participantes referiram a crença de que o indivíduo se desenvolve através do trabalho, no convívio familiar e pela fé em um ser superior. Crença essa que parece impulsionar os entrevistados para o exercício de práticas sociais em prol da aquisição de bens materiais através do trabalho, favorecendo o bem estar familiar, a educação e cuidado dos filhos. A fé em um ser superior esteve relacionada a busca de um sentido para a vida utilizada como recurso de enfrentamento para situações do cotidiano e significado existencial.

6.3 Representações sociais da velhice

O segundo corpus de análise correspondeu às respostas dos participantes sobre o envelhecimento, a passagem do tempo em resposta a pergunta: o que pensam sobre a velhice. Conforme o dendograma da figura 2, este corpus originou 5 classes, através das quais se podem identificar as representações sociais da velhice.

Classe 2 – Superproteção e interação social

A classe 2, apresenta a maior parte de UCEs do corpus e relaciona a velhice ao convívio com os filhos e ao cuidado dos filhos com os pais idosos que, por vezes, aproxima-se da superproteção. A participação em grupos de convivência aparece como um recurso facilitador da interação social. As UCEs selecionadas clarificam esse pensamento:

“Fui freada pela minha filha, ela disse: mãe a senhora não tem mais idade. Eu ia para o centro fazer as compras para o meu bazar, duas ou três vezes por semana, eu adorava, fiquei presa e não posso ir mais, só posso ir quando ela pode” (UCE 450, sexo feminino, 91 anos).

“Vamos agora dia vinte e um de maio para a Itália passear. Eu entrei também no clube dos idosos com a minha amiga que me acompanha há cinquenta anos. Ela me incentivou a entrar no grupo de idosos do SESC. Meu marido não queria muito, mas consegui convencê-lo” (UCE 322, sexo feminino, 82 anos).

No decorrer da velhice, pode ocorrer uma inversão de papéis entre pais e filhos, sendo que muitas vezes, são os filhos que acabam cuidando dos pais quando estes envelhecem. Os pais percebem que necessitam da ajuda dos filhos para determinadas atividades que antes realizavam sozinhos. Ao considerar a importância atribuída pelos idosos em manter alguma autonomia em relação as suas vidas, a superproteção pode causar prejuízos ao idoso, no sentido de limitar a capacidade do idoso de desenvolver-se e resultar em maior dependência em relação ao seu cuidador.

Zimerman (2000) em seu estudo com idosos sobre as dificuldades de relacionamento com familiares, observou, entre outros fatores, que a superproteção por parte da família resultou em aumento da dependência por parte do idoso. Para Camarano (2004) o desconhecimento das limitações e potencialidades dos idosos pode gerar um posicionamento superprotetor, estimulando a dependência em relação as atividades que ele pode desempenhar sozinho, ou privá-lo da tomada de decisão. Segundo Goldstein (2000) ajuda desnecessária pode produzir um sentimento de redução de controle, resultando em diminuição na ação e no senso de sentir-se como alguém que pode influenciar os acontecimentos da vida.

Em pesquisa realizada por Magnabosco-Martins, Camargo e Biasus (2009) com adolescentes, adultos e idosos sobre representações sociais do idoso e da velhice, os resultados indicam uma representação, dos não idosos entrevistados sobre o idoso, vinculada as perdas físicas, psicológicas, experiência e sabedoria. As definições de idoso envolvem a ideia de que ele é alguém que merece mais cuidado, e é uma pessoa dependente de outro membro da família. Ao considerar a função das representações sociais de orientar práticas sociais, há indicações de que tal representação favorece a superproteção dos filhos com os idosos.

A diminuição das capacidades físicas, sociais e psicológicas pode resultar no aumento da dependência do idoso em relação ao ambiente doméstico e familiar. De acordo com Baltes e Silverberg (1995) a dependência pode ocorrer em três dimensões: a física, a estruturada e a comportamental. A dependência física diz respeito à incapacidade funcional na realização de atividades básicas da vida

diária. A estruturada refere-se à perda do papel produtivo na família e na sociedade, e a dependência comportamental diz respeito à expectativa das outras pessoas em relação ao que o idoso é capaz de fazer e das oportunidades dadas a ele por outras pessoas, ou seja, não depende da competência do idoso em realizar uma tarefa.

A dependência comportamental é caracterizada por um ambiente superprotetor, que estimula a dependência do idoso, uma vez que os familiares acabam fazendo coisas que o idoso ainda seria capaz de fazer sozinho ou com pouca ajuda. A dependência de um idoso pode estar relacionada, segundo Neri e Sommerhalder (2002) a domínios físicos, necessidade de ajuda na realização de atividades práticas que ocorrem fora do ambiente doméstico e na obtenção de informações que possam auxiliar na tomada de decisões por parte do idoso, entre outros. As autoras enfatizam que a dependência em determinado domínio não implica na dependência em outros.

Ainda na classe 2, há indicações de que a busca de companhia e de contatos não familiares funciona como um facilitador das interações sociais. A convivência em grupos não familiares parece propiciar o exercício da cidadania, a sociabilidade e a construção de momentos coletivos de lazer e atividades prazerosas. Em pesquisa realizada por Araújo, Coutinho e Carvalho (2005) com 100 idosos de ambos os sexos, participantes de grupos de convivência em João Pessoa – Paraíba, através da técnica de associação livre de palavras cujos termos indutores foram: velhice, grupos de terceira idade e família, os resultados indicam que os idosos que compreenderam a faixa etária de 66 a 70 anos afirmaram que os grupos funcionam como uma rede de apoio social entre amigos. Sendo esse espaço fundamental para uma velhice bem-sucedida, uma vez que, eles contribuem para o exercício do papel de cidadãos, utilização de suas potencialidades, oportunidade de serem ouvidos, efetivação de laços de amizade e momentos de lazer e restabelecimento da auto-imagem positiva. O convívio social pode estimular e evidenciar as habilidades e competências pessoais, o senso de auto-eficácia, de controle percebido, de engajamento social, da espiritualidade e habilidades para relaxar, visando ampliar seus recursos de enfrentamento como também o senso de bem-estar na velhice (Staudinger, Marsiske & Baltes, 1993).

Classe 4 – Limitações físicas e autonomia

Na classe 4, menor em número de UCES (a velhice aparece associada a importância da autonomia no exercício de atividades do

cotidiano que envolve cuidados com a saúde e lazer e as dificuldades enfrentadas em decorrência das limitações físicas resultantes de adoecimento. Os elementos vinculados as limitações físicas, referidos pelos participantes, envolvem principalmente a dificuldade de equilíbrio e o risco de queda, o que aparece vinculado ao medo de se machucar e intensificar a preocupação dos filhos com os pais. As UCEs selecionadas demonstram essa visão:

“Quero me virar sozinha até mais um pouco, porque eu tenho as minhas atividades, duas vezes por semana vou para a hidroginástica, outras duas vezes vou dançar na universidade. Desde que eu tive o acidente vascular cerebral há dois anos eu frequento a universidade para dançar. Meus filhos estão preocupados porque há quinze dias eu fui pegar uma sapatilha, perdi o equilíbrio perto da mesa na casa da minha filha e caí” (UCE 203, sexo feminino, 82 anos).

“Agora eu estou com catarata, quando me curar não vou mais precisar usar óculos. A luz muito forte me incomoda, o sol me incomoda. Até andar fora de casa eu não posso, para descer uma escada a perna não obedece, um degrau alto eu não consigo subir. Eu nunca mais pudei minhas roseiras porque não consigo chegar até lá, eu tenho muito medo de cair” (UCE 483, sexo feminino, 91 anos).

Semelhante a classe 2, aparece o elemento autonomia nas relações familiares, assim, há indicativos de que a classe 4 complementa essa representação por parte das idosas sem desconsiderar as limitações físicas que resultam na necessidade de ajuda para realizar determinadas tarefas. A autonomia na velhice é uma questão que comumente faz com que seja construída uma representação de que a pessoa idosa não pode desempenhar suas tarefas e seu papel na sociedade, sendo essa fundamental para a manutenção da qualidade de vida e enfrentamento da velhice (Vieira, 2004).

As quedas na velhice podem estar associadas a fatores intrínsecos decorrentes de alterações fisiológicas do envelhecimento, doenças e efeitos de medicamento e de fatores extrínsecos cujas circunstâncias sociais e ambientais, como a imobilidade urbana, podem oferecer desafios ao idoso. As quedas apresentam impactos na vida de um idoso, que pode incluir morbidade importante, mortalidade, deterioração funcional, restrições a atividades devido as dores, hospitalização e necessidades de cuidados médicos e familiares e atitudes protetoras de familiares e cuidadores (Ramos, 2002).

O medo do risco das quedas, entre os participantes do presente estudo, aparece relacionado à preocupação por parte do idoso em não tornar-se dependente e perder sua autonomia por conta de um acidente que pode resultar num comportamento superprotetor por parte dos filhos. Com o objetivo de analisar o efeito das quedas e suas conseqüência na qualidade de vida dos idosos, Ribeiro, Souza, Eti, Souza e Schilithz (2008) realizaram um estudo exploratório com 72 idosos no município do Rio de Janeiro. Entre os resultados, as conseqüências das quedas mais citadas pelos participantes foram: fraturas, medo de cair, abandono de atividades, modificação de hábitos e imobilização. O estudo evidenciou que as quedas exercem influência negativa no sentido de perda de autonomia na qualidade de vida dos idosos.

Classe 5 – Manter-se ativo

A classe 5 se refere à importância de manter-se ativo nas atividades da vida diária e não tornar-se um incômodo para a família. Fazer o que se gosta, dentro do que é possível, aparece relacionado a atividades de leitura, caminhadas, conversas, tricô, assistir televisão e inventar serviços dentro de casa. As UCEs abaixo demonstram essa visão:

“Umaz dez horas apago a luz e durmo. Hoje eu acordei meia noite e vinte não dormi mais. Eu fico deitada, eu faço crochê, acendo a luz e leio, quando são seis horas eu levanto, não incomodo ninguém, não faço barulho” (UCE 451, sexo feminino, 91 anos).

“Só porque estou aposentado vou viver na cama dormindo? Cama é na hora necessária, só para descanso. Quero aproveitar a vida, tem a televisão, tem jornal, então vou assistir televisão ou vou andar” (UCE 225, sexo masculino, 81 anos).

O desempenho de atividades referidas pelos idosos parece proporcionar uma sensação de independência e autoconfiança na busca de bem estar na velhice. Os participantes que predominam nessa classe referiram não necessitar de ajuda para atividades da vida diária, assim manter-se ativo aparece relacionada ao estilo de vida em busca de manter alguma autonomia e não se tornar uma pessoa dependente da família. Cabe ressaltar que para Neri (1991) envelhecer bem não depende unicamente de o idoso manter-se ativo, participativo e útil, é

necessário o acesso a condições adequadas de educação, urbanização, habitação, saúde e trabalho durante toda sua vida. Cupertino, Rosa e Ribeiro (2007) mostraram em seu estudo sobre envelhecimento que os idosos entrevistados consideraram a saúde física, saúde social, saúde emocional, preocupação com alimentação e evitar fatores de risco como elementos importantes para um envelhecimento saudável.

Classe 1 – Processo natural: desgaste físico

A maior parte dos conteúdos da classe 1, segunda maior parte de UCEs do corpus, agrupou-se ao redor de elementos que se referem à velhice como um processo natural relacionada ao desgaste físico do corpo como a dificuldade de locomoção e o cansaço, como apresentado na descrição dos resultados. As UCEs que seguem ilustram essa visão:

“Quem manda ficar velho, olha a velhice aí na vida. O velho cansa, não tem mais aquela capacidade física e mental que tinha quando jovem. Mas é assim, eu acho que a gente vai se acomodando, ou vai se desgastando mesmo e não tem mais condições de fazer o que devia ou que o queria, ou o que podia fazer antes, e vai se encolhendo, se restringindo, ficando velhinho, cansadinho, feinho” (UCE 380, sexo masculino, 81 anos).

“Porque daqui para frente não sei se vou aguentar, aguentei, mas não garanto, porque meu emocional já está um pouco para baixo, normal, natural, eu acho. A velhice para mim é uma coisa natural, porque ela vai acontecendo devagar, e vamos começando a adaptar-se aquilo que chega” (UCE 776, sexo feminino, 91 anos).

A alteração na aparência física e os cuidados com o corpo aparecem no conteúdo dessa classe, assim como há na fala dos participantes uma comparação entre a velhice e a disposição física da juventude. É possível verificar pela UCE selecionada uma preocupação com a beleza, sendo que os cuidados com a aparência física estão mais presentes entre as mulheres entrevistadas.

“Vou ao espelho e não enxergo muitas coisas e fica mais fácil aceitar, vejo uma ruga aqui e outra lá e assim vai indo. Vou aceitando, às vezes, esperneio, vou lá ao dermatologista e peço um tratamento e ele dá, e eu saio feliz da vida achando que aquilo vai fazer alguma coisa, mas pouco faz, porque não é só o rosto e o pescoço, são as mãos,

tudo envelhece junto” (UCE 298, sexo feminino, 81 anos).

Outro elemento que constitui a classe 1 está relacionado a proximidade com a morte, sendo que esse fator parece impulsionar os idosos a viver um dia de cada vez. As UCEs que seguem demonstram essas ideias:

“Eu sei que estou indo sempre mais perto da morte, não tem o que fazer, quando acontecer, aconteceu. Eu não fico pensando muito na morte, não fico pensando que vou morrer, mas queira ou não queira estou mais perto, mas não fico pensando: estou perto da morte, vou morrer. Penso sempre que a vida está continuando, mais fraca, mais lenta, mas está continuando” (Entrevista 5, sexo feminino, 82 anos).

“Estou com oitenta e dois anos, o que eu espero da vida? O que eu vou esperar daqui para frente? Vou esperar mais oitenta anos? É impossível, com a morte acabou-se, morreu acabou” (UCE 1009, sexo masculino, 82 anos).

A velhice é significada na classe 1 como uma decorrência do processo natural inevitável ao ser humano vinculado ao envelhecimento biológico em que modificações corporais e mentais ocorrem ao longo do processo de desenvolvimento sendo mais evidentes na velhice. Para Beauvoir (1990) “a velhice não é um fato estático; é o resultado e o prolongamento de um processo” (p.17). A presença das limitações físicas aparece como um fator importante na significação da velhice, sendo que as modificações na aparência, a perda da beleza física, aparecem vinculadas ao desconforto diante do espelho e a necessidade de aceitação da nova realidade, que impulsiona os cuidados com a saúde e a estética para amenizar as transformações corporais ocorridas ao longo do tempo. O estudo de Veloz, Nascimento-Schulze e Camargo (1999) identificou entre as representações sociais sobre o envelhecimento uma representação utilitarista com o desgaste físico.

Os idosos com 80 anos ou mais entrevistados nessa pesquisa, reconhecem-se como velhos, sendo que a própria percepção da velhice como último momento de vida e da proximidade com a morte, favorece maior aceitação das adversidades vivenciadas, tanto quanto impulsiona o manter-se ativo na direção de aproveitar os momentos de vida que ainda virão, mais do que prolongar a vida, os idosos parecem focar na qualidade de vida enquanto esta é ceifada pelo tempo. Os idosos apresentam uma consciência de maior proximidade com a finitude o que

resulta numa postura de não perder tempo, apesar das limitações físicas, com questões que não são consideradas realmente importantes. Sobre a questão da morte relacionada à velhice, Pinazo e Bueno (2004) em estudo realizado na Espanha sobre as representações sociais da morte para idosos encontraram entre os resultados que os idosos tem uma visão muito natural a respeito da morte, já que é um acontecimento presente no seu cotidiano (morte de parentes e amigos próximos) e que reconhecem a proximidade com a própria finitude por conta da idade avançada. Para Debert (2004) há uma tentativa na atualidade de dissociar a imagem de velhice a imagens de doença e morte, mascarando a realidade e submetendo a sociedade a uma conspiração do silêncio.

Classe 3 – Sentir-se útil e desafio imposto por Deus

A classe 3 traz elementos relacionando à velhice a contribuição social para sentir-se útil e é significada como um desafio imposto por Deus, em que o idoso é responsável pelo enfrentamento das limitações presentes na velhice. As UCEs a seguir indicam essa visão:

“A minha mulher foi fundadora de uma instituição. Ajudo também uma creche em Barreiros e uma instituição que cuida de cancerosos em São José” (UCE 58, sexo masculino, 82 anos).

“O acaso não existe, porque se Deus é perfeição tudo está entrelaçado. Eu não tenho muito a dizer sobre a velhice. O envelhecimento é um desafio a mais para vivenciar cada etapa na vida da melhor maneira possível em decorrência das limitações que a velhice traz” (UCE 119, sexo masculino, 84 anos).

Entre os participantes que predominaram na classe 3, a prática de contribuição financeira para instituições de caridade está vinculada ao senso de exercício de cidadania e sensação de sentir-se útil diante de problemas sociais. A velhice é significada como um desafio atribuído por Deus para os seres humanos, aonde atingir a idade avançada é uma graça ofertada por Deus. Os participantes que caracterizam a classe 3 referiram pertencer a religião espírita e curiosamente sem prática religiosa referem a crença na vontade de Deus sem eximir-se das responsabilidades diante do enfrentamento das limitações na velhice. Em trabalho realizado por Santos (1996) sobre representação social da velhice no ambiente rural do nordeste brasileiro, a maioria dos sujeitos

pesquisados referiu-se a ela como um período de perdas que impedem o continuar das suas atividades físicas, sendo que a velhice é apreendida e explicitada no corpo aonde as perdas e o declínio físico são vistos como um processo natural, entendido como lei da natureza e vontade de Deus.

Ao considerar as funções das representações sociais (Nascimento-Schulze & Camargo, 2000): 1ª apresentar uma dada realidade ao pensamento; 2ª interpretar essa realidade; 3ª permitir ao pensamento organizar as relações dos homens entre si e com a natureza e 4ª legitimar ou não estas relações, é possível verificar que as ideias e pensamentos dos participantes possibilitam vincular a velhice à importância de manter-se ativo no exercício da autonomia, seja com a prática de atividades físicas, na realização de tarefas do cotidiano e convivência social, em prol de bem estar físico e psicológico como fator que possibilita qualidade de vida.

Ao longo da análise dos dados, na partição das classes há indicativos de que as classes 2, 4 e 5 constituem uma representação social, sendo que houve predominância do sexo feminino relacionada às classes 2 e 4 e a classe 5 foi compartilhada por participantes de ambos os sexos. A classe 1 indica uma segunda representação social compartilhada entre os idosos e idosas entrevistadas e a classe 3 indica uma terceira representação social compartilhada predominantemente pelo sexo masculino. Dessa forma, foram identificadas três representações sociais da velhice constituídas de cinco temas: 1. superproteção dos filhos em relação aos pais idosos; 2. manutenção da interação social através dos grupos de convivência; 3. desgaste e limitações físicas resultante do processo natural do envelhecimento biológico (dificuldade de locomoção, cansaço, perda do equilíbrio e maior risco de quedas); 4. manter-se ativo e saudável (manutenção de atividades da vida diária, prática de atividades físicas, cuidados com o corpo e beleza, sentir-se útil nas práticas que envolvem contribuição social e fazer o que gosta); 5. atribuição da velhice à um desafio imposto por Deus (atribuição divina: velhice parte da natureza humana governada por um ser superior).

A primeira representação social da velhice predominantemente feminina está vinculada as ideias de superproteção dos filhos com os pais idosos, a importância da interação social para bem estar psicológico, reconhecimento das limitações físicas e cuidados com a saúde e manter-se ativo na vida diária como forma de exercitar a autonomia na velhice. Pode-se entender que o pensamento da velhice vinculada às limitações físicas resulta em uma prática social que reconhece as limitações, mas não fica presa a ela no sentido de

lamentação de que nada mais pode ser feito a respeito, pelo contrário, os idosos que reconheceram as limitações físicas buscam a manutenção da atividade, mantém-se ativo em prol de exercer sua autonomia e manter sua independência, seja no âmbito físico, emocional e/ou social.

A segunda representação social da velhice foi compartilhada por participantes de ambos os sexos e está ancorada na ideia de velhice relacionada a um processo natural da vida cujo desgaste físico e consequentes limitações físicas por conta desse desgaste é um fator inevitável a todo o ser humano que envelhece no âmbito biológico. Vinculado ao reconhecimento das limitações físicas a representação está associada à capacidade do idoso em cuidar da saúde física e mental em prol da manutenção de bem estar na velhice pela busca de manutenção da autonomia com atividades físicas, atividades de lazer e interação social.

Uma terceira representação social da velhice predominantemente masculina está ancorada na ideia de sentir-se útil com práticas que envolvam contribuições sociais e no entendimento da velhice como um desafio imposto por Deus.

6.3.1 Representação social da velhice para homens e mulheres

Em resposta a pergunta “o que pensa sobre velhice” os homens falaram a respeito da importância do trabalho ao longo do desenvolvimento e sobre a diminuição da capacidade de trabalho na velhice. Além disso, referiram o reconhecimento das limitações físicas provenientes da idade cronológica e a importância dos cuidados com a saúde, principalmente vinculados a prática de atividades físicas para melhorar a qualidade de vida na velhice. A velhice está relacionada ao desgaste físico do corpo como um processo natural pertencente ao desenvolvimento humano, sendo que há relação entre perdas e ganhos em que há possibilidade por parte do idoso em sentir-se mais livre para realizar atividades de lazer e cuidar de si no sentido de manter-se ativo em prol de bem estar para usufruir os anos de vida que ainda virão. As UCEs que seguem demonstram essa visão:

“Fui corretor de imóveis e funcionário público federal. Depois que me aposentei do funcionalismo público comecei a trabalhar como corretor de imóveis, mas antes de me aposentar eu já trabalhava como corretor, então eu já tenho vinte e poucos anos como corretor de imóveis. Hoje não é que eu não trabalhe mais, é que agora eu trabalho muito menos, muito pouco.” (UCE 370, sexo masculino, 81 anos).

“Minha esposa fez uma prótese do fêmur, fantástica. Hoje nós dois, eu e minha esposa estamos na academia sendo orientados. Estou recuperando as minhas panturrilhas que estavam um fracasso. Acho que esses cuidados fazem parte do que é necessário na velhice, porque as condições de vivenciar o tempo disponível na vida são melhoradas.” (UCE 114, sexo masculino, 84 anos).

Assim como os homens, as mulheres referiram à importância da prática de atividades físicas para manter a qualidade de vida na velhice. Referem ainda a importância do convívio com os filhos e a interação social como forma de não ficar pensando na velhice. As mulheres vinculam ainda a velhice ao maior contato com a morte de pessoas próximas ou familiares e a necessidade de companhia para realizar atividades vinculadas ao lazer. As UCEs que seguem ilustram as ideias apresentadas:

“Hoje é dia de sol, já fui na minha hidroginástica, daqui a pouco vou no shopping, mas vou caminhando, dou uma caminhada lá pelas nove da manhã. Ontem a gente estava na aula de bordado e começaram a falar sobre a velhice, e eu disse que a gente tem que viver o dia de hoje, ser feliz. Ontem a gente riu mais do que bordou, então eu acho que isso é muito bom.” (UCE 404, sexo feminino, 82 anos).

“A gente quando tem certa idade, não se governa mais como quando era novo. Estou percebendo muito isso. Eu gosto de sair com companhia, é mais seguro, eu não tenho coragem de sair de casa, vou ao meu filho aqui embaixo, tenho dois netos, mas só ali, bem perto.” (UCE 852, sexo feminino, 88 anos).

A velhice aparece ainda relacionada à solidão e a importância de realizar atividades domésticas e trabalhos manuais, como conviver socialmente com pessoas para além da família para aplacar a solidão. As UCEs que seguem ilustram as ideias apresentadas:

“No mais é isso mesmo, preciso aceitar que é assim. Eles inventaram a televisão para ser uma companheira, eu vejo as novelas e me distraio, mas mesmo vendo televisão eu faço sapatinho de tricô” (UCE 96, Sexo feminino, 81 anos).

“A minha filha ia caminhar com ele, e ele dizia, todo o caminho

para a casa da avó tem borboletas, agora lá no túmulo dele, nós colocamos borboletas. Primeiro morreu meu neto e um ano depois foi meu filho. Quando esse meu neto faleceu, nós estávamos em Gramado, tínhamos ido levar esse que se formou para instalar-se no apartamento, fui com minha filha e meu genro” (UCE 94, Sexo feminino, 84 anos).

A análise de contraste favoreceu a identificação das dessemelhanças na representação social da velhice quanto a variável sexo. A representação social das idosas com 80 anos ou mais sobre a velhice está ancorada nas ideias de 1) superproteção dos filhos com os pais idosos; 2) importância das interações sociais como forma de aplacar o sentimento de solidão em prol do bem estar na velhice; 3) reconhecimento das limitações físicas; 4) cuidados com a saúde: prática de exercícios físicos, cuidados com o corpo e aparência física (beleza); 5) necessidade de companhia para realizar atividades de lazer; 6) realização de atividades domésticas e manuais para sentir-se útil; 7) maior contato com a morte de pessoas próximas e familiares.

A representação social dos idosos com 80 anos ou mais sobre velhice está ancorada nas ideias de: 1) importância do trabalho ao longo da vida e diminuição da capacidade de trabalhar na velhice; 2) presença de limitações físicas decorrentes da idade cronológica; 3) cuidados com a saúde através da prática de exercícios físicos; 4) desgaste físico do corpo como um processo natural do desenvolvimento humano; 5) sentir-se útil com práticas que envolvam contribuições sociais financeiras; 6) a velhice significada como um desafio imposto por Deus para ser vivida da melhor forma por parte de cada pessoa que envelhece.

Entre as principais diferenças encontradas nas representações sociais sobre a velhice entre homens e mulheres pontua-se que as idosas ancoraram sua representação à preocupação e cuidados com a aparência física, sentimento de superproteção dos filhos para os pais idosos, necessidade de companhia para atividades de lazer e maior contato com a morte de pessoas próximas e familiares. Por sua vez, na representação social da velhice por parte dos idosos, observou-se a importância do trabalho ao longo da vida e a diminuição da capacidade de trabalhar na velhice, a busca em sentir-se útil através de fornecer auxílio financeiro para instituições de caridade e a velhice significada como um desafio imposto por Deus.

Em pesquisa realizada por Veloz, Nascimento-Schulze e Camargo (1999) sobre representações sociais do envelhecimento, entre as representações identificadas caracterizadas predominantemente pelo sexo masculino, está a perda de ritmo de trabalho, sendo que as noções

principais que compuseram tal representação estiveram vinculadas a questões sociais do trabalho em que os entrevistados compreendem o idoso e a velhice através da noção de trabalhadores que perdem sua capacidade de atividade e seu reconhecimento social. A velhice foi caracterizada como uma etapa da vida onde se perde o ritmo do trabalho, sendo que ele aparece como uma das principais habilidades exercida ao longo da vida, e pela diminuição das capacidades físicas o idoso é colocado em segundo plano quanto à vida social.

Entre os participantes entrevistados é possível observar nas representações sociais identificadas uma busca pelo envelhecimento bem-sucedido quando considerada a competência adaptativa e a capacidade generalizada do indivíduo para responder de forma flexível aos desafios resultantes do corpo, da mente e do ambiente. Entende-se aqui por competência adaptativa (Freire, 2000) aspectos multidimensionais seja no âmbito emocional como elaborar estratégias e habilidades para lidar com eventos estressores, na esfera cognitiva relacionada à capacidade para resolução de problemas e no âmbito comportamental, no sentido do desempenho e da competência social. Ainda segundo Freire (2000) os idosos mantêm a visão positiva de si mesmos e a capacidade para controlar suas próprias vidas de forma eficaz, apesar das tensões e dificuldades intrínsecas ao envelhecimento. Entre as dimensões do bem estar na velhice, a autora propõe a auto-aceitação, as relações positivas com os outros, a autonomia, o domínio sobre o ambiente, propósito de vida e crescimento pessoal.

Entre os participantes da pesquisa foi possível observar, ainda que de maneira simplificada, a presença da auto-estima, compreendida aqui segundo Erbolatto (2000) como gostar de si mesmo de modo genuíno e realista, aceitando tanto as habilidades como as limitações. Quanto às mudanças físicas na velhice compartilhadas nas representações sociais dos idosos entrevistados, o aspecto mais importante presente está vinculado à compreensão de que essas modificações fazem parte do processo de envelhecimento. Assim como as modificações psicológicas estão presente ao longo da vida, o mesmo acontece com o corpo e os idosos parecem buscar adaptação a essas mudanças. Outro aspecto relevante nas representações sociais diz respeito ao fato de que a longevidade é seguida de um aumento gradual das limitações, o que na visão dos participantes pode ser administrada pela busca da saúde física como possibilidade de minimizar a dependência de outras pessoas. Os cuidados com a saúde aparecem vinculados a participação regular em atividades físicas e sociais, que segundo Vitta (2000) tem efeitos que previnem, evitam e diminuem o

estresse; e aumentam a resistência a doenças.

Os cuidados pessoais referidos tanto pelos idosos como pelas idosas entrevistadas não estão limitados nem aparecem como sinônimo de manter uma aparência jovem ou sentir-se jovem. Esse resultado é diferente dos encontrados pelos estudos de Martins (2002), Teixeira, Nascimento-Schulze e Camargo (2002) e Wachelcke (2007), que identificaram uma relação entre autonomia e espírito de juventude, vinculando a velhice à ideia de ser essa decorrente da responsabilidade única da pessoa, de sua cabeça e de seu “espírito”, se ela vai ou não sentir-se velha é responsabilidade dela mesma. Uma variável que pode justificar tal diferença diz respeito a faixa etária dos idosos entrevistados na presente pesquisa, sobretudo pelo fato de que há indícios de que a partir dos 80 anos o idoso reconhece que é idoso (Borella, 2012).

Nas representações sociais identificadas é possível verificar a relação entre a busca de saúde, sentimento de bem-estar e crença de autonomia com a capacidade do idoso de atuar sobre o ambiente e sobre si mesmo. Cabe destacar que ao falar sobre o processo de envelhecimento no Brasil, é preciso considerar que há uma variedade de “velhices” (Freire & Sommerhalder, 2000) resultantes da extensão territorial e da diversidade regional e cultural presentes no país, o que impossibilita que os pontos de vista dos indivíduos entrevistados sejam considerados como um conjunto de proposições que refletem uma visão generalista sobre a velhice.

6.4 Representações sociais da espiritualidade

O terceiro corpus de análise correspondeu às respostas dos participantes sobre os significados atribuídos a espiritualidade em resposta a pergunta: o que pensam sobre a espiritualidade. Conforme o dendograma da figura 3, este corpus originou 5 classes, através das quais se podem identificar as representações sociais da espiritualidade.

Classe 5 - Morte e Transcendência

A classe 5 que envolve a maior parte das UCEs (40%) classificadas, é a classe em que os participantes mais se utilizam dos termos vida, morte e morrer. Os elementos morte e morrer foram considerados, na análise, integrados, uma vez que os participantes estabelecem sinonímia entre eles.

As UCEs e as palavras associadas a esta classe estão organizados em torno das ideais de conexão com poder divino, morte,

transcendência da matéria, impacto no fim da vida e parte integrante da vida que resulta em consequência também no após a morte. Os segmentos de texto a seguir demonstram essa visão.

“Eu posso dizer que está tudo definido quando falo de espiritualidade. Imagino que o que a gente faz de mal para o outro tem repercussão no após a morte. Não tenho dúvida que isso é a justiça divina e que não falha. Todos vão pagar pelo o que fizeram aqui” (UCE 523, Sexo feminino, 84 anos).

“Eu acho que Deus é uma energia muito forte, pode ser que eu esteja errada, não sou ninguém para dizer, mas eu tenho a impressão que é uma energia” (UCE 310, Sexo feminino, 91 anos).

Vários participantes referem à transcendência da matéria e a importância das crenças espirituais na preparação para a morte, em que o corpo físico deixa de existir e a alma mantém-se para além da existência mundana. De acordo com Neri (2002, p.35) “Transcender a experiência material e desenvolver a espiritualidade ajuda os idosos ao encontrar um sentido de completude na vida e, assim aceitar a morte”.

Para Sponville (2007) diante da perspectiva espiritual de que a morte não é um ponto final e sim uma transição, é importante a preparação para esse tempo que acaba. A proximidade da morte inaugura um processo ativo que implica a pessoa em todas as suas dimensões e, também, de tudo que está a sua volta. O tempo do morrer é ativo, os últimos momentos da vida são plenos de sentido, representam a última chance para restabelecer relações, perdoar e realizar desejos penderes (Lopes, 2010, p. 104).

Pensar na morte é, também, pensar na relação enquanto pessoa no mundo, enquanto ser e temporalidade. Para Freitas (2010) a relação do idoso com a morte pode ser distinta das outras fases da vida, pois a morte na velhice pode ser vista sem o mesmo impacto que em outros períodos da existência humana.

A ideia de espiritualidade vinculada a um relacionamento com uma força superior vai ao encontro de pesquisas realizadas (Gall, et al., 2011; Kiesling, Sorell, Montgomery & Colwell, 2006) que apresentam entre as conclusões do estudo que a espiritualidade é significada como um profundo senso de conexão através do relacionamento com uma divindade, sendo característica importante no desenvolvimento da identidade espiritual na vida adulta.

Classe 3 – Mundo espiritual

No mesmo subcorpus a classe 3 em oposição as classes 1 e 2, que envolve a menor parte das UCEs do corpus (7,93%) está próxima da classe 5 complementando-a. As UCEs e palavras mais significativas da classe 3 mostram a espiritualidade relacionada ao mundo dos espíritos, a evolução espiritual e a reencarnação.

“O pensamento construtivo de alguma forma promove sensações agradáveis que, por vezes, não tem explicação. Seria bom pensar que alguém pensou bem de você, que desejou que estivesse bem. Então o mundo espiritual é o mundo verdadeiro, onde o espírito não fica ocioso. O espírito reencarna porque é aqui nessa vida que ele coloca em prática o que ele evoluiu teoricamente no mundo espiritual” (UCE 122, Sexo masculino, 84 anos).

Essa ideia de espiritualidade vinculada à experiência que ultrapassa e transcende os fenômenos físicos do ser humano corroboram com a ideia de Koenig (1994), George e Peterson (1998) que se referem à espiritualidade como uma busca pessoal pelo sagrado ou transcendente, seja Deus, o divino ou uma força superior. Sommerhalder e Goldstein (2006) confirmam essa ideia ao vincular espiritualidade a uma maneira de nortear a vida, principalmente no envelhecimento.

Classe 4 – Deus

Ainda no segundo sub-corpus a classe 4 em oposição às classes 3 e 5, é a terceira classe em número de UCEs. As palavras associadas a esta classe e as UCEs selecionadas estão associadas à ideia central da existência de Deus e dos ensinamentos religiosos relacionados ao cristianismo que contemplam a noção de dogmas religiosos.

“Deus é bom, por isso a bíblia ensina que Deus não deseja o mal para ninguém, ele deseja bondade. Ele vai dar uma terra para nós sem violência, sem morte. Depois que nós morrermos, nós teremos novo governo. O governo humano, como a bíblia mostra, acabará. O governo celestial será Jesus Cristo” (UCE 593, Sexo masculino, 82 anos).

Pargament (1999) identificou em suas pesquisas um aspecto semelhante entre os conceitos de espiritualidade e religião: o sagrado. Para Sponville (2007) as pessoas se refugiam em Deus, para explicar o

que não compreendem e assim a religião se torna a solução universal. Assim toda religião pertence, ao menos em parte, à espiritualidade, mas nem toda espiritualidade é necessariamente religiosa. Paiva (2005) expressa que se na religião existe uma busca de valores significantes para a vida por meio do sagrado, na espiritualidade há uma busca pelo sagrado. Assim, a espiritualidade seria a função mais central da religião.

De acordo com Saporetti (2009) a dimensão espiritual relaciona o existencial com o transcendente, seja ele Deus, a natureza, o sobrenatural ou o sagrado. A busca por maior relação com Deus facilita esta compreensão e aumenta as “chances de envelhecer bem, com integridade e auto-realização” (Goldstein & Neri, 2000, p. 120-130).

Classe 1 – Fé e oração

A classe 1, segunda maior em número de UCEs do corpus, no primeiro sub-corpus, teve a maior parte dos conteúdos agrupados ao redor de elementos que se referem à importância das orações, a frequência em missas e igrejas e a presença da fé religiosa. Estes são os conteúdos principais da classe, no momento em que os participantes falam dos significados da espiritualidade.

“Vou rezar hoje e se eu não receber hoje vou receber outro dia, mas não vou deixar de rezar, vou continuar rezando sempre. Tem que ir com fé e não pensando que está rezando e que já vai alcançar o que está pedindo. Vou esperando, aos poucos, porque às vezes, parece que a gente não recebeu nada de bom” (UCE 151, Sexo feminino, 82 anos).

Negreiros (2003) em seu estudo sobre representação social da espiritualidade entre estudantes universitários, idosos e adultos de várias camadas sociais, identificou entre as categorias principais a presença da fé, esperança e confiança em contraste com descrença. No estudo realizado por Freire (2000) foi verificada a variável crença religiosa como indicativo de bem estar na velhice. Reportar-se às orações e conversar com Deus demonstra uma tentativa de recuperar e ganhar forças para enfrentar o cotidiano.

A fé como uma preocupação humana universal (Fowler, 1982) favorece seguir por um caminho religioso em prol de uma vida organizada que possa contribuir para a dignidade humana. A busca por valores de estima, amor, respeito e proteção pode ser encontrada pela fé que, segundo Valle (2005) possibilita atribuir sentido à existência. Os idosos que apresentaram uma consciência mais profunda e positiva

vinculada a necessidade de aproximação com Deus (um ser superior), manifestaram aceitação com a proximidade da morte.

Classe 2 – Proteção e Conforto

Na classe 2, próxima da classe 1, as palavras associadas e UCEs selecionadas demonstram a importância atribuída à espiritualidade como forma de proteção na vida e conforto diante de situações de adoecimento. A UCE que segue demonstra essa visão.

“Quando meu filho soube que levaríamos ele para ser benzido, escondeu-se embaixo da cama. Tive que arrastá-lo pelo chão. Ele tinha o semblante bem feito. Quando chegamos lá, foi só ela benzer que a raiva dele passou e ficava bom. Eu o levei para benzer umas cinco vezes e em uma das vezes a mulher que benzia caiu para trás.” (UCE 404, Sexo feminino, 82 anos).

Silva, Lemes, Vitorino e Moreira (2010) em pesquisa realizada com 36 idosos com o objetivo de conhecer os significados de espiritualidade e identificar a sua relação com a saúde identificaram entre os resultados verificados a presença de ideias centrais relacionadas a "condutora de cura"; "força para enfrentar a doença" e "não existe medicina sem espiritualidade". Concluíram que a espiritualidade é um conceito multidimensional que se relaciona diretamente com a saúde.

O bem estar espiritual está associado com menores índices de depressão, ideação suicida, desejo de morte e desesperança (Mcclain, Rosenfeld & Breitbart, 2003)

Teixeira e Lefèvre (2008) relatam que estudos têm demonstrado como a espiritualidade em idosos pode ser fator auxiliar no enfrentamento da doença. A fé aumenta a confiança e a esperança, diminuindo a angústia e a falta de aceitação. Parece existir um aumento da fé em Deus na velhice, observada pela maior quantidade de leituras bíblicas e maior participação em cultos religiosos. A fé, no idoso, pode auxiliar na compreensão das dificuldades e adversidades.

Em estudo realizado (Teixeira & Lefèvre, 2008) com 20 idosos com câncer, pareados por sexo, os resultados demonstraram a importância da fé no enfrentamento da doença, uma vez que, ela aumenta a força para lutar e vencer o desafio do adoecimento. Os achados estiveram relacionados ainda à evidência de que a leitura de textos religiosos contribuiu de forma positiva tanto para aceitação da doença como para segurança, tranquilidade e otimismo na recuperação

da saúde.

A percepção de idosos em relação a um maior nível de espiritualidade vinculado a um melhor estado de saúde foi identificado nas pesquisas de Daaleman, Perera e Studenski (2004) e Marques (2000). As pesquisas concluíram que a espiritualidade pode ser um fator importante do estado de saúde de pacientes idosos.

6.4.1 Representação social da espiritualidade para homens e mulheres

A análise por contraste entre modalidades da variável demonstrou de modo comparativo as ideias dos homens e das mulheres a respeito do tema espiritualidade. Ao responderem “o que o senhor pensa a respeito da espiritualidade” os homens falaram a respeito da existência de um ser superior, de um mundo espiritual que transcende a existência mundana e da importância dos ensinamentos do cristianismo como condição de entendimento sobre o universo indiferente das religiões. Além disso, referiram à qualidade de pensamento e a responsabilidade humana diante de suas escolhas e possíveis consequências nessa vida relacionadas à espiritualidade. As UCEs que seguem demonstram essa visão:

“O que eu vejo de curioso no ensinamento do cristianismo é que Jesus Cristo veio à terra e não construiu igreja nenhuma, não pregou religião nenhuma, o que ele ensinou foi justiça social” (UCE 487, Sexo masculino, 88 anos).

“A honestidade é muito importante na vida. Se o mundo fosse honesto, seria o verdadeiro paraíso, mas infelizmente não é. Temos que nos cuidar, nossos políticos não são honestos, o que tu plantas tu colhes, não vais querer plantar laranja e colher limão, o que se planta se colhe” (UCE 787, Sexo masculino, 89 anos).

Por sua vez as mulheres, falaram da importância da fé cultivada através das orações (comunicação espontânea com Deus) em prol da proteção divina. Referem à ideia de transcendência da matéria, pautada na crença da existência em um lugar que abrigará o ser humano após a morte. As UCEs que seguem ilustram as ideias apresentadas:

“Então você pede proteção para Deus, para que ele lhe proteja. Sempre pedi proteção para meus filhos. Meus filhos hoje em dia não são

vão praticantes, de ir à missa, mas até os quinze anos a gente controla os filhos” (UCE 261, Sexo feminino, 82 anos).

“Tem muitas pessoas, às vezes pecadoras, que vão para o purgatório e ficam sofrendo, então tem que rezar muito pelas almas que sofrem no purgatório, para elas poderem sair dali, para poderem ir para um lugar que não sofrerão mais” (UCE 159, Sexo feminino, 82 anos).

Os homens apresentaram crença na existência de mundo espiritual que pode ou não ser viabilizado pelos preceitos religiosos. As mulheres enfatizam a importância da fé na comunicação espontânea com um ser maior, aceitação de dogmas religiosos e a crença na transcendência da matéria. Para Fortes (2005) o enfrentamento do tipo religioso é utilizado mais por mulheres do que por homens, entre os idosos mais velhos, pelas viúvas, sendo que essas utilizam mais frequentemente recursos como a oração, a fé e a confiança em Deus ou num ser superior. Os homens por sua vez, inibem mais as emoções diante de situações estressantes. Quanto às dimensões da espiritualidade propostas por Moberg e Brusek (1978), tanto a dimensão horizontal como a vertical apareceram nos significados atribuídos à espiritualidade.

Ao considerar as funções das representações sociais (Nascimento-Schulze & Camargo, 2000): 1ª apresentar uma dada realidade ao pensamento; 2ª interpretar essa realidade; 3ª permitir ao pensamento organizar as relações dos homens entre si e com a natureza e 4ª legitimar ou não estas relações, é possível verificar que as ideias e pensamentos dos participantes possibilitam vincular a realidade à existência de Deus, interpretando-a através da crença em algo transcendental que rege, protege e conforta a existência humana, permitindo o exercício de práticas sociais em prol do convívio social e bem estar pessoal.

Dessa forma, foram identificadas duas representações sociais da espiritualidade constituída de quatro temas: 1. Conexão com um poder divino, força superior ou Deus; 2. Transcendência da matéria: preparação para a morte, após a morte, mundo do espírito e evolução espiritual; 3. Parte integrante da vida: forma de proteção no cotidiano, conforto diante de situações de adoecimento, qualidade de pensamento; 4. Religiosidade: práticas religiosas privadas e públicas, existência do céu, inferno, ressurreição e reencarnação.

Ao longo da análise dos dados, na partição das classes houve predominância do sexo feminino relacionada às classes 1 e 2 em

oposição a uma predominância do sexo masculino nas classes 4 e 3. Dentro dos temas apresentados foram identificadas duas representações sociais, uma relacionada ao sexo masculino e outra ao feminino. A representação social das idosas com 80 anos ou mais sobre a espiritualidade está ancorada nas ideias de 1) religiosidade: práticas privadas e organizacionais; 2) proteção divina: parte integrante da vida como forma de proteção e conforto diante de situações do cotidiano e 3) transcendência da matéria: a existência de um lugar que abrigará o ser humano após a morte. A representação social dos idosos com 80 anos ou mais sobre espiritualidade está ancorada nas ideias de: 1) Conexão com um poder divino, força superior ou Deus; 2) Existência de um mundo espiritual: que transcende a existência mundana; 3) Qualidade de pensamento: importância da honestidade no convívio interpessoal e 4) Responsabilidade humana: diante de escolhas e possíveis consequências nessa vida.

A representação social das idosas vincula espiritualidade à preocupação e preparação para a vida após a morte, enquanto que, a representação social dos idosos entrevistados relaciona espiritualidade a formas de viver essa vida. Verificou-se que a espiritualidade é significada como uma dimensão importante da existência humana para ambos os sexos, sendo que na velhice ela aparece vinculada ao enfrentamento de situações do cotidiano e como fonte de preparação para a morte, uma vez que a maior parte dos idosos entrevistados não significa a morte como um limite para a existência.

Ao considerar a exploração por parte dos idosos das capacidades adaptativas e de reserva na velhice, segundo o modelo de envelhecimento bem-sucedido, a espiritualidade aparece entre os participantes desse estudo como recurso de enfrentamento diante de situações de perdas e mudanças. Recurso esse que se constitui tanto em prol da manutenção como da transformação da existência, como identifica Pargament (1997) ao classificar tipos de enfrentamento.

Para Kovács (2007) dar sentido de continuidade à existência após a morte, revela a aspiração de transcendência. Do mesmo modo Doll e Py (2005) destacam que a presença de valores transcendentais, como ideais humanos ou religiosos na vida das pessoas, parecem favorecer o enfrentamento de conflitos existenciais como a morte. Dessa forma, no presente estudo, a espiritualidade significada como conexão com uma força superior, Deus, parece favorecer na vida dos idosos tanto a aceitação da própria morte tanto como a de pessoas próximas ao idoso.

No presente estudo observou-se ainda que, a crença em algo que transcende parece oferecer conforto diante de situações de vida e

morte, mesmo não sendo essa crença algo que ofereça certeza ou confiança absoluta. A fé e as orações foram referidas como meio de acessar uma aproximação com o sagrado em prol de proteção e apoio diante de situações adversas. As ideias de céu, inferno, ressurreição e reencarnação orientaram e justificaram as práticas dos idosos que mantém práticas religiosas privadas e/ou públicas.

6.5 Análise sequencial das narrativas

A presente análise de narrativas tem como objetivo discutir, a partir das duas tipologias descritas na apresentação dos resultados, a relação construída pelos participantes entre o ser velho, a velhice e espiritualidade. Serão apresentados e discutidos ainda os elementos narrativos atribuídos para cada tema em cada uma das tipologias com destaque para o tema espiritualidade, uma vez que, o enfoque de análise vincula-se a forma de articulação entre espiritualidade e velhice.

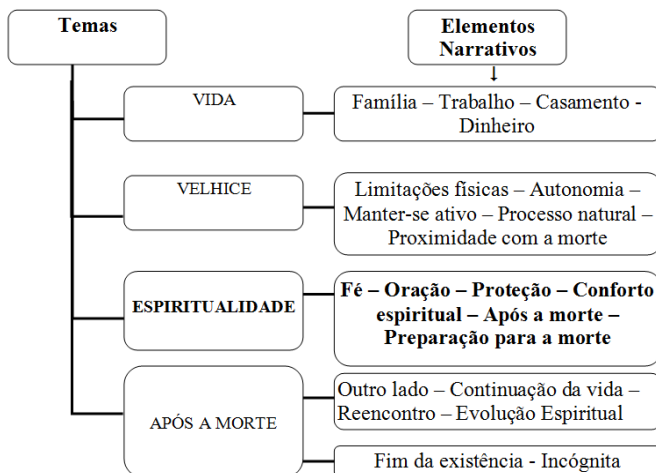
6.5.1 Tipologia 1

Como apresentado anteriormente, a tipologia 1 foi constituída de 18 narradores, e caracterizada predominantemente pelo sexo feminino, 10 são idosas e 8 idosos. Quatro participantes, todos do sexo masculino, declararam estado civil casado, os demais referiram serem viúvos ou viúvas. Apenas um participante declarou não ter religião e não exercitar nenhum tipo de prática religiosa. A maioria dos narradores referiu pertencer à religião católica (7) e exercitar práticas religiosas privadas e/ou públicas. Seis participantes referiram pertencer à religião espírita, 3 testemunhas de Jeová e um pertencente a religião presbiteriana.

A presença de crenças religiosas entre os narradores aparece relacionada à forma como o tema espiritualidade foi significado. Para Peres, Simão e Nasello (2007) as crenças religiosas constituem uma parte importante da cultura, dos princípios e dos valores sociais que dão forma aos julgamentos e ao processamento de informações.

Os elementos narrativos atribuídos para cada tema podem ser verificados na figura 6, com destaque para o tema espiritualidade, uma vez que, o enfoque de análise vincula-se a forma de articulação entre espiritualidade e velhice.

Figura 6 – Elementos narrativos da tipologia 1



Na tipologia 1, a velhice está ancorada na ideia de ser ela um processo natural de desgaste físico do corpo compreendida como parte da vida. Há ênfase no contato com perdas de pessoas próximas e familiares e maior proximidade com a própria morte na velhice. Articulada à velhice a espiritualidade é significada como forma de proteção divina e conforto espiritual que favorece a aceitação das adversidades na velhice, sendo ela utilizada como um recurso que possibilita a preparação para morte. A espiritualidade articulada com o tema velhice aparece ainda relacionada ao tema do após a morte significada como continuação da vida através da transcendência da matéria e possibilidade do reencontro entre pessoas após a morte.

O tema espiritualidade está articulado ao após a morte cuja ancoragem está na ideia de além e continuação da vida. Os participantes referem à crença na existência da alma ou espírito; declaram acreditar na ressurreição dos mortos ou reencarnação dos espíritos. Ao tema também são atribuídas funções de reencontro entre pessoas já falecidas objetivadas na ideia de outro lugar, seja o céu, o inferno ou o purgatório e julgamento divino diante das ações vivenciadas na vida ao longo do desenvolvimento humano.

Para Gaarder, Hellern e Notaker (2005) os cristãos católicos referem a existência de um estado espiritual chamado Purgatório, onde as almas que morreram em estado de graça repousam para purificar-se dos pecados antes de serem admitidos no paraíso (céu). Dentro da concepção católica observa-se a crença na ressurreição do corpo, onde após julgamento divino (Juízo Final), as almas irão se reunir com um corpo ressuscitado residindo no céu. O inferno é destinado aos condenados, que devem reunir-se de corpo e alma e permanecer eternamente. Na visão da doutrina espírita a alma (ou espírito) deixa o corpo, mas permanece com a mesma personalidade. Alguns espíritos logo tomam consciência de que morreram e são encaminhados a uma espécie de mundo paralelo onde vivem os que já morreram. Outros demoram a perceber que não estão mais vivos e permanecem vagando na Terra. Há ainda os que vão para o Umbral (os purgatórios). De qualquer maneira, depois de algum tempo, os espíritos que ainda não cumpriram sua missão voltam à terra para reencarnar (nascer em outro corpo).

Os participantes classificados na tipologia 1 agregam os significados atribuídos ao após a morte à espiritualidade e esta a velhice, como um constituinte da existência humana. Há indicativo dentro da tipologia 1 que exercitar a espiritualidade na velhice através dos ensinamentos e dogmas religiosos favorece o encontro com a proteção divina diante das adversidades da vida e o julgamento divino após a morte. A unidade de contexto elementar (UCE) selecionada demonstra essa visão:

“Morre-se todos os dias quando a gente não se acostuma com a ideia de que todos irão morrer, eu vou morrer, você ira morrer, meus filhos irão morrer. Não são todas as pessoas que tem a noção certa de que um dia irão encontrar seu lugar de descanso junto ao senhor, ao seio de Maria”. (Entrevista 8, sexo feminino, 82 anos).

As orações aparecem como forma de acessar um ser superior que protege e conforta o ser humano diante das situações da vida e da morte, como o enfrentamento da perda de familiares e pessoas próximas ao longo da vida e a própria finitude na velhice. Para Kovács (1992) quanto mais satisfatória for a relação das pessoas com sua busca espiritual ao longo do desenvolvimento, maior será a tranquilidade diante do enfrentamento da morte. Complementa argumentando que àqueles que acreditam numa vida após a morte tendem a aceitar mais facilmente o fenômeno da morte. A UCE que segue evidencia essa

leitura:

“Vou rezar hoje e se eu não receber hoje vou receber outro dia, mas não vou deixar de rezar, vou continuar rezando sempre. Tem que ir com fé e não pensando que está rezando e que já vai alcançar o que se está pedindo”. (Entrevista 5, sexo feminino, 82 anos).

Embora não haja uma transição direta do tema após a morte para o tema velhice, há indicativos de que o reconhecimento por parte dos narradores da proximidade com a morte na velhice está vinculado a maior aceitação dos idosos entrevistados, uma vez que há crenças de continuação da vida no que se refere ao após a morte. A UCE abaixo ilustra essa ideia:

“Eu sei que eu estou indo sempre mais perto da morte, não tem o que fazer, quando acontecer, aconteceu. Eu não fico pensando muito na morte, não fico pensando vou morrer. Não penso, mas queira ou não queira estou mais perto, mas não fico pensando estou perto da morte, vou morrer. Penso sempre que a vida esta continuando, mais fraca, mais lenta, mas esta continuando”. (Entrevista 05, sexo feminino, 82 anos).

Feifel (1959) identifica alguns fatores que influenciam a contenção do medo da morte, são eles: a maturidade psicológica da pessoa, a capacidade de enfrentamento, a idade e a orientação e envoltimentos religiosos. Alguns estudos sobre o medo da morte (Collett & Lester, 1969; Conte, Weiner & Plutchik, 1982; Hoelter, 1979) identificaram dimensões ligadas à ela: o medo do desconhecido, medo do sofrimento, medo de ser destruído, medo do corpo após a morte e medo da perda de pessoas significativas.

Dentre os participantes da tipologia 1, apenas um narrador (“O advogado emocionado”) questionou a existência de vida após a morte, atribuindo à morte o fim da existência humana e a ideia de após a morte como resultado da imaginação das pessoas reforçada pelos dogmas religiosos. A UCE selecionada demonstra esse posicionamento diante do após a morte.

“Eu não vou dizer que eu acreditava na transcendência da matéria, mas eu era muito levado a entender que sim. Hoje eu penso muito diferente, ninguém sabe, é tudo imaginário.” (Entrevista 28, sexo masculino, 84 anos).

Ao considerar entre os objetivos das representações sociais o de abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepção que o reproduza de uma forma significativa (Moscovici, 2010), através da atribuição de uma ideia a uma imagem e de uma imagem a uma ideia, foi possível identificar entre os participantes da tipologia 1 uma ideia de após a morte associada a continuação da vida, visto como um outro lado (céu e inferno).

A transformação de algo abstrato em algo quase concreto visa transferir o que está na mente em algo que exista no mundo físico (Moscovici, 2010), processo esse possibilitado pelo mecanismo de objetivação indicado pela teoria das representações sociais. Para o autor “A materialização de uma abstração é uma das características mais misteriosas do pensamento e da fala” (p.71). Como já discutido no marco teórico dessa dissertação, cabe lembrar que objetivar é reproduzir um conceito em uma imagem, como observado nas narrações da tipologia 1, em que o após a morte é comparado a um lugar de reencontro entre pessoas, como um espaço em que é possível viver de forma harmoniosa e sem necessidades não satisfeitas. A imagem de céu está relacionada a um lugar maravilhoso, iluminado, florido, sem sofrimentos e de pessoas maravilhosas; o inferno aparece relacionado a imagem de lamaçal, como pode ser verificado na UCE que segue:

“O céu penso que é uma coisa linda, até cheio de flor, e as pessoas todas maravilhosas, e até todas de branco, e o inferno as pessoas estão lá em um lamaçal, se lamentando, querendo sair, e não podem sair porque estão em pecado”. (Entrevista 05, sexo feminino, 82 anos).

Como pôde ser verificado, as religiões tiveram uma importante função na explicação dos mistérios da vida e da morte, por meio da fé e da crença entre os narradores da tipologia 1, sendo que a segurança de uma vida após a morte parece aplacar as inseguranças e incertezas que acompanham a proximidade com a finitude na velhice.

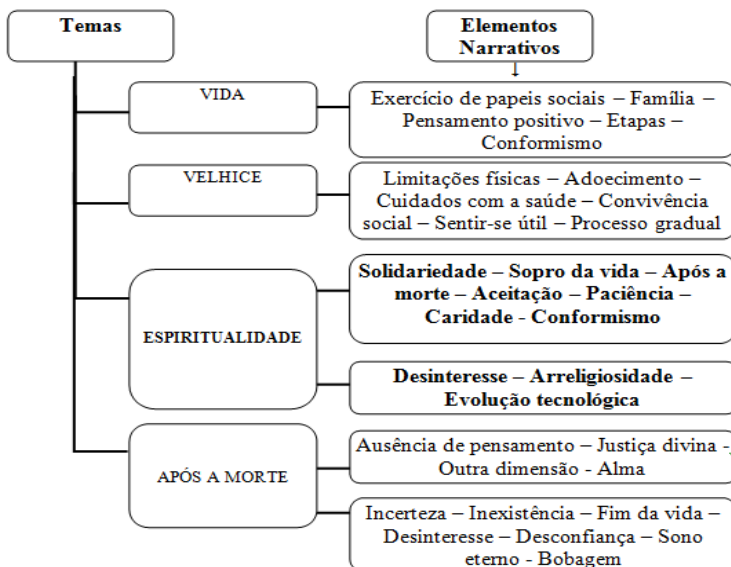
6.5.2 Tipologia 2

A tipologia 2 foi constituída de 12 participantes, e caracterizada predominantemente pelo sexo masculino, 7 são idosos e 6 idosas. Três participantes, todos do sexo feminino, declararam estado civil de viuvez, os demais referiram serem casados, sendo que um referiu estar

namorando. Dois participantes do sexo masculino afirmaram não exercer nenhum tipo de prática religiosa, sendo que um deles referiu pertencer a religião católica. Apenas um participante, do sexo feminino, declarou-se como espírita, os demais mencionaram pertencer a religião católica.

Os elementos narrativos atribuídos para cada tema podem ser observados na figura 7.

Figura 7 – Elementos narrativos da tipologia 2



Na tipologia 2, a velhice está ancorada na ideia de processo gradual do desenvolvimento humano ao longo da vida, sendo representada pela presença da necessidade de maiores cuidados com a saúde e busca de bem estar no convívio social e familiar. Articulada à velhice a espiritualidade aparece relacionada ao exercício da prática social de solidariedade entre pessoas, na busca de acertar na vida e promover o bem ao próximo e a si mesmo. A espiritualidade aparece relacionada ainda como uma forma de facilitar a aceitação das limitações na saúde durante a velhice.

Diferentemente da tipologia 1, o tema após a morte não aparece diretamente relacionado à velhice. Alguns participantes mencionaram a

continuação da vida como pertencente apenas a espiritualidade, sem relação com a velhice, e os demais participantes (1, 2, 6, 10, 29 e 30) ancoraram a representação do após a morte na ideia de fim da existência, sono eterno, desaparecimento ou desinteresse em relação ao tema. As UCEs que seguem evidenciam essas visões:

“A morte é uma coisa certa para todo mundo, ninguém vai ficar para a semente, chega a hora que deus chama, todo mundo vai, está marcado, uns com doença, outros com acidentes, outros na hora da velhice, e outros com desastres, que morrem moços, com 30 anos, e após a morte, o que a gente fez na vida, é o que a gente vai levar para lá”. (Entrevista 18, sexo masculino, 81 anos).

“A espiritualidade é muito difícil, eu acho que acontecem três coisas na vida, nascer, viver e morrer, se nasceu, fez o que tinha que fazer, lutou, brigou, trabalhou, se desgastou, cansou, envelheceu e morreu, o que acontece é que acabou, teu tempo passou. Então após a morte para mim não existe nada, a vida é isso, viveu, morreu, acabou, eu penso assim, se tiver certo ou errado não quero nem saber, é assim que eu penso”. (Entrevista 10, sexo masculino, 81 anos).

O tema espiritualidade significado como um recurso de enfrentamento que favorece o processo de aceitação da velhice pode ser verificado na UCE abaixo que demonstra essa visão:

“Temos que aceitar a velhice, quem puder fazer o bem, que faça. O que ajuda a enfrentar é a vontade de viver, porque a gente morre ligeiro, já está velho, mas quer viver mais um pouco, porque ninguém quer morrer, porque tem muita gente que diz assim, por mim eu posso morrer, mas é mentira, porque se tiver uma dor de barriga, já pede para fazer um chá”. (Entrevista 29, sexo masculino, 81 anos).

A vivência da espiritualidade significada como importância do amor ao próximo, solidariedade, convívio social e familiar, parece exercer influência na elaboração do sentido de vida na velhice entre os participantes da tipologia 2. As UCEs selecionadas demonstram essa visão:

“Se a gente pode fazer o bem, é a melhor coisa que a gente pode fazer, ajudar o irmão, principalmente o mais necessitado, pobre, se eu tivesse dinheiro eu tinha ajudado até mais, a gente até tem

dinheiro, mas tem que controlar, eu fui uma pessoa muito boa”. (Entrevista 18, sexo masculino, 81 anos).

“Nos transformamos e transformamos os outros também porque o que se presta de ajuda, isso dentro da própria espiritualidade, de incentivo e faz a pessoa crescer, essa pessoa que cresceu pode reconhecer que cresceu graças aquela pessoa que ajudou”. (Entrevista 1, sexo masculino, 83 anos).

Em pesquisa realizada por Freitas (2010) com oito idosas entre 80 e 100 anos, a autora conclui que a espiritualidade se mostrou um fator contribuinte fundamental na elaboração de sentido de vida e qualidade de vida na velhice. Ainda segundo a autora, os idosos que enfrentam a velhice com posturas positivas, apesar das perdas de pessoas próximas e limitações físicas próprias da idade, mantendo-se ativas e ocupadas em tarefas adequadas às suas condições reais, fortalecem o sentido atribuído a suas vidas na busca de satisfação e aceitação da vida.

Ainda entre os participantes classificados na tipologia 2, a relação entre espiritualidade e velhice aparece vinculada a atitudes que promovem bem estar para si através da ajuda ao próximo. O exercício do papel social de avô e avó aparece atrelado à sensação de sentir-se útil na realização da tarefa de auxiliar na criação e educação dos netos, assim como a contribuição financeira a instituições beneficentes. As UCEs selecionadas evidenciam essa visão:

“Eu costumo dizer que avô não chega a ser um Bombril que tem mil e uma utilidades, mas como avô tenho alguma utilidade.” (Entrevista 2, sexo masculino, 82 anos).

“Para ser útil com as minhas próprias mãos, contribuo com instituições beneficentes, de caridade que hoje tem melhor estrutura. Eu sou contribuinte mensal de algumas instituições”. (Entrevista 2, sexo masculino, 82 anos).

Como pôde ser verificado, a espiritualidade significada como vontade de viver, sentido de vida, propósito existencial, solidariedade e capacidade de enfrentar desafios e aceitar o processo vital de nascimento, desenvolvimento e morte, esteve presente entre os narradores da tipologia 2, sendo que questões vivenciais, de atitudes e busca por valores e significados de vida apareceram como facilitadores

de aceitação da velhice.

Ao considerar a análise das narrativas, a espiritualidade apareceu articulada a velhice como um recurso de enfrentamento que favorece o bem estar, a saúde, a qualidade de vida, a boa convivência social, o lidar com as adversidades decorrentes das limitações físicas, com perdas de pessoas próximas e com a proximidade da própria morte na velhice. Estes dados corroboram com pesquisas citadas ao longo desta dissertação (Smomenhalder & Goldstein, 2006; Lawler & Younger, 2002; Cavalcante, 2007).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação ao primeiro objetivo específico da presente dissertação: descrever as representações sociais de idosos com idade igual ou superior a 80 anos sobre a vida foram encontradas três representações sociais, duas relacionadas ao sexo masculino e uma ao sexo feminino. A representação social das idosas sobre a vida esteve ancorada no tema família. Foi possível observar que o cuidado com a família, casamento e filhos esteve ancorada no discurso social das primeiras décadas do século XX que atribuía ao gênero feminino a “natural tendência” (Rocha-Coutinho, 1994) a doar-se para os outros. Esse conhecimento compartilhado e perpetuado ao longo das gerações esteve presente nos significados atribuídos a vida e parece ter exercido influência nas práticas sociais das participantes, como a abdicção do trabalho formal em prol do casamento e a dedicação de tempo nos cuidados com os filhos. Achado semelhante as pesquisas de Yazaki, Melo e Ramos (1991), Bassit (2002) Wagner, Predebon, Mosmann, Vereza (2005).

A segunda representação social da vida, predominantemente masculina, esteve ancorada na ideia central da importância do trabalho como garantia de aquisição de recursos financeiros para sobrevivência pessoal e sustento familiar. Ideia essa ancorada nos conhecimentos compartilhados da primeira metade do século XX (Alttiman & Costa, 2009), em que era atribuído ao homem o papel de provedor. Resultado semelhante pôde ser verificado no estudo de Veloz, Nascimento-Schulze e Camargo (1999) que ao analisar as representações sociais sobre velhice, idoso e envelhecimento verificaram uma representação tipicamente masculina apoiada na noção de atividade e perda do ritmo de trabalho, sendo que o trabalho aparece como uma das principais habilidades exercida ao longo da vida. Assim como nos estudos de Araújo e Scalon (2005); Skitemore e Ahmad (2003) e Magnabosco-Martins, Camargo e Biasus (2009), conforme indicado no sexto capítulo desta dissertação.

A terceira representação social da vida, predominantemente masculina, ancorou-se na ideia de espiritualidade. Significada como experiências que transcendem o mundo físico e dádiva divina, momento de aprendizado, importância da honestidade e presença de pensamento positivo diante das adversidades como ausência de trabalho, adoecimento, perdas e dificuldades financeiras. A importância da espiritualidade na vida dos idosos esteve relacionada a presença de pensamento positivo diante de adversidades, crença na transcendência

da matéria e dádiva divina, como recursos que favorecem o enfrentamento de desafios em prol de bem estar na velhice. Resultado semelhante aos estudos de Moraes e Souza (2005); Negreiros (2003) e Koenig (1994) conforme indicado no terceiro capítulo desta dissertação quando foram apresentadas pesquisas sobre a espiritualidade como recurso de enfrentamento na velhice.

Quanto ao segundo objetivo específico: caracterizar as representações sociais de idosos com idade igual ou superior a 80 anos sobre a velhice foram encontradas três representações sociais. A primeira representação social, predominantemente feminina, sobre a velhice esteve ancorada nas ideias de 1) superproteção dos filhos com os pais idosos; 2) importância das interações sociais em prol do bem estar na velhice; 3) limitações físicas; 4) cuidados com a saúde e aparência física; 5) necessidade de companhia; 6) sentir-se útil e 7) maior contato com a morte. A segunda representação social, compartilhada por participantes de ambos os sexos, está ancorada na ideia de velhice como um processo natural da vida constituído de perdas e ganhos. A terceira representação social, predominantemente masculina, esteve ancorada nas ideias de: 1) importância do trabalho; 2) presença de limitações físicas decorrentes da idade cronológica; 3) cuidados com a saúde; 4) desgaste físico do corpo; 5) sentir-se útil; 6) desafio imposto por Deus.

As representações sociais da velhice identificadas nesta dissertação contribuem para a compreensão da gerontologia vinculada ao processo de desenvolvimento humano, sendo que a velhice é significada como mais uma fase desse processo, constituída tanto de perdas quanto ganhos. Resultado esse que reforça a mudança de paradigma defendida por Neri (2001) em que o envelhecimento deixa de ser visto como antítese do desenvolvimento e sinônimo de doença. Essa visão corrobora a pesquisa realizada por Magnabosco-Martins, Camargo e Biasus (2009) em que foram identificados alguns elementos relativos às perdas e ganhos no envelhecimento, bem como ideias de atividade e autonomia. No que diz respeito à compreensão da velhice como uma fase do processo de desenvolvimento, os mesmos autores encontraram resultados diferentes em sua pesquisa, identificaram que todos os participantes pensaram a velhice como uma etapa estanque na vida e não como um processo.

Verificou-se ao longo das análises que as formas de lidar com situações de vida na velhice estão relacionadas ao entendimento que os idosos têm sobre seu processo de envelhecimento. Assim a exposição dos idosos as mais variadas situações da vida seja de ganhos e declínio, envolve conjuntamente os desafios e transformações decorrentes dessa

fase do desenvolvimento. Observou-se que para lidar com as adversidades resultantes do envelhecer, os idosos mencionaram fazer uso tanto de recursos pessoais, quando mencionaram a espiritualidade, como de recursos do ambiente, quando mencionaram a manutenção de interações sociais. Entende-se assim, que o convívio social pode estimular e evidenciar tanto as habilidades e competências pessoais, o senso de auto-eficácia, de controle percebido quanto o engajamento social, resultando em ampliação dos recursos de enfrentamento para lidar com as perdas na velhice. O estudo de Araújo, Coutinho e Carvalho (2005) apresenta indícios similares ao identificar entre os idosos a importância das interações sociais em grupos de convivência como uma rede de apoio social entre amigos.

Ao considerar a importância atribuída pelos idosos em manter alguma autonomia e sentir-se úteis em relação as suas vidas, a presença da superproteção dos filhos com os pais idosos pode ser compreendida como um indicativo limitador da capacidade do idoso de desenvolver-se resultando em maior dependência desnecessária em relação ao seu cuidador. Resultado semelhante foi encontrado no estudo de Zimmerman (2000) em que a superproteção por parte da família resultou em aumento da dependência por parte do idoso.

O posicionamento superprotetor dos filhos com os pais idosos referidos pelos participantes dessa dissertação, supostamente pode estar ancorado no desconhecimento por parte dos cuidadores, das limitações e potencialidades dos idosos em desempenhar atividades e tomar decisões. Nesse sentido, a pesquisa de Magnabosco-Martins, Camargo e Biasus (2009) sobre representações sociais do idoso e da velhice com não idosos, identificou que as definições de idoso envolveram a ideia de que ele é alguém que merece mais cuidado, e é uma pessoa dependente de outro membro da família. Ao considerar a função das representações sociais de orientar práticas sociais, há indicativos que esse conhecimento compartilhado pelos mais jovens pode enfraquecer o senso de sentir-se útil e autonomia para os idosos, fatores esses apresentados nas representações sociais dos idosos como fundamentais para o bem estar na velhice.

A presença das limitações físicas apareceu como um fator importante na significação da velhice, incluindo modificações na aparência. O reconhecimento das limitações e mudanças sugeriu exercer influência no comportamento dos idosos na medida em que eles referiram necessidade de aceitação da nova realidade, assim como exercer práticas de cuidados com a saúde e cuidados com a aparência para amenizar as transformações corporais ocorridas ao longo do tempo.

O reconhecimento do desgaste físico na velhice esteve presente também no estudo de representações sociais sobre o envelhecimento de Veloz, Nascimento-Schulze e Camargo (1999). Os cuidados com a saúde foram identificados como elementos importantes para um envelhecimento saudável na pesquisa de Cupertino, Rosa e Ribeiro (2007) referenciada no sexto capítulo desta dissertação.

A velhice foi caracterizada ainda, como um momento da vida imposto por Deus em que existe maior contato com a perda de pessoas próximas e da proximidade com a própria morte. Há indicativos que os idosos entrevistados apresentaram uma visão natural tanto a respeito da velhice quanto da morte, uma vez que, referiram serem esses acontecimentos presentes no cotidiano, assim como fazer parte do processo natural da vida e uma vontade de Deus. Resultados semelhantes foram encontrados nas pesquisas de Pinazo e Bueno (2004) e Santos (1996). Ao considerar a função das representações sociais de orientar práticas sociais, há indicativos que atribuir à velhice e a morte à vontade de Deus pareceram favorecer a compreensão dos idosos para lidar com adversidades e a perspectiva de fim da vida. O pedido de interferência a forças divinas esteve relacionado à busca de proteção, incentivo para agir em prol da melhoria da saúde e aceitação da velhice.

No terceiro objetivo específico proposto: caracterizar as representações sociais de idosos com idade igual ou superior a 80 anos sobre espiritualidade foram identificadas duas representações sociais da espiritualidade, uma relacionada ao sexo masculino e outra ao feminino. A representação social das idosas sobre a espiritualidade esteve ancorada nas ideias de 1) práticas privadas e organizacionais; 2) parte integrante da vida como forma de proteção e conforto diante de situações do cotidiano e 3) a existência de um lugar que abrigará o ser humano após a morte. A representação social dos idosos sobre espiritualidade esteve ancorada nas ideias de: 1) Conexão com Deus; 2) Transcendência da existência mundana; 3) Importância da honestidade no convívio interpessoal e 4) Livre arbítrio.

Resumidamente, a representação social das idosas vinculou espiritualidade principalmente à preocupação e preparação para a vida após a morte, enquanto que, a representação social dos idosos entrevistados relacionou espiritualidade principalmente a formas de viver essa vida. Ao considerar as dimensões da espiritualidade propostas por Moberg e Brusek (1978), há indicativos que a representações sociais dos idosos entrevistados esteve mais voltada para a dimensão horizontal, que se estende através das experiências do dia-a-dia. A representação social da espiritualidade para as idosas direcionou-se

predominantemente para a dimensão vertical, caracterizada pela busca em alcançar um poder superior. Esses achados foram semelhantes aos resultados encontrados no estudo de Gall, Malette e Guirguis-Younger (2011) em que a espiritualidade foi vista como parte integrante da própria identidade e como experiência pessoal relacionada ao transcendente, tradicionalmente definida como Deus.

Pode-se pensar ainda, que a espiritualidade para os idosos entrevistados contribuiu para o processo de otimização seletiva do modelo de envelhecimento bem-sucedido proposto por Baltes e Baltes (1990). A escolha da fé como recurso interno disponível para obtenção de conforto e proteção diante da vida na velhice, seguido da potencialização dessa crença por meio de práticas religiosas privadas e públicas pareceram favorecer o bem estar nessa fase da vida.

Ao considerar os dois mecanismos que geram as representações sociais, a ancoragem e a objetivação (Moscovici, 2010), foi possível observar que as representações sociais da espiritualidade ancoradas na ideia de transcendência da matéria estiveram objetivadas no processo de atribuir a espiritualidade a imagem de lugar, tornando-a visível na mente como uma imagem, um local de reencontro entre pessoas, de beleza e tranquilidade, transformando o desconhecido em algo familiar. As representações sociais da espiritualidade estiveram ancoradas ainda, na ideia de recurso de enfrentamento para lidar com uma variedade de situações adversas e demandas da vida cotidiana em prol de bem estar na velhice, resultando em ações de fé, orações e confiança em Deus. Resultado semelhante ao estudo de Moraes e Souza (2005) que identificou como fator de influência para o envelhecer bem entre os idosos, a presença de crenças pessoais orientadas para atribuir maior significado as suas vidas.

As informações compartilhadas pelos idosos nas representações sociais da espiritualidade indicam uma forma de apoio para guiá-los no sentido de compreender e aceitar suas realidades. Dessa forma, os achados discutidos ao longo dessa dissertação, podem contribuir para a gerontologia e para a realidade dos idosos que vivenciam a velhice, no sentido de considerar a espiritualidade como um recurso de enfrentamento que propicia conforto pela crença na presença de Deus em suas vidas, ser um fator de suporte para enfrentar desafios, compreender o processo do envelhecimento, aceitação da vida e preparação para a morte.

O quarto objetivo específico propôs verificar se os significados atribuídos a vida estão relacionados com as representações sociais de velhice. Assim, verificou-se que os significados atribuídos a vida pelos

participantes, centralizados na importância da família e trabalho, aparecem relacionados às representações sociais da velhice. O cuidado dos filhos para com os pais idosos na velhice, presente principalmente nas representações sociais das idosas, aparece vinculado a ideia de vigilância e superproteção, o que de certa forma pode ser compreendido como um retorno dos cuidados atribuídos aos pais ao longo do desenvolvimento dos filhos por parte desses na velhice dos pais. Essa referência feita pelos participantes desta pesquisa corrobora ideias citadas por autores como Zimerman (2000), Goldstein (2000), Caramano (2004) e Vieira (2004).

Para os homens entrevistados, o trabalho apareceu vinculado tanto as representações sociais da vida quanto da velhice, sendo significado como um direcionador de sentido de vida. Através do trabalho, os idosos referiram à construção de uma organização financeira ao longo da vida em prol de uma “segurança” para vivenciar a velhice, principalmente após a aposentadoria. Se anterior a aposentadoria, os homens dedicavam a maior parte do seu tempo ao trabalho formal, o que incluía o relacionamento social com colegas de profissão, na velhice é perceptível uma maior disponibilidade de tempo. Dessa forma, se houve um movimento de preenchimento do tempo na vida adulta com o trabalho, na velhice os idosos mantêm o entendimento da importância de ocupação do tempo livre. Resultado que corrobora com o estudo de Wachelcke, Camargo, Hazan, Soares, Oliveira, Reynaud (2008) referenciado no terceiro capítulo desta dissertação sobre representações sociais do envelhecimento.

Os idosos referiram manterem-se ativos realizando tarefas que envolvam a sensação utilidade, como trabalhos que envolvam a manutenção da residência de uma maneira geral, exercício do papel social de avô, contato com grupos de convivência e ações beneficentes. A noção de atividade e manutenção da autonomia como constituintes das representações sociais da velhice nessa dissertação, esteve presente também na pesquisa de Magnabosco-Martins, Camargo e Biasus (2009), em que a representação social dos idosos associou à idéia de “idoso” a noção de atividade que diferencia ser idoso (ativo) e ser velho (passivo).

A representação da vida vinculada a ideia de processo de aprendizado ofertada como dádiva divina parece manter-se ao longo de todo o desenvolvimento, o que inclui a fase da velhice. Uma vez que os participantes atribuíam a um ser superior uma forma de fortalecer-se ao longo das dificuldades encontradas na vida, tanto quanto no movimento de gratidão pelas conquistas. Essas atribuições de fé também estiveram presentes na velhice. O que diferencia a presença da proteção divina na

representação social da vida em comparação com a representação social da velhice é a questão da proximidade com a morte. Na representação social da vida, a proteção divina e a crença em Deus apareceram principalmente vinculadas às situações adversas como dificuldades financeiras, adoecimento e perda de pessoas próximas, e na velhice houve reconhecimento por parte dos idosos de uma proximidade com a própria finitude. Na velhice a espiritualidade foi significada como um meio de preparação para o enfrentamento da morte, uma vez que, a maior parte dos entrevistados referiu acreditar em vida após a morte. Esse resultado vai ao encontro da visão de Neri (2002), Sponville (2007) e Lopes (2010) referenciados no sexto capítulo desta dissertação, que discutem o fato da morte vista como um momento de transição relacionada a maior probabilidade de aceitação da finitude.

O quinto objetivo específico propôs verificar se os significados sobre espiritualidade estão relacionados com o enfrentamento de situações de vida na velhice. Embora significada de diferentes formas, a espiritualidade pareceu ser utilizada no enfrentamento de situações variadas de vida na velhice. A velhice foi compreendida como mais uma etapa da vida decorrente de um processo natural, marcada principalmente pelo desgaste natural do corpo. Enfatiza-se aqui o reconhecimento por parte dos idosos das limitações físicas na velhice, sendo que a espiritualidade esteve relacionada com a saúde, no sentido de facilitar o processo de aceitação dessa mudança gradual no processo de desenvolvimento. Resultados semelhantes foram identificados nas pesquisas de Teixeira e Lefèvre (2008), Daaleman, Perera e Studenski (2004) e Silva, Lemes, Vitorino e Moreira (2010) referenciados na discussão dos resultados na presente dissertação.

A espiritualidade apareceu ainda como um recurso facilitador para o aproveitamento do tempo de vida restante, seja no exercício de atividades beneficentes, no resgate e exercício de solidariedade entre pessoas, no fazer o que gosta, no sentido de aproximação do contato com familiares, na habilidade de preocupar-se com o que realmente importa sem remoer eventos do passado e na compreensão da noção de certo e errado ao longo da vida, o que inclui a fase da velhice. Para Moberg e Brusek (1978) a espiritualidade funciona como um recurso interno do indivíduo, que pode ser acionado pelo contato com a natureza, com as artes, com a experiência de doação de si ou com o engajamento em causas que visam ao bem coletivo.

No sentido de responder ao objetivo geral: analisar as concepções acerca da espiritualidade, envelhecimento e enfrentamento de situações de vida na velhice e suas possíveis relações e ao problema

de pesquisa: qual o papel da espiritualidade na velhice; verificou-se que a espiritualidade foi significada como uma dimensão importante da existência humana para ambos os sexos. A espiritualidade esteve vinculada ao enfrentamento de situações do cotidiano e como fonte de preparação para a morte, uma vez que a maior parte dos idosos entrevistados não significa a morte como um limite para a existência, como já mencionado anteriormente. Resultados que corroboram ideias citadas por autores como Moraes e Souza (2005), Somerhalder e Goldstein (2006) e Cavalcante (2007).

Ao considerar a exploração por parte dos idosos das capacidades adaptativas e de reserva na velhice, segundo o modelo de envelhecimento bem-sucedido, a espiritualidade apareceu entre os participantes desse estudo como recurso de enfrentamento diante de situações de perdas e mudanças. As orações, como práticas sociais, apareceram como forma de acessar um ser superior que protege e conforta o ser humano diante das situações da vida e da morte. Resultado que corrobora a pesquisa de Gall, Malette e Guirguis-Younger (2011) referenciada no terceiro capítulo desta dissertação.

A espiritualidade articulada com o tema velhice apareceu ainda relacionada ao tema do após a morte, significada como continuação da vida através da transcendência da matéria e possibilidade do reencontro entre pessoas após a morte. O tema espiritualidade significou como um recurso de enfrentamento esteve direcionado ao favorecimento do processo de aceitação da velhice. A relação entre espiritualidade e velhice apareceu vinculada ainda a atitudes que promovem bem estar para si através da ajuda ao próximo. O exercício do papel social de avô e avó apareceu atrelado à sensação de sentir-se útil na realização da tarefa de auxiliar na criação e educação dos netos. Resultado semelhante a pesquisa de Oliveira (1999) que identificou o exercício desses papéis sociais vinculado ao cuidado dos netos como uma ação significativa para o sentido de vida. A espiritualidade pareceu exercer entre os participantes dessa dissertação a função de fortalecer a vontade de viver, dar sentido de vida, propósito existencial, exercer a solidariedade e potencializar a capacidade de enfrentar desafios e aceitar o processo vital de nascimento, desenvolvimento e morte. Resultados que corroboram ideias citadas por autores como Goldstein (2000), Godstein e Sommerhalder (2002) e Freitas (2010).

A espiritualidade mostrou-se um importante fator na elaboração de sentido de vida e bem estar na velhice, sendo que os idosos que referiram à presença da espiritualidade em suas vidas articularam-na a posturas positivas diante de adversidades, tanto no manterem-se ativos

em tarefas adaptadas às suas condições reais, como fortalecendo sentido de vida vinculada a crença no após a morte. O papel da espiritualidade na velhice teve como função ser um recurso de enfrentamento facilitador de bem estar, saúde, qualidade de vida, boa convivência familiar e social, lidar com as adversidades decorrentes das limitações físicas, com perdas de pessoas próximas e com a proximidade da própria morte na velhice.

Ao longo deste trabalho, observou-se que a crença em algo que transcende parece oferecer conforto diante de situações de vida e morte, mesmo não sendo essa crença algo que ofereça certeza ou confiança absoluta. As ideias de céu, inferno, ressurreição e reencarnação orientaram e justificaram as práticas sociais dos idosos que mantêm o exercício da fé através de orações e frequência em igrejas. Estudar a espiritualidade no contexto do envelhecimento humano apresentou-se importante na medida em que a espiritualidade parece ter agregado um sentido transcendental aos significados de vida na velhice. A espiritualidade apareceu ainda, como parte do contexto humano, representada pela fé como uma proteção na velhice. A fé, a crença em algo que transcende e o exercício da espiritualidade em todos os momentos vividos, parecem direcionar sentidos para continuar a viver, mesmo diante de situações de adversidade entre os participantes entrevistados.

A análise de dados da presente dissertação buscou inovar no sentido de introduzir no estudo das representações sociais o objeto espiritualidade e enfatizar a importância da investigação da espiritualidade nos estudos sobre envelhecimento, assim como associar a técnica de análise lexicográfica e temática com a análise de narrativas. Entende-se com esta pesquisa, a importância de incluir a espiritualidade no âmbito dos domínios que devem ser levados em conta na avaliação e promoção de saúde no envelhecimento.

A partir deste estudo foram encontradas limitações quanto ao uso da análise das narrativas. Em decorrência da extensão do conteúdo das entrevistas foi necessário fazer um recorte dessa análise que possibilitou apenas a identificação da transição entre os temas e verificação dos elementos narrativos centrais, excluindo as funções das narrativas propostas por Gibbs (2009). Quanto à experiência no campo, outra limitação foi reconhecida. Ao longo das entrevistas, muitos participantes mencionaram que gostariam de ter mais uma oportunidade, um segundo encontro, para abordar os temas. Por tratar-se de temas amplos e abstratos, como o tema vida, os participantes precisaram de um tempo para organizar suas ideias. Acredita-se que seria interessante a

realização da coleta de dados em dois encontros dividindo os temas. Um primeiro encontro poderia abordar os temas vida e velhice, e um segundo os temas espiritualidade e após a morte. O que resultaria na necessidade de mais tempo para a coleta de dados, tempo não disponível de acordo com o cronograma estabelecido na presente dissertação. Ainda assim, os participantes mencionaram que falar abertamente sobre o que pensam possibilitou a rememoração de vivências do passado e o sentimento de poder contribuir com suas experiências.

Ao final deste trabalho, reafirma-se a importância de estudos sobre a velhice com idosos com 80 anos ou mais e a inserção do tema espiritualidade no estudo das representações sociais do envelhecimento, pois se observou que ainda são poucas as pesquisas realizadas sobre espiritualidade exclusivamente com idosos nessa faixa etária. Espera-se, que a descrição deste estudo tenha contribuído para o favorecimento da reflexão e discussão científica sobre a importância de considerar o fenômeno da espiritualidade como uma dimensão da existência humana pertencente à constituição do bem estar em prol da saúde. Espera-se ainda que os resultados tenham revelado informações e constituído um novo conhecimento que contribua para novos estudos de representações sociais, direcionados ao aprofundamento do assunto, que pareceu ocupar um papel relevante na vida dos idosos na fase da velhice. Estudar idosos com idade igual ou superior a 80 anos torna-se cada vez mais importante para aprimorar as políticas públicas de saúde em prol da contribuição para o aumento da expectativa de vida e bem estar na velhice.

8. REFERÊNCIAS

Abric, J.C. (2003). Abordagem estrutural das representações sociais: desenvolvimentos recentes. In P. H. F. Campos, M. C. S. Loureiro (orgs.). *Representações sociais e práticas educativas* (pp. 37-57). Goiânia: Ed. da UCG.

Ai, A. L., Wink, P., Tice, T. N., Bolling, S.F., Shearer, M. (2009) Prayer and reverence in naturalistic, aesthetically, and social-moral contexts predicted fewer complications, following coronary artery bypass. *Journal of Behavioral Medicine*, 32(6), 570-581.

Allport, G. (1963). *Pattern and growth in personality*. London: Holt, Rinehart and Winston.

Alttiman, C. N., Costa, S. G. (2009) *Revolução feminina: as conquistas da mulher no século XX*. Recuperado em 29 de janeiro, 2013, da Faculdade Eça de Queirós, curso de administração na página: <http://www.faceq.edu.br/doc/Revolucao%20Feminina%20as%20conquistas%20da%20mulher%20no%20seculo%20XX.pdf>

Alves-Mazzotti, A. J. (2008) Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. *Revista Múltiplas Leituras*, 1(1), 18-43.

Araújo, F., Coutinho, M. P. L., Carvalho, V. A. M. L. (2005) Representações sociais da velhice entre idosos que participam de grupos de convivência. *Psicologia Ciência e Profissão*, 25(1), 118-131.

Araújo, C., Scalon, C., (2005). Percepções e atitudes de mulheres e homens sobre a conciliação entre família e trabalho pago no Brasil. In C. Scalon (org.) *Gênero, família e trabalho no Brasil* (pp.14-76). FAPERJ. Rio de Janeiro: FGV.

Ayama, S., Rodrigues, L. A., Silva, R. B. L., Feriancic, M.M. (2009) Análise da qualidade de vida e independência em octogenários. *Trabalho apresentado no III Congresso Ibero-americano de Psicogerontologia*. São Paulo. Brasil.

Baker, D. C., Nussbaum, P. D. (1997) Religious practice and spirituality – Then and now: a retrospective study of spiritual dimensions of residents residing at a continuing care retirement community. *Journal of Religious Gerontology*, 10 (1), 191-211.

Baltes, M., Silverberg, S. A dinâmica da dependência-autonomia no curso de vida. In L, Neri (org) *Psicologia do envelhecimento: tópicos selecionados numa perspectiva do curso de vida*. Campinas: Papirus

Baltes, P. B., Smith, J. (2003). New frontiers in the future of aging: from successful aging of the young old to the dilemmas of the fourth age. *The Gerontologist*, 49, 123-135.

Baltes, P. B., Baltes, M. M. (1990) *Successful aging: perspectives from the behavioural sciences*. Canada: Cambridge University Press.

Banco Mundial (2011). Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento. Mudança demográfica no Brasil. In *Envelhecendo em um Brasil mais velho* (pp.22- 26). The World Bank. Washington, D.C. 20433, USA.

Bardin, L. *Análise de conteúdo*. (2009). Lisboa: Edições 70.

Bassit, A. Z. (2002) História de Mulheres: reflexões sobre a maturidade e a velhice. In M,C, Minayo. *Antropologia, Saúde e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ.

Bauer, M. W., Gaskell, G. (2002). *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes.

Beauvoir, S. A. (1990). *Velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Becker, H. S. (1993). Métodos de pesquisa em ciências sociais. São Paulo. Ed. HUCTEC.

Biaus, F. (2009). *Representações sociais do envelhecimento e da sexualidade*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Borella, E. (2012). *Curso: "Tecniche cognitive per la qualità della vita per gli anziani"*. Organização: Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGP & Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição – LACCOS – UFSC.

Bosi, E. (1995). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras.

Brito, A. M. M. (2010). *Representações sociais, crenças e comportamentos de saúde: um estudo comparativo entre homens e mulheres*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Castells, M. (1999). *O poder da identidade*. Vol. II. São Paulo: Paz e Terra.

Camarano, A. A. (2004). *Os novos idosos brasileiros. Muito além dos 60 anos*. Rio de Janeiro: IPEA.

Camarano, A. A. (2003). Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança? *Estudos Avançados*, São Paulo: USP/Instituto de Estudos Avançados, 49, 35-63.

Camargo, B. V. (2005). ALCESTE: Um programa informático de análise quantitativa de dados textuais. In: A. S. P. Moreira; B. V. Camargo; J. C. Jesuíno; S. M. Nóbrega (Orgs), *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais*. João Pessoa: UFPB.

Carvalho Neto, J. B. P. (2000). Velhos e idosos. In J. P. Bakker Filho (Org.). *É permitido colher flores? Reflexões sobre o envelhecer*. Curitiba (PR): Champagnat.

Cavalcante, A. M. (2007). *Psiquiatria on line Brasil: a psicologia do idoso*. [Recuperado

em:<<http://www.polbr.med.br/arquivo/mour0502.htm>>]

Acesso em 16 out. 2011.

Chiu, L., Emblen, J. D., Van Hofwegen, L., Sawatzky, R. & Meyerhoff, H. (2004). An integrative review of the concept of spirituality in the health sciences. *Western Journal of Nursing Research*, 26, 405-428.

Collett, L., Lester, B. (1969). The fear of death and the fear of dying. *Journal of psychology*, 72, 179-181.

Conte, H., Weiner, M., Plutchik, R. (1982). Measuring death anxiety. Concept, psychometric and factor analytic aspects. *Journal of personal and social psychology*, 43(2), 775-785.

Costa, E. F. A., Pereira, S. R. M. (2005). Meu corpo está mudando o que fazer? In J. L. Pacheco, J. L. M. Sá, L. Py, S. N. Goldman (Orgs.), *Tempo rio que arrebatada* (pp.13- 25). Holambra: Setembro.

Cummings JP, Pargament KI. (2010). Medicine for the Spirit: Religious Coping in Individuals with Medical Conditions. *Religions*, 1(1), 28-53.

Cupertino, A. P. F. B., Rosa, F. H. M., & Ribeiro, P. C. C. (2007). Definição de envelhecimento saudável na perspectiva de indivíduos idosos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(1), 81-86.

Daaleman, T.P., Perera, S., Studenski, S. A. (2004). Religion, spirituality, and health status in geriatric outpatients. *Annals of family medicini*, 1 (2), 49-53.

Debert, G. G. (2004). *A reinvenção da velhice: socialização e procesos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: edusp.

Depp, C., Jeste, D. (2006). Definitions and predictors of successful aging: a comprehensive review of larger. *American Journal of geriatric psychiatry*, 14, 6-20.

Doise, W. (2001). As atitudes e representações sociais. In D. Jodelet (org). *As representações sociais*. RJ: Eduerj.

Doll, J., Py, L. (2005). Espiritualidade e finitude. In J. L. Pacheco, *Tempo: rio que arrebatada* (pp.277-290).

Duarte, F. M.; Wanderley, K. S. (2011). Religião e espiritualidade de idosos internados em uma enfermagem geriátrica. *Psicologia: Teoria e pesquisa*. Brasília, 27 (1), 49-53.

Duque, M. Del P. (2002). Representaciones sociales de roles de género en la vejez: una comparación transcultural. *Revista Latinoamericana de Psicología*, Bogotá, Colombia. 34 (1-2), 95-106.

Ellison, C., Fan D. (2008). Daily spiritual experiences and psychological well-being among US adults. *Social Indicators Research*. 88(2):247-271.

Feifel, H. (1959). *The meaning of death*. New York: McGrawHill.

Flick, U. (2004) As narrativas como dados. Em: *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman (pp.7-13).

Folkman, S.; Lazarus, R. (1980). An analysis of coping in a middle-aged community sample. *Journal of Health and Social Behavior* , 21, 219-239.

Fortes, A. C. C. (2005). *Eventos de vida estressantes, estratégias de enfrentamento, senso de auto-eficácia e estados depressivos em idosos residentes na comunidade: dados do PENSA*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Pós Graduação em Gerontologia. Campinas. Brasil.

Fortes, A. C. G., Neri, A. L. (2004). Eventos de vida e envelhecimento humano. In A. L. Neri, M. S. Yassuda & M. Cachioni (Orgs.). *Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos*. Campinas, SP: Papirus.

Fowler, J. (1982). *Estágios da fé*. São Leopoldo: Sinodal.

Frankl, V. E. (2008). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 25 ed. São Leopoldo: Sinodal: Petrópolis: Vozes.

Freire, S. A. (2000) Envelhecimento bem-sucedido e bem-estar psicológico. In A. L. Neri & S. A. Freire. *E por falar em boa velhice*. São Paulo: Papirus (pp.21-32).

Freire, S. A., Sommerhalder, C. (2000). Envelhecer em tempos modernos. In A. L. Neri & S. A. Freire. *E por falar em boa velhice*. São Paulo: Papirus (pp.125-135).

Freitas, A. C. P. (2010). *Espiritualidade e sentido de vida na velhice tardia*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte. Brasil.

Gall, T. L., Malette, J., Guirguis-Younger, M. (2011). Spirituality and religiousness: a diversity of definitions. *Journal of spirituality in Mental Health*, 13(3), 158-181.

Gaarder, J., Hellern, V. & Notaker, H. (2005) *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia das letras.

Ghiglione, R., Matalon, B. (1997). Como inquirir: as entrevistas. In: *O inquérito: teoria e prática*. Oeiras: Celta.

Gibbs, G. (2009). *Análise de dados qualitativos*. Porto Alegre: Artemed.

Goldstein L. L. (1993). Desenvolvimento do adulto e religiosidade: uma questão de fé. In: Neri A. L. (org.). *Qualidade de vida e idade madura*. Campinas, SP: Papirus.

Goldstein, L. L. (2000). Desenvolvimento do adulto e religiosidade: Uma questão de fé. In A. L. Neri (Org.). *Qualidade de vida e idade madura* (pp.83-198).Campinas, SP: Papirus.

Goldstein, L. L., Neri, A.L. (1993). Tudo bem, graças a Deus. Religiosidade e satisfação na maturidade e na velhice. In: Neri A. L. (org.). *Qualidade de vida e idade madura*. Campinas, SP: Papirus.

Goldstein, L. L., & Neri, A. L. (2000). Tudo bem, graças a Deus: Religiosidade e satisfação na maturidade. In A. L. Neri (Org.). *Qualidade de vida e idade madura* (pp.109-136). Campinas, SP: Papirus.

Goldstein, L. L., & Sommerhalder, C. (2002). Religiosidade, espiritualidade e significado existencial na vida adulta e velhice. In

E. Freitas, & L. Py (Orgs.). *Tratado de geriatria e gerontologia* (950-955). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Hockey, J., James, A. (2003). *Social Identities across the life course*. NY: Palgrave Macmillan.

Hoelter, J. (1979). Multidimensional treatment of fear of death. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 47, 996-999.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2010). Sala de imprensa. Projeção da população do Brasil. Recuperado 12 de outubro, 2011 de [HTTP://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticiavisualiza.php?idnoticia=207](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticiavisualiza.php?idnoticia=207).

Jesuino, J.C. (2006). A psicologia social europeia. Em: J. Vala & M. B. Monteiro (Orgs.). *Psicologia social*. 7ª ed (pp. 49-60). Lisboa: Calouste Gulbenkian.

Jesuino, J.C. (2007). Fronteiras das representações sociais. Em: A.S.P. Moreira e B.V.Camargo (orgs). *Contribuições para a teoria e o método de estudo das representações sociais*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB.

Jodelet, D. (2001) Representações sociais: um domínio em expansão. Em: D. Jodelet (org). *As representações sociais*. RJ: Eduerj.

Kahn, R. (2002). On “successful aging and well-being: self-rated compared with Rowe and Kahn”. *The gerontologist*, 42(6), 725-726.

Kertész, R., Atalaya, C.I., Stecconi, C.F. & Perotto, H. (2006). Valores, Argumento y metas de vida em la tercera idade. In Falcão, D. V. S.; Dias, C. M. S. B. (organizadoras). *Maturidade e Velhice: pesquisas e Intervenções Psicológicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Khoury, H. T. T., Gunther, I. A. (2006) Percepção de controle, qualidade de vida e velhice bem sucedida. In Falcão, D. V. S.; Dias, C. M. S. B. (organizadoras). *Maturidade e Velhice: pesquisas e Intervenções Psicológicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Kiesling, C.; Sorell, G.T.; Montgomery, M.J.; Colwell, R.K. (2006). Identity and spirituality: a psychosocial exploration of the sense of spiritual self. *Developmental Psychology*, 42(6), 1269-1277.

Kluber-Ross, E. (2002) *Sobre a morte e o morrer*. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes.

Koenig, H. G. (1994). *Aging and God: spiritual pathways to mental health in midlife and later years*. New York: Haworth Press.

Koenig, H. G., McCullough, M. E., Larson, G. L.K., (2001). *Handbook of religion and health*. New York, NY: Oxford University Press.

Koenig HG, George LK, Peterson BL. (1998). Religiosity and remission of depression in medically ill older patients. *American Journal of psychiatry*, 155, 536-542.

Kovács, M. J. (1992). *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Kovács, M. J. (2007). Espiritualidade e psicologia: cuidados compartilhados. *O Mundo da Saúde*, 31, 246-255.

Lawler, K.A.; Younger, J.W. (2002) - Theobiology: an analysis of spirituality, cardiovascular responses, stress, mood, and physical health. *Journal Religion Health*, 41(4), 347-362.

Lopes, A. (2003). Dependência, contratos sociais e qualidade de vida na velhice. In Simson, Neri & Cachioni (Orgs.), *As múltiplas faces da velhice no Brasil* (pp. 129-140). Campinas (SP): Alínea.

Lopes, E. S. L., Park, M. B. (2007). Representação social de crianças acerca do velho e do envelhecimento. *Estudos de Psicologia*, Rio Grande do Norte, Brasil, 12 (2), 141-148.

Lucchetti, G., Lucchetti, A. L. G., Bassi, R. M., Nasri, F. & Nacif, S. A. P. (2011). O idoso e sua espiritualidade: impacto sobre diferentes aspectos do envelhecimento. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 14(1), 159-167.

Magnabosco-Martins, C. R., Camargo, B. V., Biasus, F. (2009). Representações sociais do idoso e da velhice de diferentes faixas etárias. *Univ. Psychol. Bogotá, Colombia*, 8(3), 831-847.

Marque, L. F. (2000). *A saúde e o bem-estar espiritual em adultos portoalegrenses*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Martins, C. R. M. (2002). *O envelhecer segundo adolescentes, adultos e idosos usuários do SESC Maringá: um estudo de Representações Sociais*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Psicologia. Florianópolis. Brasil.

Mattis, J. S. (2000). African American women's definitions of spirituality and religiosity. *Journal of Black Psychology*, 26 (1), 101-122.

Matos, P. R. M. A. (2004). Ser mais do que velho: tempo, memória e velhice no contexto de um lar. *VIII Congresso luso-afro-brasileiro de Ciências Sociais*. Recuperado em 23 de dezembro, 2012, de <http://www.ces.uc.pt/LAB2004>.

McClain, C.S., Rosenfeld, B., Breitbart, W. (2003). Effect of spiritual well-being on end-of-life despair in terminally-ill cancer patients. *Lancet*, 361, 1603-1607.

McSherry, W., Cash, K. (2004). The language of spirituality: an emerging taxonomy. *Internacional Journal of Nursing studies*, 41, 151-161,

Mestre, M. B. A. (2004). *Mulheres do século XX: memórias de trajetórias de vida, suas representações (1936-2000)*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Paraná, Programa de pós-graduação em história. Curitiba. Brasil.

Ministério da Saúde. (2010). Portal da Saúde. Recuperado em 15 de novembro, 2011 de http://portal.saude.gov.br/portal/saude/visualizar_texto.cfm?idtx t=35338&janela=1.

Moberg, D. O.,; Brusek, P.M. (1978). Spiritual well-being: a neglected subject in quality of life research. *Social Indicators Research*, 5, 303-323.

Moraes, J., Souza, V. (2005) Factors associated with the successful aging of the socially- active elderly in the metropolitan region of Porto Alegre. *Revista brasileira de psiquiatria*, 27(4), 302-308

Moreira, A. S.P., Camargo, B.V, Jesuíno, J. C., Nóbrega, S. M. (2005). *Perspectivas teórico- metodológicas em representações sociais*. João Pessoa: UFPB.

Moscovici, S. (2010). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. [Tradução P, Guareschi. Petrópolis: Vozes. (Obra original publicada em 1961).

Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise*. RJ: Zahar editores.

Moscovici, S. (1981). On social representation. In: Forgas, J. P. (Ed.). London: European Association of Experimental Social Psychology/ Academic Press. *Social Cognition* (pp. 181-209).

Nascimento-Schulze, C.M., Camargo, B. V. (2000) Psicologia Social, Representações Sociais e Métodos. *Temas Em Psicologia da SBP*, 8 (3) 287-299.

Negreiros, T. C. G. M. (2003) Espiritualidade: desejo de eternidade ou sinal de maturidade? *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 3 (2), 275-291. Fortaleza. Recuperado em 11 de julho, 2011 de <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=27130203>.

Neri, A. L. (1991). *Envelhecer num país de jovens – significados de velhos e velhice segundo brasileiros não idosos*. Campinas: Editora da Unicamp.

Neri, A. L. (1993). *Qualidade de vida e idade madura*. Campinas, SP: Papyrus.

- Neri, A. L. (2001). *Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas e sociológicas*. Campinas, SP: Papirus. (Coleção vivacidade).
- Neri, A. L. (2002). Teorias Psicológicas do Envelhecimento. In Freitas et al. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, (pp. 32-46).
- Neri, A. L. (2006). O legado de Paul B. Baltes à psicologia do desenvolvimento e do envelhecimento. *Temas em psicologia*, 14(1), 17-34.
- Neri, A. L., Cachioni, M. (1999). Velhice bem sucedida e educação. In: Neri, A. L., Debert, G. G. *Velhice e Sociedade*. Campinas. Papirus.
- Neri, A.L., Sommerhalder, C. (2002). As várias faces do cuidado e do bem-estar do cuidador. In A.L. Neri (Org.). *Cuidar de idosos no contexto da família: questões psicológicas e sociais* (pp. 9-63). Campinas, SP: Alínea.
- Neri, A. L., Yassuda, M. S., Cachioni, M. (colab.). (2004). *Velhice bem sucedida aspectos afetivos e cognitivos*. Campinas, SP: Papirus.
- Novaes, A. (2004). *Filosofia e Espiritualidade*. Salvador: Fundação Lar Harmonia.
- Oliveira, L. S. (2009). *Educadoras e religiosas no Brasil do século XIX nos caminhos da civilização*. Recuperado em 11 de junho, 2012 de http://www.uel.br/grupos-estudo/processoscivilizadores/portugues/siteanais/anais12/artigos/pdfs/comunicações /C_Oliveira3.pdf
- Oliveira, P. S. (1999). *Vidas compartilhadas: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana* (Coleção Linguagem e Cultura). São Paulo: Hucitec, Fapesp.
- Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002). *Envelhecimento ativo:*

uma política de saúde. Recuperado em 15 de novembro, 2011, de http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf.

Organização das Nações Unidas (ONU). *A ONU e as pessoas idosas*. Recuperado em 11 de julho, 2011, de <http://www.onu.org.br/a-onu-em-acao/a-onu-em-acao/a-onu-e-as-pessoas-idosas/>.

Osório, A. (2007). Os idosos na sociedade actual. Em: A. Osório e F. Pinto (eds.), *As pessoas idosas: Contexto social e intervenção educativa*. Coleção Horizontes. Pedagógicos. Instituto Paiget. Lisboa.

Paiva, G. J. (2005). Psicologia da religião, psicologia da espiritualidade: oscilações conceituais de uma (?) disciplina. In M. M. Amatuzei (Org.), *Psicologia e espiritualidade* (pp. 31-47). São Paulo: Paulus.

Paiva, G. J. (1998). AIDS, psicologia e religião: o estado da questão na literatura psicológica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* 14(1): 27-34.

Papalia, D. Olds, S. Feldman, R. (2006). *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artemed.

Pargament, K. I. (1997). *The psychology of religion and coping: Theory, research, practice*. New York: Guilford Press.

Pargament, K.I. (1999). The psychology of religion and spirituality? Yes and no". *The International Journal for the Psychology of Religion*, 9, 3-16.

Pargament, K. I. (2001). Religious struggle as a predictor of mortality among medically III elderly patients. *Arch Internal Medicine*, 161 (15): 1881-1885.

Peres, J. P., Simão, M. P., Nasello, A. G. (2007). Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia. Faculdade de Ciências Médica da Santa Casa de São Paulo. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 34 (1), 136-145.

- Pierucci, A.F. (2005). *As Religiões no Brasil*. São Paulo:Companhia das Letras.
- Pinazo, S., Bueno, J. (2004). Reflexiones acerca del final de la vida. Un estudio sobre las representaciones sociales de la muerte en mayores de 65 años. *Revista Multidisciplinar de Gerontología*, 14 (1), 22 – 26.
- PNAD - *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios*. (2009). Recuperado em 11 de julho, 2011 de <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/sinteseindicossociais2006/default.shtm>
- Ramos, M.P. (2002). Apoio Social e saúde entre idosos. *Sociologias*, 4(7):156-175.
- Ribeiro, A.P., Souza, E.R., Atie, S., Souza, A.C., Schilithz, A. O. (2008). A influencia das quedas na qualidade de vida de idosos. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, 13(4):1265- 1273.
- Rocha-Coutinho, M.L. (1994). *Tecendo por trás dos panos. A mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Rosa, L. H. T. (2007) *Estudo dos fatores associados ao envelhecimento bem-sucedido de idosos da comunidade de Barra Funda*. Tese de doutorado, Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Rousseau P. (2003) Spirituality and the dying patient. *Classic papers, supplement to JCO*, 21(9), 54-56.
- Sá, C.P. (1996). *Núcleo Central das Representações Sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Salgado, C.D. (2002). Mulher idosa: a feminização da velhice. *Estudos interdisciplinares sobre envelhecimento*, 4, 7-19.
- Salovey, P., Rothman, A. J., Detweiler, J. B., Steward, W. T. (2000). Emotional states and physical health. *American Psychologist*, 55(1), 110-121.

Santana, P. (2005). *Geografias da saúde e do desenvolvimento. Evolução e Tendências em Portugal*, Coimbra, Almedina.

Santos, M.F.S. (1996). A velhice na zona rural. Representação social e identidade. Em C. Nascimento-Schulze (Org.), *Novas contribuições para a teorização e pesquisa em representação social* (pp.59-84) Florianópolis SC: Coletâneas da ANPEPP, 1, 10.

Santos, M. F. S., Belo, I. (2000) Diferentes modelos de velhice. *Revista PSICO*, Porto Alegre, 2, 31-48.

Saporetto, L. A. (2009). Espiritualidade em cuidados paliativos. In F. S. Santos *Cuidados Paliativos: discutindo a vida, a morte e o morrer*. São Paulo: Atheneu, (pp. 269 -282).

Schneider, R. H., Irigaray, T. Q. (2008). O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Campinas Estudos de Psicologia*, 25(4), 585-593.

Silva, J.V., Lemes. I.C., Vitorino, L.M., Moreira, M.M.R. (2010) Os Significados de Espiritualidade e sua Relação com a Saúde: as representações sociais de idosos *Revista Nursing*,12 (141), 85-89 .

Silva, M. J., Varela, Z. M. (1999). O conceito de adaptação na terceira idade: uma aproximação teórica. *Arquivos de Geriatria e Gerontologia*, 3(1), p. 25-29.

Silvestre, J.A. Kalache, A. Ramos, L.R. Veras, R.P. (1996) O envelhecimento populacional brasileiro e o setor saúde. *Arquivos de Geriatria e Gerontologia*, 81-89.

Simson, O. R. M., Neri, A. L. , Cahioni, M. (2006). *As múltiplas faces da velhice no Brasil*. Campinas, SP: Editora Alínea (coleção velhice e sociedade).

Skitmore, M., Ahmad, S. (2003). Work-famiy conflict: a survey of singapourean workers. *Singapore Management Revies*, 25(1), 15-52.

Solomon R. C. (2003). *Espiritualidade para céticos: paixão, verdade cósmica e racionalidade no século XXI*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Sommerhalder, C. ; Goldstein, L. L. (2006). O papel da espiritualidade e da religiosidade na vida adulta e na velhice. In *Tratado de geriatria e gerontologia*. E. V. Freitas, L. Py, F. A. X. Cançado, J. Doll, M. L. Gorzoni, 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Sponville, André Comte. (2007). *O Espírito do Ateísmo*. São Paulo: MartinsFontes.

Staudinger, U. M., Marsiske, M., & Baltes, P. B. (1993). Resilience and levels of reserve capacity in later adulthood: Perspectives from life-span theory. *Development and Psychology*, 5 (4), 541-566.

Stuart-Hamilton, I. (2002). *Psicologia do Envelhecimento: Uma Introdução*. Porto Alegre: Artmed.

Teixeira, J.J.V., Lefèvre, F. (2008). Significado da intervenção médica e da fé religiosa para o paciente idoso com câncer. *Ciência e saúde coletiva*, 13(4): 1247-56.

Teixeira, I. N. D. O., Neri, A. L. (2008). Envelhecimento bem-sucedido: uma meta no curso de vida. *Psicologia USP*, São Paulo, 19(1), 81-94

Teixeira, M. C. T. V., Nascimento-Schulze, C. M., & Camargo, B. V. (2002). Representações sociais sobre a saúde na velhice: um diagnóstico psicossocial na rede básica de saúde. *Estudos de Psicologia*, 7(2), 351-359.

Telles, S. M. B. S. (2003) . *Idoso: Família, Trabalho e Previdência*. Tese de doutorado defendida no do Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, IFCH-UNICAMP, Campinas.

Tovar-Murray, D. (2011). The multiple determinants of religious behaviors and spiritual beliefs on well-being. *Journal of Journal of spirituality in Mental Health*, 13(3), 182- 192.

Vala, J. (2006). Representações sociais e psicologia social do

conhecimento cotidiano. Em: J. Vala, M.B. Monteiro (Orgs.). *Psicologia social*, (pp. 457-502). Lisboa: Calouste Gulbenkian.

Valle, E. (2005). Religião e espiritualidade: um olhar psicológico. In M. M. Mamatuzzi (Org). *Psicologia e Espiritualidade*. São Paulo: Paulus.

Veloz, M. C. T., Schulze, C. M. N., Camargo, B. V. (1999). Representações sociais do envelhecimento. *Psicologia Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, 12(2), 479-502.

Vieira, E. B. (2004). *Manual de Gerontologia: um Guia Teórico-Prático para Profissionais, Cuidadores e Familiares*. Rio de Janeiro: Revinter.

Vitta, A. (2000). Atividade física e bem-estar na velhice. In A. Neri., S. A. A. Freire. (Orgs). *E por falar em boa velhice* (pp.81-90). Campinas: Papyrus

Wachelke, J. F. R. (2007) *Efeitos de instruções de questões abertas na ativação de elementos de representações sociais*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Brasil.

Wachelcke, J. F. R., Camargo, B. V., Hazan, J. V., Soares, D. R., Oliveira, L. T. P., Reynaud, P. D. (2008). Princípios organizadores da representação social do envelhecimento: dados coletados via internet. *Estudos de Psicologia*, 12 (2), 107-116.

Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C., & Vereza, F. (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21 (2), 181-186.

Yazaki, L., Melo, A. V., Ramos, L. R. (1991). Perspectivas atuais do papel da família ao envelhecimento populacional: um estudo de caso. *Informe Demográfico*, 24 (11), 11- 96.

Zimerman, G. I. (2000). *Velhice, aspectos biopsicossociais*. Porto Alegre: Artemed Editora.

9. ANEXOS

9.1 Anexo 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e da Cognição (LACCOS) vinculado a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), está desenvolvendo uma pesquisa sobre os significados da vida. Esta pesquisa tem o objetivo de compreender além dos significados atribuídos à vida, como as pessoas pensam o envelhecimento. A idéia é que estes depoimentos colaborem com o entendimento das situações de vida na velhice.

A pesquisa utiliza uma entrevista que será respondida pelo (a) senhor (a). Caso apresente alguma dúvida em relação ao estudo ou não quiser mais fazer parte do mesmo, pode entrar em contato pelo telefone (48) 3721-9067. Mas se o (a) senhor (a) estiver de acordo em participar, podemos garantir que as informações fornecidas serão confidenciais e só serão utilizadas para os fins de pesquisa já descritos.

Caso após a entrevista o (a) senhor (a) perceber a mobilização de emoções que necessitem de acompanhamento psicoterapêutico, a pesquisadora estará disponível para realizar o encaminhamento para o Serviço de Atenção Psicológica da Universidade Federal de Santa Catarina (SAPSI/UFSC) a fim de garantir atendimento psicológico.

Pesquisador responsável: Prof. Dr. Brigido Vizeu Camargo

Pesquisadora principal: Luiza Gutz (Mestranda/UFSC) CRP 12/07036

Eu, _____, fui esclarecido(a) sobre a pesquisa acima descrita e concordo que meus dados sejam utilizados na realização da mesma.

Florianópolis, _____, de _____ de 2012.

Assinatura: _____ RG: _____

9.2 Anexo 2 – Parecer Do Comitê de Ética em Pesquisa

Plataforma Brasil - Ministério da Saúde

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

PROJETO DE PESQUISA

Título: Envelhecimento e espiritualidade: um estudo sobre representações sociais de idosos

Área Temática:

Pesquisador: Brígido Vizeu Camargo

Versão: 1

Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina

CAAE: 01289612.1.0000.0121

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Número do Parecer: 25768

Data da Relatoria: 14/05/2012

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de Dissertação de Mestrado intitulado Envelhecimento e Espiritualidade: Representações de Idosos do Programa de pós Graduação em Psicologia Social da UFSC. O projeto mostra-se muito bem elaborado justificando a temática do estudo, seu desenvolvimento, revisão literatura-suporte teórico e metodologia de abordagem qualitativa em que apresentam todos os cuidados metodológicos éticos e bioéticos com os sujeitos do estudo.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar as concepções acerca da espiritualidade, envelhecimento e enfrentamento de situações de vida na velhice e suas possíveis relações.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisa não apresentará risco aos sujeitos do estudo. Os benefícios serão compreender as representações sociais sobre espiritualidade que os idosos acima de 80 anos expressam no cotidiano de seu processo de viver e estar sendo idoso como acessam as crenças espirituais nos seus enfrentamentos e conflitos em situações de vida saúde e doença. A pesquisa contribuirá para entender esta construção social e sua ligação com a espiritualidade e o sagrado pois possibilitará aos profissionais utilizar desta representação para ajudarem os idosos em seu processo de viver e estar e ser no mundo.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Este projeto de pesquisa demonstra em seus objetivos e propósitos contribuir para o desenvolvimento e construção do conhecimento na área dos estudos sobre envelhecimento nos aspectos relacionados a temática psicossocial e espiritual.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O projeto atende a todas as exigências documentais para submissão e aprovação no CEPISH/UFSC. Declaração da Instituição, Folha de Rosto, Cronograma, orçamento, TCLE. Apresentam na metodologia/coleta de dados/entrevista todo o cuidado ético e bioético com os sujeitos do estudo.

Recomendações:

Recomendações que após sua conclusão este estudo seja apresentado em eventos e publicado em periódicos indexados

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Concluiu recomendando sua aprovação no CEPISH UFSC

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

10. APÊNDICES

10.1 Apêndice 1 – Instrumento

Instruções e tópicos para a entrevista

Estamos fazendo uma pesquisa sobre o que as pessoas com idade igual ou superior a 80 anos pensam sobre a vida. Envelhecer é uma etapa da vida acompanhada de mudanças; diante disso o (a) senhor (a) pode colaborar muito conosco, falando sobre situações de sua vida. O objetivo da pesquisa é conhecer melhor o que pensam e como se comportam as pessoas da sua idade, para que possamos melhor compreender o que favorece o bem estar durante o envelhecimento e facilitar ações sociais em prol da qualidade de vida das pessoas idosas. Faremos quatro questionamentos para que o (a) senhor (a) fale abertamente tudo o que viver a sua cabeça. Não há resposta certa ou errada, tudo o que o (a) senhor (a) achar que deve ser dito sobre o assunto é importante que seja dito. O (a) senhor (a) não será identificado em nenhum momento. Sinta-se a vontade para dizer tudo o que pensa.

Antes de iniciarmos nossa entrevista, eu trouxe o Termo de Consentimento livre e esclarecido que por questões éticas deve ser preenchido, me autorizando a utilizar suas repostas exclusivamente para fins de pesquisa.

Caso após a entrevista o (a) senhor (a) perceber a mobilização de emoções que necessitem de acompanhamento psicoterapêutico, a pesquisadora estará disponível para realizar o encaminhamento para o Serviço de Atenção Psicológica da Universidade Federal de Santa Catarina (SAPSI/UFSC) a fim de garantir atendimento psicológico.

Farei três perguntas gerais para que o (a) senhor (a) fale com suas palavras da forma mais detalhada possível tudo o que lhe vier a cabeça.

Então vamos começar.

Questões gerais:

- O que o (a) senhor (a) pensa sobre a vida?
- O que o (a) senhor (a) pensa sobre a velhice?
- O que o (a) senhor (a) pensa a respeito da espiritualidade?
- O que o (a) senhor (a) pensa sobre o após a morte?

Tópicos complementares:

- Quais foram os momentos importantes da sua vida?
- Quais momentos agradáveis foram vividos?

- Quais momentos desagradáveis foram vividos?
- Como era a vida na infância?
- Como viveu sua juventude?
- Como viveu sua vida de adulto?
- Como o (a) senhor (a) percebe sua vida agora?
- O (a) senhor (a) percebe alguma diferença no seu jeito de viver a vida ao longo do tempo?
- O que o (a) senhor (a) pensa sobre o envelhecimento?
- No decorrer dos anos, o (a) senhor (a) precisou de ajuda para resolver problemas?
- Poderia falar mais sobre quais foram os problemas e como procurou resolvê-los?
- Como costuma enfrentar problemas hoje?
- Qual o sentido da vida para o senhor (a)?

No processo de conclusão da entrevista foi pontuada a aproximação com a finalização do encontro através da dessensibilização que segue.

O (a) senhor (a) achou da entrevista?

Gostaria de falar mais alguma coisa que não tenha sido dita?

Para encerrar o encontro serão solicitadas as seguintes informações:

1. Sexo: () Masculino () Feminino
2. Idade: _____
3. Naturalidade: _____
4. Escolaridade: _____
5. Profissão: _____
6. Estado civil: _____
7. Com quem mora: _____
8. Necessidade de ajuda para realizar quais atividades: _____
9. Em caso de necessidade quem o ajuda: _____
10. Religião: _____
11. Prática religiosa: _____
12. Doenças crônicas: _____

A entrevista foi finalizada com agradecimentos pela participação.

10.2 Apêndice 2 – Transição entre os temas e elementos narrativos.

Participante 1	Sexo masculino, 83 anos
Nome da entrevista	<i>O facilitador da existência</i>
Transição entre os temas	vida → velhice → vida → espiritualidade → vida → após a morte.
Temas	Elementos narrativos centrais
Vida	Papeis sociais de pai e avô; educação dos filhos; trabalho; educação; valorização da vida e dádiva da natureza
Velhice	Família, acesso a saúde facilitada pelos recursos financeiros, desgaste físico: adoecimento, limitações físicas; proximidade com a morte; oferta da vida e satisfação pessoal.
Espiritualidade	Religião: igreja; solidariedade; personalidade; evolução da humanidade; convivência social e sopro da vida
Após a morte	Religião, respeito pelas diferentes visões, fim da vida e sono eterno
Participante 2	Sexo masculino, 82 anos.
Nome da entrevista	<i>Avô com mil e uma utilidades</i>
Transição entre os temas	vida → espiritualidade → velhice → vida → velhice → espiritualidade → após a morte → vida → morte → velhice → vida.
Temas	Elementos narrativos centrais
Vida	Trabalho: escolhas e planejamento profissional; papel social de avô; educação e perda de pessoas próximas ou familiares.
Velhice	Falta de expectativa de futuro; proximidade com a morte, limitações físicas; sentir-se útil; disponibilidade de tempo; recursos financeiros; saúde: atividade física, medicamento e convivência social
Espiritualidade	Conformismo com a existência de Deus, descrença de dogmas religiosos, religião e desinteresse pelo tema
Após a morte	Desinteresse, dúvida e incógnita.
Participante 3	Sexo feminino, 81 anos

Nome da entrevista	<i>A idosa solitária</i>
Transição entre os temas	vida → velhice → após a morte → espiritualidade → velhice → vida → espiritualidade → velhice → vida → espiritualidade → velhice → espiritualidade → vida → velhice → após a morte → espiritualidade
Temas	Elementos narrativos centrais
Vida	saber viver; preparar-se para a morte; dádiva de Deus; solidariedade; amor pelos filhos; felicidade e dificuldades no casamento
Velhice	tristeza; solidão: busca de companhia na televisão e tricô; morte: proximidade e perdas; desprezo; empecilho e vigilância dos filhos
Espiritualidade	Deus; orações; igreja; fé; promessas; espírito santo; temor da morte.
Após a morte	céu: lugar bom, feliz e bonito; descanso: sem trabalho; espíritos invisíveis
Participante 4	Sexo masculino, 84 anos
Nome da entrevista	<i>O idoso otimista</i>
Transição entre os temas	vida → espiritualidade → vida → espiritualidade → após a morte → espiritualidade → vida → velhice → vida → espiritualidade → vida → após a morte → espiritualidade → velhice → vida → espiritualidade → velhice → vida.
Temas	Elementos narrativos centrais
Vida	aprendizado: desenvolvimento intelectual, pensamento positivo, correção de erros, experiências; outras vidas: evolução espiritual, espiritualidade; ajuda recíproca entre as pessoas; família; felicidade e amor.
Velhice	desgaste natural do corpo físico: limitações físicas, problemas de saúde; exercício do papel social de avô: sentir-se útil, troca de experiências, manter-se participativo; cuidados com a saúde: movimentação do corpo; autodomínio: receio de tornar-se dependente e atrapalhar, cuidados familiares

	excessivos; etapa da vida; desafio e morte.
Espiritualidade	Deus como energia e perfeição; responsabilidade humana: livre arbítrio, desenvolvimento moral e intelectual; evolução espiritual: lei de causa e efeito, força do pensamento; doutrina espírita: reencarnação, outras vidas; realidade do espírito; oração; amor; trabalho voluntário e convívio social.
Após a morte	outras vidas: transcendência da matéria, vida do espírito; perfeição e manutenção do universo; forma de aprendizado; mundo verdadeiro; manutenção do caráter e força do pensamento.
Participante 5	Sexo feminino, 82 anos
Nome da entrevista	<i>Do campo à capital</i>
Transição entre os temas	vida → velhice → espiritualidade → velhice → vida → espiritualidade → vida → espiritualidade → velhice → espiritualidade → velhice → vida → espiritualidade → velhice → espiritualidade
Temas	Elementos narrativos centrais
Vida	Pensamento positivo; pedir ajuda; manter-se bem; beleza; Deus; família; festas; alegria; morte; casamento e educação.
Velhice	Deus; Nossa Senhora; família: cuidado e vigilância dos filhos; limitações físicas: cansaço; desafio; proximidade com a morte; aceitação; superação; medo; atividade física; adoecimento; vida e leituras
Espiritualidade	Alma; morte; após a morte; Deus; ressurreição; igreja; anjos da guarda; fé; oração; paciência; solidariedade e religião.
Após a morte	Ressurreição; ajuda dos anjos; além; céu; inferno; purgatório e lugar bom.
Participante 6	Sexo masculino, 81 anos
Nome da entrevista	<i>O contemplador da natureza</i>
Transição entre os temas	espiritualidade → vida → após a morte → velhice → vida → espiritualidade → velhice → vida → velhice → espiritualidade → velhice → vida → velhice → após a morte → vida →

	após a morte.
Temas	Elementos narrativos centrais
Vida	Trabalho: cabeça ocupada e dinheiro; família; natureza: lua, estrelas, chuva, plantas; morte: perfeição; respeito entre pessoas; bons modos; alimentação.
Velhice	Falta de expectativa de futuro; morte; esquecimento; família; limitações físicas; mudança na aparência; desgaste natural do corpo; parte da natureza; saúde: fazer o que gosta, atividade física, cabeça ocupada, pensamento positivo; manter-se ocupado; adoecimento e passar dos anos.
Espiritualidade	Arreligiosidade; descrença; morte; evolução tecnológica; desinteresse pelo tema e comércio.
Após a morte	Desinteresse; fim da vida; morte como fim e ausência de pensamento
Participante 7	Sexo feminino, 81 anos
Nome da entrevista	A octogenária decidida
Transição entre os temas	vida → espiritualidade → velhice → espiritualidade → após a morte → velhice → espiritualidade → após a morte → vida → velhice → após a morte → vida → velhice.
Temas	Elementos narrativos centrais
Vida	Etapas; saudades; morte: perda de familiares; força; autoestima; família; viagens; casamento; alegrias; festas; Deus; singularidade.
Velhice	Limitações físicas; cuidados com a aparência; família; amizade; viagens; manter-se ativa; morte; recordações; casamento; aposentadoria; vaidade; adoecimento; tristeza; alimentação; remédio; atividade física; cuidado dos filhos; mudança de pensamento e autonomia.
Espiritualidade	Religião; bondade; simpatia; solidariedade; igreja; fé; dúvida.
Após a morte	Alma; lugar lá em cima; ser superior; infinito; punição e perdão.

Participante 8	Sexo feminino, 82 anos
Nome da entrevista	A professorinha
Transição entre os temas	vida→ velhice→ espiritualidade→ após a morte→ espiritualidade→ velhice.
Temas	Elementos narrativos centrais
Vida	Felicidade; família; adoecimento; festas; educação; trabalho: satisfação profissional; comunicação; convivência social; filhos; dificuldades; determinação; persistência; morte; luto e escolhas.
Velhice	Manter-se ativa; convivência social; adoecimento; autonomia; persistência; família; cuidado dos filhos; vigilância dos filhos; processo natural da vida; singularidade; mudança gradual; passar dos anos; cuidados; disponibilidade de tempo; necessidade de companhia e proximidade com a morte.
Espiritualidade	Morte; preparação para a morte; Deus; oração; proteção divina; parte da vida; fé; após a morte; paciência; solidariedade; convivência social; amor e comunicação.
Após a morte	Continuação da vida; julgamento divino; Deus; reencontro e paz.
Participante 9	Sexo feminino, 82 anos
Nome da entrevista	<i>A construtora do próprio caminho</i>
Transição entre os temas	espiritualidade → após a morte → vida→ velhice→ vida →velhice→vida→velhice espiritualidade→ após a morte→ espiritualidade→ velhice.
Temas	Elementos narrativos centrais
Vida	Família; educação; maturidade; bem; mal; escolhas; amizade; trabalho; casamento; morte; separação; Deus; boas ações; dinheiro e seriedade.
Velhice	Limitações físicas; lembranças; compromissos; mudança gradativa; adoecimento; falta de expectativa de futuro; presente; solidariedade; família; casamento; convívio social; viajar; dinheiro; morte; saúde; mudança na aparência; alimentação; cuidado e

	experiência de vida.
Espiritualidade	Após a morte; Deus; céu; inferno; religião; bondade; vida melhor; morte; preparação para a morte; grandiosidade; reciprocidade e solidariedade.
Após a morte	Ser superior; finalidade imaterial; céu; inferno e reencontro.
Participante 10	Sexo masculino, 81 anos
Nome da entrevista	O velho aventureiro
Transição entre os temas	vida → velhice → vida → velhice → espiritualidade → após a morte → espiritualidade → velhice → vida → velhice → vida → velhice → vida → velhice.
Temas	Elementos narrativos centrais
Vida	Trabalho; dinheiro; querer viver; melhor coisa; saúde; alegria; recordações; pensamento positivo; momentos; imprevisível e adaptação.
Velhice	Dificuldades; memória; limitações físicas; adoecimento; parte da vida; aposentadoria; trabalho; esforço; cansaço; desgaste natural do corpo e família.
Espiritualidade	Nascer; viver; morrer; espiritismo; inexistência; solidariedade; família e cuidado.
Após a morte	Cemitério; inexistência e fim da vida.
Participante 11	Sexo feminino, 82 anos
Nome da entrevista	Emoção a flor da pele
Transição entre os temas	vida → velhice → vida → velhice → espiritualidade → após a morte → velhice → vida → espiritualidade → vida → após a morte → espiritualidade → vida.
Temas	Elementos narrativos centrais
Vida	Alegria; luto; qualidade de vida; emoção; casamento; família; trabalho; dinheiro; amizades; pensamento positivo; perdão e convívio social.
Velhice	Ausência de expectativa de futuro; viver o presente; Deus; atividade física; manter-se ativo; vida; casamento; luto; família; adoecimento; limitações físicas; dinheiro;

	preparação para a velhice; convívio social; amizades e viagens.
Espiritualidade	Fé; oração; igreja; religião; alma; ressurreição; fazer o bem; solidariedade; misericórdia; Deus; julgamento; família; amizades; proteção e mistério.
Após a morte	Alma; espírito; outra dimensão; lugar bonito; dia final; Deus; anjos; tranquilidade; estágios e vida eterna.
Participante 12	Sexo feminino, 91 anos
Nome da entrevista	<i>A artesã de cabelos brancos</i>
Transição entre s temas	vida → velhice → espiritualidade → após a morte → vida → velhice → após a morte → espiritualidade → vida → espiritualidade → velhice → espiritualidade.
Temas	Elementos narrativos centrais
Vida	Família; perda de familiares; morte; vivências; separação; adoecimento; doutrina espírita; Deus; trabalho: dona de casa; abdicação e aprendizado.
Velhice	Perdas; Deus; proteção; manter-se ativa: artesanato; processo natural da vida; adaptação; mudanças na aparência; limitações físicas; vigilância dos filhos; alimentação; convívio social; amizades; família; autonomia; revolta e aceitação.
Espiritualidade	Vida; encarnações; estágios de evolução; oração; espiritismo; solidariedade; mediunidade; caridade; após a morte; pensamento positivo; Deus e preparação para a morte.
Após a morte	Espírito; espaço; evolução espiritual; reencarnação; vida pura; amor e espiritismo.
Participante 13	Sexo masculino, 93 anos
Nome da entrevista	O saudoso apaixonado
Transição entre os temas	vida → velhice → espiritualidade → vida → espiritualidade → após a morte → espiritualidade → velhice → vida → espiritualidade.
Temas	Elementos narrativos centrais

Vida	Lembranças; convivência social; família; dificuldades; educação; bons hábitos; trabalho; aprendizado; iniciativa; coragem; respeito pelos semelhantes; adoecimento; Deus; proteção divina; casamento e dinheiro.
Velhice	Esquecimento; passado; manutenção da personalidade; processo gradual; proximidade com a morte; cuidados; preservação; adoecimento; limitações físicas; desgaste natural do corpo; parte da vida e aprendizado.
Espiritualidade	Doutrina espírita; inteligência; Deus; amor; mediunidade; perdão; solidariedade; caridade; após a morte; luto; proximidade com Deus; reencarnação; bondade; oração; sentimentos; preparação para a morte; julgamento divino e fé.
Após a morte	Reencontro; alma; espírito; evolução espiritual; outras vidas; reencarnação.
Participante 14	Sexo feminino, 88 anos
Nome da entrevista	A religiosa
Transição entre os temas	vida → espiritualidade → após a morte → espiritualidade → velhice → espiritualidade → velhice.
Temas	Elementos narrativos centrais
Vida	Dádiva divina; família; casamento; disciplina; educação; trabalho; adoecimento; morte; dificuldades e Deus.
Velhice	Pecado; herança humana; pensamento positivo; morte; Deus; gratidão; limitações físicas; convívio social; lembranças; desgaste natural do corpo; sentir-se útil; manter-se ativa; imprestável; vida; alegria; atividade física; adoecimento e alimentação.
Espiritualidade	Deus; bíblia; religião; morte; preparação para a morte; ressurreição; julgamento divino; amor; corpo espiritual; espírito; invisível; Adão e Eva e pecado.
Após a morte	Paraíso; terra; ausência de maldade; ausência de sofrimento; matéria; prática do

	bem e Armageddon
Participante 15	Sexo feminino, 82 anos
Nome da entrevista	<i>A idosa da pracinha</i>
Transição entre os temas	vida→ velhice→ espiritualidade→ após a morte→vida.
Temas	Elementos narrativos centrais
Vida	Paz; saúde; casamento; família; conflitos familiares; dificuldades; Deus; adoecimento; liberdade da mulher; tradição; modernidade; participação social; ajuda e agradecimento.
Velhice	Vigilância dos filhos; cuidados com a aparência; limitações físicas; manter-se ativa; adoecimento; morte; autonomia; aposentadoria e reconhecimento.
Espiritualidade	Fé; santos; milagres; Deus e promessas.
Após a morte	Espíritos; reencarnação e benzedura.
Participante 16	Sexo masculino, 102 anos
Nome da entrevista	O centenário esperançoso
Transição entre os temas	vida→ velhice→ espiritualidade→ após a morte→ espiritualidade → vida → velhice→ vida→ velhice.
Temas	Elementos narrativos centrais
Vida	Trabalho: satisfação profissional; família; dinheiro; reconhecimento; solidariedade; amizades; casamento e perdão.
Velhice	Família; cuidados; vida; satisfação; gratidão; solidariedade; dependência: cegueira; limitações físicas; aceitação; orgulho e convívio social: conversas.
Espiritualidade	Acertar na vida; agir corretamente: noção de certo e errado; pensamento positivo; paciência; solidariedade; céu; inferno; julgamento divino; religião; bondade; morte; fazer o bem e esperança.
Após a morte	Religião; céu; inferno; purgatório; outro lado; vastidão; alma; desconfiança e aceitação.

Participante 17	Sexo feminino, 80 anos
Nome da entrevista	A idosa politizada
Transição entre os temas	vida→ velhice→ vida→ velhice→ vida → velhice→ vida→ espiritualidade→ após a morte→ espiritualidade.
Temas	Elementos narrativos centrais
Vida	Etapas; família; casamento; dinheiro; educação; morte; passagem; solidariedade; amizades; profissão; injustiça; valorização e política.
Velhice	Convívio social; amizades; viagens; manter-se ativo; diversão; autonomia; limitações físicas; ajuda; família; cuidados com a saúde; estudar; recursos financeiros; intelectualidade e diminuição do ritmo de festas.
Espiritualidade	Religião; igreja; anjos; fé; oração; Deus; fazer o bem; freio para os instintos humanos; disciplina; proteção; amor a pátria e após a morte.
Após a morte	Outro lado; justiça divina; céu; reencarnação; outros planetas; Deus; desconfiança; dúvida; canal de luz; confusão e aceitação.
Participante 18	Sexo masculino, 81 anos
Nome da entrevista	O idoso encantador
Transição entre os temas	vida→ velhice→ vida→ velhice→ vida→ velhice→ espiritualidade→ após a morte→ espiritualidade → velhice → vida→ após a morte.
Temas	Elementos narrativos centrais
Vida	Beleza; família; trabalho; educação; aposentadoria; dificuldades; dinheiro; amizades; solidariedade; casamento; diversão; responsabilidade; disciplina e patrimônio.
Velhice	Processo gradual; espiritualidade; fé; Deus; luta; dificuldades; adoecimento; remédio; trabalho; manter-se ativo; limitações físicas; amizades; convívio social; alimentação; família; experiência; tristeza; pensamento

	positivo; disciplina; irritação e morte.
Espiritualidade	Fazer as coisas certas; pensamento positivo; paciência; oração; Deus; preparação para a morte; caridade; solidariedade; proteção; milagres; espírito e amizades.
Após a morte	Deus; chamado divino; continuidade da vida; julgamento divino; alma e incertezas.
Participante 19	Sexo masculino, 88 anos
Nome da entrevista	O justiceiro social
Transição entre os temas	vida→ espiritualidade→ após a morte→ espiritualidade→ velhice→ vida→ velhice.
Temas	Elementos narrativos centrais
Vida	Vitória; singularidade; família; educação; Deus; personalidade; cultura; amizades; adoecimento; superação; proteção divina e casamento.
Velhice	Limitações físicas; experiências; inteligência; política; aposentadoria; exclusão social; amizades; morte; ausência de expectativa de futuro; processo; desgaste natural do corpo; irritação; piedade; autonomia; casamento; espiritualidade e preparação para a morte.
Espiritualidade	Doutrina espírita; alma; espírito; reencarnação; após a morte; bondade; religiões; justiça social; Deus; ciência; proteção divina; mediunidade; morte e preparação para a morte.
Após a morte	Outro plano; reencarnação e evolução espiritual.
Participante 20	Sexo feminino, 84 anos.
Nome da entrevista	A filósofa contemplativa
Transição entre os temas	vida→ após a morte→ espiritualidade→ vida→ espiritualidade→ vida→ velhice→ vida→ velhice.
Temas	Elementos narrativos centrais
Vida	Após a morte; espiritualidade; morte; Deus; liberdade; educação; viagens; altruísmo; gratidão; natureza; universo; revolução tecnológica; casamento; família; emoção;

	solidariedade; perdas; singularidade e escolhas.
Velhice	Preservação da essência; após a morte; ausência de expectativa de futuro; família; Deus; satisfação; manter-se ativa; proteção divina; limitações físicas; atividade física; cuidados; alimentação; espiritualidade; convivência social; vigilância dos filhos; autonomia e adaptação.
Espiritualidade	Após a morte; justiça divina; reencarnação; doutrina espírita; Deus; amor; pensamento positivo; evolução da humanidade; inteligência e oração.
Após a morte	Doutrina espírita; reencarnação; missão; determinação divina e estágios de evolução.
Participante 21	Sexo feminino, 91 anos
Nome da entrevista	A solidária
Transição entre os temas	espiritualidade→ velhice→ vida→ espiritualidade→ após a morte→ espiritualidade→ vida→ velhice→ vida→ espiritualidade→ velhice.
Temas	Elementos narrativos centrais
Vida	Beleza; conformismo; pensamento positivo; dádiva divina; família; gratidão; respeito; benção; preocupação; esquecimento; luto; morte; trabalho; educação; oração e espiritualidade.
Velhice	Personalidade; perdão; pensamento positivo; castigo; limitações físicas; Deus; aceitação; dependência; família; manter-se ativa; amizades; convívio social; isolamento; perdas familiares; vigilância dos filhos e autonomia.
Espiritualidade	Doutrina espírita; vida; após a morte; trabalho voluntário; caridade; Deus; evolução espiritual; convívio social; após a morte; outras vidas; reencarnação; solidariedade; mediunidade; anjos; presente; proteção; família e forma de viver.
Após a morte	Outra dimensão; outro lado; espíritos

	de luz e continuação da vida.
Participante 22	Sexo feminino, 84 anos.
Nome da entrevista	A idosa do canarinho amarelo
Transição entre os temas	vida→ velhice→ espiritualidade→ velhice→ após a morte→ vida→ velhice.
Temas	Elementos narrativos centrais
Vida	Família; boa; casamento; morte; felicidades; dificuldades; Deus; ajuda; proteção divina; oração; afastamentos familiares; adoecimento; dinheiro; trabalho; experiências e iniciativa.
Velhice	Mudança na aparência; parte da vida; morte; limitações físicas; manutenção da personalidade; paciência; Deus; netos; rotina; medo da morte; instabilidade no humor; manter-se ativa e feiúra.
Espiritualidade	Doutrina espírita; cura; proteção divina; cirurgia espiritual; Deus; milagres e outras vidas.
Após a morte	Outro lado, espíritos e reencarnação.
Participante 23	Sexo masculino, 82 anos
Nome da entrevista	O pregador da bíblia
Transição entre os temas	vida→ espiritualidade→ após a morte→ espiritualidade→ após a morte→ espiritualidade → velhice.
Temas	Elementos narrativos centrais
Vida	Dificuldades; pobreza; trabalho; educação; família; fome; sacrifício; casamento; honra; honestidade; coragem; mudança e superação.
Velhice	Prazer; saúde; adoecimento; manter-se ativo; cuidados; limitações físicas; família; respeito; casamento; cuidado dos filhos; maravilhosa; precaução; religião; Deus; pregação da palavra de Deus; adaptação; trabalho e alimentação.
Espiritualidade	Bíblia; riqueza espiritual; preparação para a morte; ressurreição; Deus; espírito santo; pregação da palavra de Deus; adão e Eva; pecado; verdade; satanás; família;

	solidariedade; honestidade; ciência e fazer o bem.
Após a morte	Terra; vida sem violência; Deus; bondade; governo celestial; Armagedom; anjos; vida; ressurreição e destruição.
Participante 24	Sexo masculino, 85 anos.
Nome da entrevista	O médico poeta
Transição entre os temas	vida→ espiritualidade→ vida→ espiritualidade → vida → espiritualidade→ após a morte→ velhice.
Temas	Elementos narrativos centrais
Vida	Sentimentos; família; casamento; trabalho: satisfação profissional; educação; amizades; respeito; religião; Deus; saúde; adoecimento; espiritualidade; morte; saudades e conforto.
Velhice	Desgaste do corpo físico; lembranças; espiritualidade; após a morte; Deus; aprendizado; respeito; limitações físicas; alegrias; despedidas; preparação para a morte; família; pensamento positivo; convívio social; luto; reconhecimento e experiências.
Espiritualidade	Bíblia; religião; família; igreja; oração; pregação da palavra de Deus; Deus; amizades; respeito; proteção; cura; fé; pensamento positivo; convívio social; morte; espírito e alma.
Após a morte	Espiritualidade; alma; morte; outro lado: lado divino e Deus.
Participante 25	Sexo feminino, 84 anos.
Nome da entrevista	Batizada e renovada
Transição entre os temas	vida→ espiritualidade→ após a morte→ espiritualidade→ velhice → espiritualidade→ velhice→ após a morte→ espiritualidade → velhice.
Temas	Elementos narrativos centrais
Vida	Fé; ressurreição; tempo; religião; Deus; amizades; bíblia; igreja; trabalho; honestidade; casamento; convívio social; morte; tristeza; adoecimento; educação;

	viagens; criação dos filhos; solidão; dificuldades; coragem e proteção divina.
Velhice	Feiúra; pensamento positivo; Deus; manter-se ativa; mudança na aparência; limitações físicas; convívio social; perdas familiares; preparação para a morte; aceitação; família; medo; necessidade de companhia; cuidados: alimentação; atividade física; adoecimento; experiência; dar bom exemplo; reconhecimento e exercício do papel de avó.
Espiritualidade	Religião; batismo; Deus; fé; igreja; pregação da palavra de Deus; segurança; proteção; julgamento divino; ressurreição; preparação para a morte; solidariedade e punição.
Após a morte	Ressurreição; mundo novo; perfeição e felicidade.
Participante 26	Sexo masculino, 87 anos.
Nome da entrevista	O estofador de conversas
Transição entre os temas	vida→ velhice→ espiritualidade→ após a morte→ vida→ velhice.
Temas	Elementos narrativos centrais
Vida	Família; maravilhosa; pobreza; trabalho; casamento; dificuldades; dinheiro; solidariedade; aposentadoria; adoecimento; tristezas e coragem.
Velhice	Amizades; satisfação; saúde; Deus; proximidade com a morte; adoecimento; tristezas; felicidades; dinheiro; morte; casamento; necessidade de companhia; limitações físicas; convívio social; solidão; tempo livre; medo; vulnerabilidade e Deus
Espiritualidade	Viver o presente; oração; Deus e proteção divina.
Após a morte	Fim da vida; morreu acabou.
Participante 27	Sexo feminino, 84 anos.
Nome da entrevista	A enlutada esperançosa
Transição entre os temas	vida→ velhice→ espiritualidade→ após a morte→ espiritualidade→ velhice→ vida→ velhice→ após a morte→ espiritualidade.

Temas	Elementos narrativos centrais
Vida	Dificuldades; adoecimento; perda de familiares; sofrimento; pesar; família; nascimento dos filhos; tristeza; casaemtno; netos e conflito familiar.
Velhice	Manutenção da personalidade; desgaste físico do corpo; convivência social; fazer o que gosta: viajar; labiliade emocional; luto; neto; cuidados dos filhos; Deus; família; limitações físicas; acomodação; pensamento positivo; manter-se ativa: ocupara a cabeça, trabalhos manuais; experiência para os mais jovens; autonomia; casamento; problemas; dinheiro; vigilância dos filhos e determinação.
Espiritualidade	Morte; religiões; espiritismo; convívio social; desinteresse; oração; santos; revolta; aceitação; proteção divina; gratidão e cemitério.
Após a morte	Incógnita; espiritismo; espírito e dúvida.
Participante 28	Sexo masculino, 84 anos.
Nome da entrevista	O advogado emocionado
Transição entre os temas	vida→ velhice→ espiritualidade→ velhice→ espiritualidade→ após a morte.
Temas	Elementos narrativos centrais
Vida	Existência; racionalidade; convivência social; conhecimento; família; confraternização; comunicação; temporalidade; perda de familiares; dificuldades; saudade; lembranças; amadurecimento; educação; trabalho: satisfação profissional; resignação; revolta; qualidade de pensamento.
Velhice	Tempo livre; manter-se ativo; estudar; tristeza; diferentes visões; limitações físicas; desgaste natural; experiências; passar dos anos; comercio; preservação; manutenção da personalidade; cuidados: alimentação, lazer; convívio social; regramento; saúde; família; amizades; emoção; atividade sexual; natural da vida.

Espiritualidade	Qualidade de pensamento; pensamento positivo; cultura; apreciação a obras de arte; meditação; Deus; morte; inteligência; beleza divina; incógnita; natureza; convivência social; corrigir erro; vida.
Após a morte	Desconhecimento; fim da existência; ciência; imaginário.
Participante 29	Sexo masculino, 81 anos.
Nome da entrevista	O pescador que comeu o pão que o diabo amassou
Transição entre os temas	vida→ velhice→ vida→ velhice→ espiritualidade→ após a morte→ espiritualidade→ velhice.
Temas	Elementos narrativos centrais
Vida	Frustrações; descontentamento; injustiça social; dinheiro; família; filhos; adoecimento; tristeza; sacrifício; Deus; morte; luto; pobreza; fome; dificuldades; trabalho; solidariedade; proteção divina e convivência social.
Velhice	Experiências; limitações físicas; isolamento; proximidade com a morte; família; cuidado dos filhos; perda de autonomia; necessidade de companhia; casamento; desgaste natural do corpo; vontade de viver; disponibilidade de tempo; avô; aceitação e cuidados.
Espiritualidade	Alma; dúvida; incertezas; morte; Deus; natureza; dádiva divina; castigo; convivência social e solidariedade.
Após a morte	Morte como fim da existência.
Participante 30	Sexo masculino, 89 anos.
Nome da entrevista	O velho trabalhador
Transição entre os temas	vida→ velhice→ vida→ velhice→ vida→ velhice→ vida→ velhice→ espiritualidade→ após a morte→ espiritualidade→ velhice→ vida→ velhice→ vida→ espiritualidade. O
Temas	Elementos narrativos centrais
Vida	Desenvolvimento humano; casamento;

	filhos; família; trabalho; morte; injustiça social; Deus; honestidade; adoecimento; decisão divina; escolhas; fé; dinheiro e convivência social.
Velhice	Manter-se ativo: trabalho; bem estar; adoecimento; cuidados médicos; respeito; solidariedade; Deus; pensamento positivo; orgulho; vontade de viver; reconhecimento social; convivência social; atividade sexual; tristeza; limitações físicas; parte da vida; família; proximidade com a morte; rejuvenescimento e dinheiro.
Espiritualidade	Deus; dúvida; honestidade; julgamento divino na terra; morte; natureza; fazer o bem; solidariedade.
Após a morte	Morte como fim da existência, desaparecimento e bobagem.

10.3 Apêndice 3 – Variáveis de caracterização dos participantes

Participante 1	Sexo masculino, 83 anos
Nome da entrevista	<i>O facilitador da existência</i>
Escolaridade	Ensino superior
Profissão	Funcionário público aposentado
Estado Civil	Casado
Com quem mora	Cônjuge
Necessita ajuda	Levantar peso excessivo
Quem o ajuda	Filhos e genro
Religião	Católica
Prática religiosa	Privada
Doenças crônicas	Presença
Participante 2	Sexo masculino, 82 anos.
Nome da entrevista	<i>Avô com mil e uma utilidades</i>
Escolaridade	Ensino superior
Profissão	Funcionário público aposentado
Estado Civil	Viúvo – namorando
Com quem mora	Sozinho
Necessita ajuda	Não
Quem o ajuda	Filha
Religião	Católica
Prática religiosa	Sem prática
Doenças crônicas	Ausência
Participante 3	Sexo feminino, 81 anos
Nome da entrevista	<i>A idosa solitária</i>
Escolaridade	Ensino médio
Profissão	Professora aposentada
Estado Civil	Viúva
Com quem mora	Filha
Necessita ajuda	Não
Quem o ajuda	Filha
Religião	Católica
Prática religiosa	Privada e pública
Doenças crônicas	Presença
Participante 4	Sexo masculino, 84 anos
Nome da entrevista	<i>O idoso otimista</i>
Escolaridade	Ensino médio

Profissão	Administrador aposentado
Estado Civil	Casado
Com quem mora	Cônjuge
Necessita ajuda	Não
Quem o ajuda	Família e amigos
Religião	Espírita
Prática religiosa	Privada e pública
Doenças crônicas	Ausência
Participante 5	Sexo feminino, 82 anos
Nome da entrevista	<i>Do campo à capital</i>
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto
Profissão	Lavradora aposentada
Estado Civil	Viúva
Com quem mora	Sozinha
Necessita ajuda	Faxina pesada
Quem o ajuda	Filha
Religião	Católica
Prática religiosa	Privada e pública
Doenças crônicas	Presença
Participante 6	Sexo masculino, 81 anos
Nome da entrevista	<i>O contemplador da natureza</i>
Escolaridade	Ensino fundamental
Profissão	Comerciário aposentado
Estado Civil	Casado
Com quem mora	Cônjuge
Necessita ajuda	Não
Quem o ajuda	Esposa
Religião	Sem religião
Prática religiosa	Sem prática
Doenças crônicas	Presença
Participante 7	Sexo feminino, 81 anos
Nome da entrevista	<i>A octogenária decidida</i>
Escolaridade	Ensino fundamental
Profissão	Do lar
Estado Civil	Viúva
Com quem mora	Filha
Necessita ajuda	Não
Quem o ajuda	Filha

Religião	Católica
Prática religiosa	Privada e pública
Doenças crônicas	Presença
Participante 8	Sexo feminino, 82 anos
Nome da entrevista	<i>A professorinha</i>
Escolaridade	Ensino médio
Profissão	Professora aposentada
Estado Civil	Viúva
Com quem mora	Sozinha
Necessita ajuda	Não
Quem o ajuda	Família
Religião	Católica
Prática religiosa	Privada e pública
Doenças crônicas	Presença
Participante 9	Sexo feminino, 82 anos
Nome da entrevista	<i>A construtora do próprio caminho</i>
Escolaridade	Ensino médio
Profissão	Funcionária pública aposentada
Estado Civil	Casada
Com quem mora	Cônjuge
Necessita ajuda	Faxina pesada
Quem o ajuda	Famíliares
Religião	Católica
Prática religiosa	Privada e pública
Doenças crônicas	Presença
Participante 10	Sexo masculino, 81 anos
Nome da entrevista	<i>O velho aventureiro</i>
Escolaridade	Ensino médio
Profissão	Funcionário público aposentado
Estado Civil	Casado
Com quem mora	Cônjuge
Necessita ajuda	Não
Quem o ajuda	Esposa
Religião	Católica
Prática religiosa	Sem prática
Doenças crônicas	Presença
Participante 11	Sexo feminino, 82 anos
Nome da entrevista	<i>Emoção à flor da pele</i>

Escolaridade	Ensino médio
Profissão	Empresária aposentada
Estado Civil	Viúva
Com quem mora	Filha
Necessita ajuda	Não
Quem o ajuda	Filha ou cuidador profissional
Religião	Católica
Prática religiosa	Privada e pública
Doenças crônicas	Presença
Participante 12	Sexo feminino, 91 anos
Nome da entrevista	<i>A artesã de cabelos brancos</i>
Escolaridade	Ensino médio incompleto
Profissão	Do lar
Estado Civil	Viúva
Com quem mora	Filha e genro
Necessita ajuda	Não
Quem o ajuda	Filha
Religião	Espírita
Prática religiosa	Privada
Doenças crônicas	Presença
Participante 13	Sexo masculino, 93 anos
Nome da entrevista	<i>O saudoso apaixonado</i>
Escolaridade	Ensino Fundamental
Profissão	Comerciário aposentado
Estado Civil	Viúvo
Com quem mora	Familiares
Necessita ajuda	Não
Quem o ajuda	Cuidador profissional
Religião	Espírita
Prática religiosa	Privada e pública
Doenças crônicas	Presença
Participante 14	Sexo feminino, 88 anos
Nome da entrevista	<i>A religiosa</i>
Escolaridade	Ensino Fundamental incompleto
Profissão	Do lar
Estado Civil	Viúva
Com quem mora	Familiares
Necessita ajuda	Não

Quem o ajuda	Filhas e netos
Religião	Testemunha de Jeová
Prática religiosa	Privada e pública
Doenças crônicas	Presença
Participante 15	Sexo feminino, 82 anos
Nome da entrevista	<i>A idosa da pracinha</i>
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto
Profissão	Do lar aposentada
Estado Civil	Viúva
Com quem mora	Familiars
Necessita ajuda	Não
Quem o ajuda	Filhos
Religião	Católica
Prática religiosa	Privada
Doenças crônicas	Presença
Participante 16	Sexo masculino, 102 anos
Nome da entrevista	<i>O centenário esperançoso</i>
Escolaridade	Ensino médio incompleto
Profissão	Pedreiro aposentado
Estado Civil	Viúvo
Com quem mora	Familiars
Necessita ajuda	Locomoção, higiene pessoal, alimentação
Quem o ajuda	Familiars
Religião	Católica
Prática religiosa	Privada
Doenças crônicas	Presença
Participante 17	Sexo feminino, 80 anos
Nome da entrevista	<i>A idosa politizada</i>
Escolaridade	Ensino médio
Profissão	Do lar
Estado Civil	Viúva
Com quem mora	Sozinha
Necessita ajuda	Faxina pesada
Quem o ajuda	Cuidador profissional
Religião	Católica
Prática religiosa	Privada
Doenças crônicas	Presença

Participante 18	Sexo masculino, 81 anos
Nome da entrevista	<i>O idoso encantador</i>
Escolaridade	Ensino fundamental
Profissão	Vendedor aposentado
Estado Civil	Casado
Com quem mora	Familiares
Necessita ajuda	Não
Quem o ajuda	Esposa e filhos
Religião	Católica
Prática religiosa	Privada e pública
Doenças crônicas	Presença
Participante 19	Sexo masculino, 88 anos
Nome da entrevista	<i>O justiceiro social</i>
Escolaridade	Ensino superior
Profissão	Advogado e economista aposentado
Estado Civil	Casado
Com quem mora	Cônjuge
Necessita ajuda	Não
Quem o ajuda	Filhos
Religião	Espírita
Prática religiosa	Privada
Doenças crônicas	Presença
Participante 20	Sexo feminino, 84 anos.
Nome da entrevista	<i>A filósofa contemplativa</i>
Escolaridade	Ensino superior
Profissão	Funcionária pública aposentada
Estado Civil	Viúva
Com quem mora	Neta
Necessita ajuda	Não
Quem o ajuda	Filhas
Religião	Espírita
Prática religiosa	Privada
Doenças crônicas	Presença
Participante 21	Sexo feminino, 91 anos
Nome da entrevista	<i>A solidária</i>
Escolaridade	Ensino médio
Profissão	Funcionária pública aposentada
Estado Civil	Casada

Com quem mora	Cônjuge
Necessita ajuda	Não
Quem o ajuda	Filha
Religião	Espírita
Prática religiosa	Privada
Doenças crônicas	Presença
Participante 22	Sexo feminino, 84 anos.
Nome da entrevista	<i>A idosa do canarinho amarelo</i>
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto
Profissão	Do lar
Estado Civil	Viúva
Com quem mora	Filha
Necessita ajuda	Não
Quem o ajuda	Filha
Religião	Espírita
Prática religiosa	Privada
Doenças crônicas	Presença
Participante 23	Sexo masculino, 82 anos
Nome da entrevista	<i>O pregador da bíblia</i>
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto
Profissão	Funcionário público aposentado
Estado Civil	Casado
Com quem mora	Cônjuge
Necessita ajuda	Tarefas que exigem destreza, movimentos finos
Quem o ajuda	Familiares
Religião	Testemunha de Jeová
Prática religiosa	Privada e pública
Doenças crônicas	Presença
Participante 24	Sexo masculino, 85 anos.
Nome da entrevista	<i>O médico poeta</i>
Escolaridade	Ensino superior
Profissão	Médico obstetra aposentado
Estado Civil	Viúvo
Com quem mora	Sozinho
Necessita ajuda	Não
Quem o ajuda	Cuidador profissional
Religião	Presbiteriana

Prática religiosa	Privada
Doenças crônicas	Ausência
Participante 25	Sexo feminino, 84 anos.
Nome da entrevista	<i>Batizada e renovada</i>
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto
Profissão	Do lar
Estado Civil	Viúva
Com quem mora	Sozinha
Necessita ajuda	Não
Quem o ajuda	Filhos
Religião	Testemunha de Jeová
Prática religiosa	Privada e pública
Doenças crônicas	Presença
Participante 26	Sexo masculino, 87 anos.
Nome da entrevista	<i>O estofador de conversas</i>
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto
Profissão	Estofador aposentado
Estado Civil	Viúvo
Com quem mora	Familiares
Necessita ajuda	Não
Quem o ajuda	Familiares
Religião	Católica
Prática religiosa	Privada
Doenças crônicas	Presença
Participante 27	Sexo feminino, 84 anos.
Nome da entrevista	<i>A enlutada esperançosa</i>
Escolaridade	Ensino médio
Profissão	Do lar
Estado Civil	Viúva
Com quem mora	Empregada
Necessita ajuda	Não
Quem o ajuda	Familiares
Religião	Católica
Prática religiosa	Privada
Doenças crônicas	Presença
Participante 28	Sexo masculino, 84 anos.
Nome da entrevista	<i>O advogado emocionado</i>
Escolaridade	Ensino superior

Profissão	Advogado, professor de história e geografia aposentado
Estado Civil	Casado
Com quem mora	Cônjuge
Necessita ajuda	Não
Quem o ajuda	Filhos
Religião	Sem religião
Prática religiosa	Sem prática religiosa
Doenças crônicas	Ausência
Participante 29	Sexo masculino, 81 anos.
Nome da entrevista	<i>O pescador que comeu o pão que o diabo amassou</i>
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto
Profissão	Pescador aposentado
Estado Civil	Casado
Com quem mora	Cônjuge
Necessita ajuda	Cortar unhas do pé, colocar meias
Quem o ajuda	Esposa
Religião	Católica
Prática religiosa	Privada e pública
Doenças crônicas	Presença
Participante 30	Sexo masculino, 89 anos.
Nome da entrevista	<i>O velho trabalhador</i>
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto
Profissão	Comerciante aposentado
Estado Civil	Casado
Com quem mora	Cônjuge
Necessita ajuda	Não
Quem o ajuda	Familiares
Religião	Católica
Prática religiosa	Privada
Doenças crônicas	Presença

